



A UMBANDA

QUE A GENTE TOCA LÁ EM CASA

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO
O QUE PRECISO SABER SOBRE A UMBANDA?

3ª EDIÇÃO





O QUE PRECISO SABER SOBRE A UMBANDA?

O tema Umbanda é muito extenso e complexo, enquanto sacerdotisa e pesquisadora tenho certeza de que seus adeptos levarão mais de uma vida para compreender profundamente as questões que envolvem as práticas, doutrinas e fundamentos dessa religião.

A mistura de saberes, espirituais e científicos, que envolvem as muitas formas de praticar a Umbanda, são de grande importância para se estabelecer a prática de uma fé com bases que fornecerá ao umbandista um processo evolutivo mais holístico. Formando um indivíduo que com o decorrer dos anos, não apenas será mais um religioso, será um provedor de conhecimento desta filosofia de vida.

O saber espiritual, aquele provido através da espiritualidade, é o grande responsável pela nossa evolução holística, já o saber científico, nos ajuda a compreender a necessidade dessa evolução e suas aplicações.

Todos os temas abaixo são de grande importância para o conhecimento básico do dia a dia na Casa de Mãe Iemanjá. Como acredito numa escala evolutiva de saberes, iniciaremos com conceitos básicos para posteriormente, em apostilas futuras, aplicarmos uma visão mais profunda de cada tema aqui apresentado.



O QUE É UMBANDA?

Apesar de parecer uma questão muito simples, a Umbanda é, em si, tantas coisas que certamente todas as palavras aqui descritas serão insuficientes para traduzir sua importância e significado, por isso dividirei as explicações em tópicos principais:



ETIMOLOGIA

Existem muitos conceitos sobre o significado e origem da palavra Umbanda. Cada sacerdote ou autor, segundo suas crenças primordiais, buscam em idiomas e civilizações diferentes a origem dessa palavra e, por consequência, as raízes litúrgicas da própria religião.

Como pesquisadora, entendo que a fonte na qual se origina a informação precisa ser límpida, sem muita necessidade de reinterpretações, pois só assim garantimos que haja um fato e não um mito. Repasso aqui o estudo de um pesquisador angolano, o Prof. Heli Chatelain que foi publicado na Folk Tales of Angola e traduzido pelo sacerdote Da Matta e Silva (2016):



Umbanda, deriva-se de Ki-mbanda pela aposição do prefixo “u”, como u-ngana bem de ngana. (A) A Umbanda é a faculdade, ciência, arte, profissão, ofício



de: a) curar por meio de medicina natural (plantas, raízes, folhas, frutos) ou da medicina sobrenatural (sortilégios, encantamentos); b) adivinhando o desconhecido pela consulta às almas dos mortos ou aos gênios ou demônios, os quais são espíritos, nem humanos, nem divinos; c) induzindo esses espíritos, humanos ou não, a influir sobre os homens e sobre a natureza, de maneira benéfica ou maléfica, (B) As forças agindo na cura, na adivinhação e na influência dos espíritos. (C) Finalmente, Umbanda é o conjunto de sortilégios que estabelecem e determinam a ligação entre espíritos e o mundo físico.



Ainda sobre o tema, Silva (2016) ainda fala sobre a tradução da palavra Ki-mbanda que no idioma Banto significa sacerdote, curandeira, adivinho, invocador de espíritos, ou seja, um homem que tinha conhecimentos inclusive de magias.

As palavras são vivas e, com o passar dos anos, ganham novos significados que lhe são atribuídos pelo uso popular. A palavra quimbanda não fugiu dessa regra e, com o tempo, acabou sendo associada erroneamente, ganhando um novo significado carregado de preconceito. Segundo Carvalho (2019), a quimbanda é uma modalidade de culto afro-brasileiro habitualmente apresentado como mera inversão ético-moral da umbanda, acredita-se que se preservou em rituais com entidades espirituais que supostamente contestam ou invertem a ordem moral vigente.



Na quimbanda, as entidades espirituais ditas da linha da esquerda - que na umbanda geralmente ocupam posição muito importante, porém subalterna e periférica, que não rege o culto - assumem a primazia. Essa linha é descrita como “perigosa” e por isso na umbanda costuma ficar sob tutela da “direita”, o que informa ao interlocutor sobre possíveis riscos que precisam ser bem conhecidos. Sublinha-se que algumas entidades dessa linha se apresentam como o “povo da rua”, espíritos de moradores e crianças de rua, andarilhos, prostitutas, malandros. E nessa linha situam-se conhecidamente os exus, entidades moradoras do reino da escuridão, que por sua vez revelam os pontos verdadeiros da pessoa para que ela possa recitar-se relativamente a si mesma e às suas potencialidades, representando o desconhecido pessoal, e sendo indóceis ao discurso do outro e às tentativas de dominação. (CARVALHO, 2019)



HISTÓRIA E ADVENTO

Muitos médiuns concebem o advento da Umbanda a partir de seu mito fundador, no qual Zélio Fernandino de Moraes que, em 15 de novembro de 1908, funda a religião por meio da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Bem, é possível considerar tal informação como um dado de conhecimento geral, porém Carneiro (2014) cita em sua obra que em consulta ao livro de atas da Federação Espírita de Niterói não consta o nome de José de Souza (um dos médiuns que teria participado da fatídica reunião na qual é anunciado o surgimento da Umbanda), nem mesmo a realização de uma reunião na data em questão. Outro fato interessante é que a federação no ano de 1908 se localizava numa sala comercial, sem jardim para se buscar uma flor.



Legenda: reunião na Tenda Nossa Senhora da Piedade, a frente, na cadeira do centro o médium Zélio Fernandino de Moraes.

Considerando as informações citadas, não vejo a necessidade de se aprofundar em um mito que tenha por finalidade apenas coordenar e doutrinar as muitas práticas que compõe a Umbanda, portanto seguiremos apenas com os dados históricos que de fato são de grande valia para as ações ainda hoje praticadas na Casa de Mãe Iemanjá. Historicamente, segundo Silva (2005), a Umbanda como culto organizado nos padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, mesclaram com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras.

Apesar disso, estudiosos e pesquisadores como Silva (2005) já comprovaram que os elementos formadores da Umbanda já estavam presentes no universo religioso popular do final do século XIX, sobretudo nas práticas bantos. Sendo assim, no que tange a esse tema, cabe aqui uma afirmação: se a Umbanda como conhecida e praticada hoje na região sudeste surgiu nesse contexto histórico, as muitas Umbandas que compõe essa religião também são reflexo do advento paralelo que ocorreu de forma “caseira”, em muitos outros estados do Brasil e que sem uma pretensão de organização e pertencimento social, acabou se mesclando com outras práticas ou simplesmente desaparecendo com seus progenitores.

A Umbanda surgiu de uma necessidade, talvez até como meio para um reconhecimento das raízes que compõe o Brasil e o brasileiro. Indiferente da escola por ela praticada, é característico dessa religião o culto aos Orixás, assim como a sua adaptação através de um embranquecimento (sincretismo) dessas divindades e da exclusão ou adaptação dos elementos que compunham esse culto original-

mente (sacrifício de animais, por exemplo).

Através desta prática religiosa, tornou-se possível reconhecer a importância e a sabedoria da população brasileira. Em grande maioria, as linhas de trabalho da Umbanda (baianos, pretos-velhos, marinheiros, boiadeiros, etc.) são compostas por personalidades características da história e sociedade do nosso país.



A Umbanda constituiu-se, portanto, como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Por um lado, preservou a concepção kardecista do carma, da evolução espiritual e da comunicação com os espíritos e, por outro, mostrou-se aberta às formas populares dos cultos africanos. (SILVA, 2005, p.112).



RELIGIOSIDADE

Religiosamente tudo o que ocorre dentro do terreiro deveria ser orientado pelo Guia/Entidade Chefe, afinal o saber espiritual deve ser a principal fonte de conhecimento de todo umbandista. Sendo assim, apesar das divergências que cercam o mito da criação da Umbanda e o papel de Zélio Fernandino de Moraes quanto genitor dessa religião, é de consenso entre os estudiosos que Caboclo das Sete Encruzilhadas definiu a Umbanda como: a manifestação do espírito para a prática da caridade, uma religião na qual TODOS os espíritos poderiam se manifestar, seguindo a máxima de aprender com quem sabe mais e ensinar a quem sabe menos.

Outro ponto importante é compreender que a Umbanda é o sacerdócio em si, a capacidade de se reconhecer, se conhecer e através desse processo, conseguir transformar aquilo que nos prende a um padrão negativo de vida. Sendo assim, é correto afirmar que ser umbandista é estar disposto a viver em constante processo evolutivo do ser.



Legenda: reunião na Tenda Nossa Senhora da Piedade.

Segundo Cozta (2017) para haver evolução constante na criação, as mudanças e movimentos positivos devem começar por mim, por você e, conseqüentemente, ao nosso redor, em nossos grupos de convivência. Em outras palavras, não é possível evoluir sozinho.

O autoconhecimento é fundamental para que exista uma comunicação limpa com o sobrenatural. Se as orientações para a prática da Umbanda são necessariamente espirituais, passarão pelo processo de incorporação para que sejam reveladas. É preciso que o médium, além de preparado para ser o mecanismo dessa comunicação, tenha um profundo conhecimento de sua essência, a fim de reconhecer as possíveis influências de seu pensamento no que tange a essas orientações.

A verdadeira expansão da Umbanda ocorre através do exemplo, da luminosidade que é alimentada por ações e sabedoria e, por isso, dentro da Casa de Mãe Iemanjá consideramos a Umbanda mais do que uma religião, encaixando-se no conceito de filosofia de vida¹.

Nos movimentos cotidianos, nós, umbandistas, devemos manifestar os ensinamentos adquiridos colocando-os em prática o tempo todo.



SOCIEDADE

A Umbanda é um movimento revolucionário.

O regimento maior da Umbanda é a prática do amor e da caridade. Essa é a diretriz que rege todas as ações praticadas dentro desta crença. Existem muitas formas de se praticar o amor e a caridade espiritual e socialmente e talvez essa seja a maior diferença da construção religiosa da Umbanda. Dentro das diretrizes seguidas na Casa de Mãe Iemanjá a fé deve se espelhar na ação.

Segundo Comin (2017), considerada uma religião híbrida, a umbanda é marcada por elementos de diversas religiões que perpassam a miscigenação brasileira. Assim, congrega contribuições heterogêneas, de modo que seu culto se apresenta plural, dinâmico e abarca uma diversidade de guias espirituais em seu panteão. Entidades que representam, além de aspectos espirituais, figuras importantes



NOTAS:

1. **Filosofia de vida** é a expressão que serve para descrever um conjunto de ideias ou atitudes que fazem parte da vida de um indivíduo ou grupo. A filosofia de vida também pode ser definida por uma conduta que rege a forma de viver de uma pessoa. Muitas vezes essas normas são marcadas por uma religião (SIGNIFICADOS, 2022)



da constituição cultural do povo brasileiro, como indígenas, escravos e imigrantes. Apesar da perseguição e violência sofridas durante anos de sua construção enquanto religião legítima, devido à sua associação com práticas demoníacas e execução de malefícios, a umbanda se consolidou e se difundiu em todo território brasileiro, ainda que a resistência exista até a atualidade.

Em outras palavras, se hoje contamos com a ajuda daqueles que um dia foram considerados marginalizados (exus, malandros, negros), devemos devolver a mesma ajuda, afinal, só há equilíbrio se a via utilizada para a evolução for dupla. Recebemos da espiritualidade um auxílio sobrenatural que nos possibilita uma evolução, amparo e crescimento espiritual e material. Por sua vez, esse crescimento nos possibilita proporcionar ao nosso próximo (muitas vezes tão marginalizado quanto os guias quando estavam vivos) um auxílio material e amparo emocional. O equilíbrio desse ciclo é primordial para o reconhecimento da responsabilidade social de cada indivíduo e para o nosso reconhecimento como ser provedor de luz.

Segundo Cozta (2017) a Umbanda é uma grande escola social. Porque nos ensina a lidar com nossos limites, respeitando o espaço e os direitos dos nossos semelhantes. Se soubermos beber da essência do que nos é trazido pela Umbanda diretamente da fonte e aplicarmos realmente esses ensinamentos em nosso dia a dia, construiremos uma sociedade igualitária.



EVOLUÇÃO

A Umbanda é, e sempre será, evolução.

Para se respeitar uma raiz não há necessidade de impedir a evolução. Uma árvore que apenas alimente suas raízes, não terá utilidade, é preciso as folhas nascerem para que ela forneça a sombra, a troca de gases e assim encontre a razão de sua existência. O mesmo ocorre com a Umbanda.

Vivemos tempos de grandes mudanças sociais, situações nas quais a sociedade e a religiosidade dividem espaços cada vez mais estreitos; por isso, evoluem e modificam a prática umbandista.

A ingestão de bebidas, o sacrifício de animais, os despachos em locais públicos, entre outros fatores, podem gerar multas, transtornos e até julgamentos prejudiciais para a religião. Nesse contexto a evolução é necessária, pois caso ela não ocorra, a Umbanda não se adequará mais a sociedade.

Esse processo de absorção e aceitação evolutiva da Umbanda não é um conceito novo, segundo Simas (2021) é decisivo na percepção do que seriam a vida e a espiritualidade para os congos². Para esse povo a ideia de que todos os povos



NOTAS:

2. Congo: no século XV, o reino do Congo dominou vários povos da região centro-oeste da África. No entanto, a partir do século XVI, com a presença europeia, a área tornou-se base do tráfico de escravos. Em 1891, o Congo passou a ser colônia francesa. (MUNDO EDUCAÇÃO, 2022).



têm o seu mooyo³, que pode ser constantemente renovado, acrescentado, alimentado, inclusive pela disponibilidade de incorporar símbolos, ritos, crenças e divindades de outros povos, já é um conceito antigo e acompanha suas vivências desde os primórdios de sua cultura, fazendo assim, parte da visão social e religiosa dessa comunidade.

Considerando essa linha de pensamento, para o Congos, ao se abrir para experimentar o mooyo de outro corpo social, podemos alimentar, renovar e recriar o nosso próprio mooyo, nos tornando assim uma comunidade mais forte.

O mais interessante quanto a essa prática é que ao escolhermos esse caminho, não renunciamos as nossas crenças originais, mas recebemos uma visão carregada de novas ideias e isso é o que nos capacita a compreender que outras convicções também podem ser fonte de saúde, estabilidade, harmonia e prosperidade.

Como afirma Fu-Kiau⁴, todas as experiências são bem-vindas e somente quando produzem efeitos contrários da plenitude da vida é que devemos evitá-las. Deixar-se afetar pelo outro é permitir que ele se afete também neste processo – é estar disponível para renovar, recriar, inventar o tempo todo – e a todo tempo – a vida.

Como Umbandistas que somos, cremos que o universo é a base para os comportamentos da vida, cremos que tudo o que nele existe busca constantemente harmonia e equilíbrio, fazendo com que a todo momento nos desafiemos para atingir a evolução necessária e para o nosso desenvolvimento pessoal e espiritual. Sendo assim, aprender com o outro é mais do que uma troca de vivências, é a base para a construção de uma nova estrutura que será o impulso para a evolução do ser.

A fé é parte do homem, é a sua consciência sobre a vida, sobre tudo e todos ao seu redor, se domada ou doutrinada será a morte em vida do ser. Sem a liberdade de crença nos tornamos escravos de verdades que não correspondem a nossa essência e, portanto, nos convertemos num reflexo das vaidades humanas, nos transformamos num ser sem racionalidade, em alguém ausente de propósitos.

Ao compreender que a evolução está na troca de experiências e no aprendizado que tal vivência proporciona ao indivíduo e a sociedade, o convívio entre as muitas verdades deixa seu papel conflituoso e ganha um novo patamar de comunhão no qual finalmente o propósito da Umbanda se apresenta: somos aqueles que se tornam capazes de praticar o amor e a caridade, recebendo a todos sem distinção e abraçando cada saber como parte de uma essência universal pertencente a cada ser e capaz de gerar a força motriz que levará a evolução dos homens.

A Umbanda não deve doutrinara fé, ao contrário, a Umbanda é a fé em movimento, é o aprendizado constante que mostra através do ser o processo de evo-



NOTAS:

3. **Mooyo:** palavra do idioma kikongo que significa o mesmo que axé ou vida.

4. **Fu-Kiau:** Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau nasceu no Congo e foi um grande pesquisador das áreas da antropologia cultural, educação, biblioteconomia e desenvolvimento comunitário, autor de diversos livros e artigos, e sacerdote (iniciado) em tradições dos povos bântu-kôngo. (SABERES TRADICIONAIS UFMG, 2021)

lução que conduz o mundo espiritual e material. Ser umbandista é ter a capacidade de ampliar o seu axé, o seu mooyo, de forma que o saber não seja visto como uma ameaça a sua tradição, mas sim, como um propulsor que levará essa fé ao contexto diário de seus adeptos.

Quando houver respeito e humildade para que todos dividam aquilo que são e sabem, não será preciso impor a ordem, pois ela será tão presente quanto ar e tão viva quanto tudo o que ele toca.



Legenda: abertura na Casa de Mãe Iemanjá, dirigida pela Ya Tati d' Iemanjá



O QUE SÃO OS ITANS?

Segundo Martins (2014) os mitos (itans) são histórias baseadas em tradições e lendas dos povos antigos, repassadas para as gerações futuras com o objetivo de explicar a criação do mundo, os fenômenos naturais e demais situações que não tinham até então uma explicação.

Na mitologia africana (aquela que fala sobre os Orixás e alguns dos fundamentos até hoje aplicados na Umbanda e no Candomblé), conforme legado mantido pela oralidade, há um Deus Supremo, denominado Olorum, o grande criador que, segundo a tradição iorubá, governa o Mundo e os Orixás - divindades criadas por ele para regerem e controlarem as forças da natureza. Os Orixás são divindades munidas de força pura e imaterial. Se apresentam aos seres humanos em situações que envolvam ritos específicos.

Segundo a mitologia iorubana, para que um Orixá se manifeste é preciso uma série de rituais e uma ligação ancestral com as forças por ele representadas. Esse concei-



Legenda: Ilustrações do livro Lendas Africanas dos Orixás de Pierre Fatumbi Verger

to é válido também para a Umbanda, pois mesmo entendendo os Orixás como seres divinos que não tiveram uma encarnação, ainda assim, acreditamos na ancestralidade e na presença do sangue negro correndo em nossas veias (indiferente da nossa cor de pele) e que tal herança, tanto genética quando étnica, pode ser recuperada através desse contato com os Orixás.

Outro fato importante sobre os itans (lendas) é que eles foram ressignificados em terras brasileiras, já que a diáspora africana gerou uma miscigenação entre os diversos povos africanos, compondo um novo panteão de Orixás e novas bases para o culto dessas divindades numa terra estranha e com as limitações impostas pela escravidão. Uma das limitações impostas foi o sincretismo que acabou influenciando também sobre as lendas, pois trouxeram novos valores para a crença dos negros.

Hoje é muito difícil reconhecer a originalidade dos itans, porém eles ainda auxiliam no conhecimento das energias que chamamos de Orixás.



OS ORIXÁS E A UMBANDA?

Segundo Linares (2010) a palavra Orixá significa literalmente “Senhor da Cabeça” e como tal “o santo principal a que está ligada espiritualmente qualquer pessoa”.

Com o advento da tecnologia e os avanços científicos, a Umbanda passou por um momento de reestruturação. Isso ocorreu, pois ela surgiu sem um planejamento anterior de dogmas e doutrinas nas quais se apoiar. Considerando o mito de Zélio de Moraes, seu progenitor espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou, ao



menos num primeiro momento, sobre como agir e foi de forma prática, através de sua manifestação, mas não teve uma imposição sobre como crer. Suas primeiras palavras sobre a Umbanda eram bastante generalizadas:



“Amanhã, na casa onde mora o meu aparelho, haverá uma mesa posta a toda e qualquer Entidade que queira manifestar-se, independentemente daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos, e a nenhum viraremos as costas, nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai”. (CEUEO, 2022)

A união do kardecismo, catolicismo, pajelança e africanismo resultou nas crenças e ritualísticas até hoje praticadas pelos umbandistas, mas é a sua visão sobre cada uma dessas bases de crenças anteriores que determinará o grau de influência que ela terá na doutrina adotada por um terreiro.

A heterogeneidade é algo comum a Umbanda e certamente faz parte da composição de fé daqueles que escolhem por essa religião. Sendo assim, não haverá dois terreiros iguais, pois cada sacerdote adota a sua visão de prática conforme sua visão de mundo.

Ainda hoje, existem terreiros que se apoiam apenas na palavra da espiritualidade para organizar suas práticas ritualísticas e doutrinárias, porém somos seres racionais, que buscam justificativa para tudo aquilo que vivemos e isso fez com que a fé não fosse mais suficiente para compreender as verdades trazidas nos rituais de umbanda. Essa “crise de identidade” promoveu em alguns sacerdotes o preenchimento interpretativo de lacunas pertencentes as primeiras doutrinas aplicadas a esta crença, já para outros sacerdotes, a sua retomada as raízes africanas foi o caminho encontrado para desenvolver uma solução que preenchesse as dúvidas entre um ritual e outro.

No caso da Casa de Mãe Iemanjá, buscamos um constante equilíbrio entre a fé e a razão, mas no que tange a busca de fundamentos e explicações sobre as práticas neste chão adotadas, nossa fonte provém primordialmente da espiritualidade e do africanismo. O Orixá é peça fundamental da nossa fé, a essa energia divina que recorremos para compreender o nosso próprio ser, aos desafios e limitações que vivenciamos dentro e fora da Umbanda.

O culto aos orixás foi trazido pelos escravos ao Brasil na época da colonização, porém na África, cada tribo ou nação cultuavam apenas um Orixá. Sendo assim, tudo o que é praticado em terras brasileiras, seja na Umbanda ou no Candomblé, parte de uma adaptação que se iniciou nas senzalas como um recurso para manter a cultura e a religiosidade do negro viva no Brasil.

Segundo Barros (2018) **os Orixás continuamente se ajustam e se molda às mudanças que ocorrem no mundo e no ser humano.** É isto que permite que surja sempre um novo ciclo de vida. Ao Orixá só interessa vir à terra, se juntar aos seus filhos e ao seu povo para poder festejar e dançar. Porém, se puder juntar a alegria da festa a beleza, sua felicidade será ainda maior.

Uma das formas mais eficientes de conhecer mais sobre os Orixás e suas características é a leitura das lendas (itans) que compõe a mitologia iorubana, porém as adaptações sofridas durante o sincretismo religioso e até mesmo a diáspora africana modificaram algumas das lendas, para torná-las mais ocidentais ou até cristãs.

Considerando que não se pode resgatar aquilo que se perdeu, a estrutura hoje aceita e praticada pela Casa de Mãe Iemanjá comporta 18 Orixás e suas devidas qualidades (assunto que será tratado mais adiante), sendo que destas divindades nem todas incorporam.



Oxalufã



Oxaguiã



Iemanjá



ORIXÁ OXALÁ

É o detentor do poder procriador masculino. Todas as suas representações incluem o branco. É um elemento fundamental dos primórdios, massa de ar e massa de água, a protoforma e a formação de todo o tipo de criaturas no aiye (terra) e no Orun (morada dos Orixás).

Oxalá é alheio a toda a violência, disputas, brigas, gosta de ordem, da limpeza, da pureza. A sua cor é o branco e o seu dia é a sexta-feira. É recomendado aos seus filhos vestirem branco neste dia, em respeito a Oxalá e evitem o vermelho, preto, dendê ou carvão.

Ao se manifestar, assume duas formas:

- **Oxaguiã:** jovem guerreiro, também podendo ser compreendido com a fé em ação.
- **Oxalufã:** velho apoiado num bastão (Opaxorô), que também pode ser compreendido com a sabedoria da fé.
- **Saudação:** Epá Babá Oxalá (êpa papai)



ORIXÁ IEMANJÁ

Por presidir à formação da individualidade que, como sabemos, está na cabeça, Iemanjá está presente em todos os rituais realizados para a confirmação de coroa, consagração, batismo, entre outros. É a mãe do mundo.

É a rainha de todas as águas, seja dos rios, ou seja, do mar. O seu nome deriva da expressão YéYé Omó Ejá, que significa, mãe cujos filhos são peixes. Apesar de no Brasil ela ser cultuada nas águas salgadas, a sua origem é de um rio que corre para o mar.

Iemanjá é a mãe severa, mas que também sabe acalentar. É

ela quem sustenta a humanidade.

Essa Orixá é o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é sempre um espelho para o filho, um exemplo de conduta. Ela é a mãe que orienta, que mostra os caminhos, que educa, e sabe, sobretudo, explorar as potencialidades que estão dentro de cada um. Seu dia da semana é sábado, sua cor branco, cristal, azul-claro e verde água.

- **Saudação: Odocyabá (Rainha das águas dos rios)**



ORIXÁ OXUM

É a rainha de todas as riquezas, a protetora das crianças, a mãe da doçura e da benevolência. Generosa e digna, Oxum é a rainha de todos os rios e cachoeiras.



Oxum

Vaidosa, é a mais importante entre as mulheres da cidade, a lalodê (rainha). É a dona da fecundidade das mulheres, a dona do grande poder feminino.

Seu nome deriva da palavra Osun, que é um rio que corre pela região da Nigéria. Por ser a senhora das águas doces, elemento essencial para a existência da vida, ela é uma das responsáveis pela existência humana.

Deusa do amor e senhora das emoções, Oxum é a responsável por acalmar as tempestades emocionais que atingem a vida dos homens e mulheres. Ela acolhe as emoções e as dores das pessoas, oferece acalanto, tranquilidade e inspira para que as melhores decisões sejam tomadas.

Oxum é a mãe das crianças, zelando por elas desde o ventre até que adquiram a sua independência.

Seu dia da semana é o sábado e sua cor a dourada.

- **Saudação: Ora ie iê ô (Mãe cuidadosa, Oh!)**



Oxumaré



ORIXÁ OXUMARÉ

É o orixá de todos os movimentos, de todos os ciclos. Se um dia Oxumaré perder suas forças o mundo acabará, porque o universo é dinâmico e a Terra também se encontra em constante movimento. Seu dia da semana é terça-feira, suas cores verde e amarelo, verde e preto, amarelo e preto ou todas as cores do arco-íris.

Esse Orixá mora no orum (morada dos orixás) e vem à Terra

visitar-nos através do arco-íris. Ele é uma grande cobra que envolve a Terra e o céu e assegura a unidade e a renovação.

Dizem que Oxumaré seria homem e mulher, mas, na verdade, este é mais um ciclo que ele representa: o ciclo da vida, pois da junção entre masculino e feminino é que a vida se perpetua. Oxumaré é um Orixá masculino. Ele sintetiza a duplicidade de todo o seu: mortal (no corpo) e imortal (no espírito).

- **Saudação: Arroboboi (vamos cultuar o intermediário)**



ORIXÁ OXÓSSI

É a divindade relacionada a caça, senhor da floresta e de todos os seres que nela habitam, **orixá da fartura e da riqueza**. Seu dia da semana é quinta-feira e sua cor verde folha ou azul-turquesa.

Na história da humanidade, **Oxóssi cumpre um papel civilizador importante**, pois na condição de caçador representa as formas mais arcaicas de sobrevivência humana, a própria busca incessante do homem por mecanismos que lhe possibilitem se sobressair no espaço da natureza e impor a sua marca no mundo desconhecido.

Orixá Oxóssi na Umbanda é o chefe dos **Caboclos de pena**. É também chamado de Odé (que do termo iorubá odé, significa “caçador”) e de Alákétu (Senhor da cidade de Kétu na Nigéria).

Orixá Oxóssi tem como atributos a leveza, a astúcia, a sabedoria e a habilidade para capturar uma caça, características que o tornam um grande caçador. Aliados ao seu conhecimento e modo de vida na natureza, torna-se também um sábio e poderoso guerreiro.

- **Saudação: Okê Arô (Salve o caçador)**



ORIXÁ XANGÔ

O poder é a sua síntese. **Xangô nasce do poder morre, em nome do poder. Rei absoluto, forte, imbatível**. O prazer de Xangô é o poder. Xangô manda nos poderosos, manda em seu reino e nos reinos vizinhos. Xangô é rei entre todos os reis. Esse Orixá gosta dos desafios, porém o desafio é feito sempre para ratificar o seu poder.

Tudo que se relaciona com Xangô lembra realeza, as suas vestes, a sua riqueza, a sua forma de gerir o poder. A cor vermelha, por exemplo, sempre esteve ligada à nobreza, só os



Oxóssi



Xangô

grandes reis pisavam sobre o tapete vermelho, e Xangô pisa sobre o fogo, o vermelho original, o seu tapete.

Xangô era um amante irresistível, por isso foi disputado por três mulheres. Iansã foi sua primeira esposa e a única que o acompanhou em sua saída estratégica da vida. É com ela que divide o domínio sobre o fogo.

Xangô decide sobre a vida de todos, mas sobre a sua vida (e sua morte) só ele tem o direito de decidir. Orixá do fogo e trovão, protetor da justiça. Seu dia da semana é quarta-feira, suas cores vermelho e branco, vermelho ou marrom.

- **Saudação:** Kaô Kabecilê (levantem os olhos, venha ver o rei)



ORIXÁ OBÁ

Guerreira e pouco feminina. As suas roupas são laranjas e brancas, usa um escudo, uma espada e uma coroa de cobre.

Obá é um Orixá que raramente se manifesta e há pouco estudo sobre ela, a tornando assim, um dos grandes mistérios da Umbanda e até mesmo um culto menos conhecido no Candomblé, do que alguns orixás como Oxóssi e Xangô. É a mulher consciente do seu poder, que luta e reivindica os seus direitos, que enfrenta qualquer homem - menos aquele que tomar o seu coração. Ela abraça qualquer causa, mas rende-se a uma paixão. Obá é a mulher que se anula quando ama.



Obá

Obá é filha de Iemanjá e Oxalá e mantém estreitas relações com as Iya Mi. Era uma mulher forte, que comandava as demais e desafiava o poder masculino.

Embora Obá se tenha transformado num rio, é uma deusa relacionada ao fogo e a água. Seu dia da semana é sábado.

Obá era uma mulher cheia de vigor e coragem, ela não temia ninguém no mundo. Seu maior prazer era lutar. Por sua força física, Obá tornou-se uma guerreira. A única mulher capaz de desafiar Ogum para uma luta.

Seu vigor era tal, que escolheu a luta como profissão e venceu todas disputas com outros Orixás!

Obá é saudada como o Orixá do ciúme, mas não se pode esquecer que o ciúme é o corolário inevitável do amor, portanto, Obá é um Orixá do amor, das paixões, com todos os dissabores e sofrimentos que o sentimento pode acarretar.

- **Saudação:** Obá Xirê (Vamos festejar a Rainha)



ORIXÁ LOGUN EDÉ

É senhor da guerra e da água. É, sem dúvida, um dos mais bonitos orixás do panteão Yorubá, já que a beleza é uma das principais características dos seus pais.

Rei de Ilejá, caçador habilidoso e príncipe soberbo, **Logun Edé** reúne os domínios de **Oxóssi** e **Oxum** e quase tudo que se sabe a seu respeito gira em torno de sua paternidade.

É preciso esclarecer que **Logun Edé** não muda de sexo a cada seis meses, ele é um orixá do sexo masculino. Sua dualidade se dá em nível comportamental, já que em determinadas ocasiões pode ser doce e benevolente como **Oxum** e em outras, sério e solitário como **Oxóssi**. **Logun Edé** é um orixá de contradições; nele os opostos se alternam, é o deus da surpresa e do inesperado. Seu dia é quinta-feira e suas cores amarelo-ouro e azul-turquesa.

- **Saudação:** Lóci, lóci, **Logum!** (Brada, Príncipe Guerreiro)



Logunedé



ORIXÁ OGUM

É o temível guerreiro, violento e implacável, senhor do ferro, da metalurgia e da tecnologia; protetor dos ferreiros, agricultores, caçadores, carpinteiros, escultores, sapateiros, talhantes, metalúrgicos, marceneiros, maquinistas, mecânicos, motoristas e de todos os profissionais que de alguma forma lidam com o ferro ou metais afins.

Ogum fez-se respeitar pelo seu carácter devastador. Foram muitos os reinos que se curvaram diante do seu poder militar.

Filho mais velho de **Odudua**, **Ogum** é o último imolé⁵.

Foi **Ogum** quem ensinou aos homens como forjar o ferro e o aço. Ele tem um molho de sete instrumentos de ferro: alavanca, machado, pá, enxada, picareta, espada e faca, com as quais ajuda o homem a vencer a natureza. Seu dia da semana é terça-feira e suas cores azul-royal, verde bandeira e vermelho. Esse é o Orixá do ferro, guerra, fogo e tecnologia.

- **Saudação:** **Ogun nhê** (Ògún para estar vivo, para sobreviver, para ser perfeito)



NOTAS:

5. **Imolé:** os Igba Imolé eram as duzentas divindades da direita destruídos por **Olodumaré** após terem agido mal. A **Ogum**, o único Igba Imolé que restou, coube conduzir os Irun Imole, as outras quatrocentas divindades da esquerda (hoje conhecido como os 18 orixás e suas qualidades).



ORIXÁ IANSÃ

É a mulher poderosa, a mãe dos nove eguns, dos nove filhos, do rio de nove braços, a mãe dos nove, Ìyá Mésàn, Iansã.

Embora seja saudada como a deusa do rio Níger, está relacionada com o elemento fogo. Na realidade, indica a união de elementos contraditórios, pois nasce da água e do fogo, da tempestade, de um raio que corta o céu no meio de uma chuva, é a filha do fogo.



Iansã

A tempestade é o poder manifesto de Iansã, rainha dos raios, das ventanias, do tempo que se fecha sem chover.

Iansã é uma guerreira por vocação, sabe ir à luta e defender o que é seu, a batalha do dia a dia é a sua felicidade. Uma mulher sensual, fogosa, ardente; ela é extremamente feminina e o seu número de paixões mostra a forte atração que sente pelo sexo oposto. Iansã (Oyá) teve muitos homens e verdadeiramente amou todos. Graças aos seus amores, conquistou grandes poderes e tornou-se orixá.

Falar dessa iabá é trazer força e empoderamento! Iansã - Oyá vem movimentar e transmutar o velho e estagnado e nos desafiar e impulsionar para o que de novo deve surgir!

Seu dia da semana é quarta-feira, suas cores são o vermelho, marrom e rosa.

- **Saudação:** Eparrei! (êpa Senhora! Oya)



ORIXÁ OBALUAIÊ/ OMOLU

Ele é a Terra! Essa afirmação resume perfeitamente o perfil deste orixá, o mais temido entre todas as divindades, o mais terrível Orixá que carrega a varíola e todas as doenças contagiosas, o poderoso “Rei Dono da Terra”.

É preciso esclarecer que Omolú está ligado ao interior da terra e isso denota uma íntima relação com o fogo, já que esse elemento, como comprovam os vulcões em erupção, domina as camadas mais profundas do planeta.

Orixá cercado de mistérios. As pipocas, ou melhor, deburu, são as oferendas prediletas do orixá Omolú; um Orixá poderoso, guerreiro, caçador, destruidor e implacável, mas que se torna tranquilo quando recebe sua oferenda preferida.



Omolú

Uma coisa muito importante é que **Omolu não pode trazer a cura**, pois ele não possui essa condição, o que ele pode evitar é que doença faça parte da nossa vida. É importante compreendê-lo e enxergar o que Omolu transmite enquanto mensagem. Ele é a terra, e a terra é a maior boca do mundo. A terra come tudo, mas também devolve para nós. **Obaluaiê é isso, reciprocidade**, como a terra. Ele é um pai presente, que permanece ao lado do filho, mas permite que ele faça suas escolhas e sofra as consequências, para que possa mostrar seu valor.

Seu dia da semana é segunda-feira e suas cores preto, branco e vermelho.

- **Saudação: Atotô (Silêncio!)**



ORIXÁ NANÃ BURUQUÊ

A Orixá dos mistérios, é uma divindade de origem simultânea à criação do mundo, pois quando **Odudua** separou a água parada, que já existia, e liberou do “saco da criação” a terra, no ponto de contacto desses dois elementos formou-se a lama dos pântanos, local dos fundamentos de Nanã.

Senhora de muitos búzios, **Nanã sintetiza morte, fecundidade e riqueza**. O seu nome designa pessoas idosas e respeitáveis e, para os povos Jeje, da região do antigo Daomé, significa “mãe”.

Sendo a mais antiga das divindades das águas, ela representa a memória ancestral do nosso povo. É mãe dos orixás Iroko, Obaluaiê, Ewa e Oxumaré, é respeitada como mãe por todos os outros orixás.



Nanã

Nanã é o princípio, o meio e o fim; o nascimento, a vida e a morte. Ela é a origem e o poder. Entender Nanã é entender o destino, a vida e a trajetória do homem sobre a terra, pois Nanã é a história. Nanã é água parada, água da vida e da morte.

Nanã está ligada profundamente a grande mãe ancestral **Ìyàmì**. Essas grandes senhoras são, sem dúvidas, o maior símbolo do poder feminino da cultura yorùbá.

Ìyàmì é tida como a perigosa feiticeira yorùbá, por isso recebe o nome de **Ìyàmì Ajé** (minha mãe a feiticeira). O medo e respeito acerca dessa divindade são tão significativos que, o seu principal nome (Osorongá), quase nunca é pronunciado nas casas de axé. Quando isso ocorre, a pessoa que está sentada se levanta, cruzando a barriga e a nuca em sinal de respeito e reverência. O poder de **Ìyàmì** é intangível e desmedido.

Todas as mulheres e todas as Divindades femininas - principalmente Oxum, Oba, Ewa, Iansã, Nanã e Iemanjá, possuem uma

grande ligação com Ìyàmì. Cada uma dessas Divindades possui uma justificativa que ilustra sua ligação com Ìyàmì, mas o fato de todas serem mães e poderosas em suas sociedades, reflete de forma abrangente esses laços.

Seu dia é terça-feira e suas cores azul anil, branco, lilás e roxo.

- **Saudação: Saluba Nanã (Salve a mãe de todas as mães)**



ORIXÁ EXU

É a figura mais controversa do panteão africano, o mais humano dos orixás, senhor do princípio e da transformação. Divindade da terra e do universo; na verdade, **Exu é a ordem**, aquele que se multiplica e se transforma na unidade elementar da existência humana. Exu é o ego de cada ser, o grande companheiro do homem no seu dia a dia.

Muitas são as confusões e equívocos relacionados com Exu, o pior deles associa-o à figura do diabo cristão. Na realidade, **Exu contém todas as contradições e conflitos inerentes ao ser humano**. Exu não é totalmente bom nem totalmente mau, assim como o homem: um ser capaz de amar e odiar, unir e separar, promover a paz e a guerra.



O autor Antônio Carlos Quinto, do departamento de Ciências Humanas da USP realizou um estudo que aborda aspectos históricos de Exu na história e sociedade brasileira, segundo ele o **padre José de Anchieta, por exemplo, trazia o 'diabo cristão brasileiro' diferente do 'diabo cristão europeu'**. O primeiro era visto como um ser debochado e zombeteiro, que se aproxima à figura do Saci. Já o segundo, o europeu, era 'soturno' e 'horrendo'. A igreja católica também atribuía as qualidades do 'diabo cristão brasileiro' aos índios e aos africanos. **E Exu está relacionado a esta personalidade e, principalmente, ao negro.**

Até mesmo na Umbanda, em alguns casos, ele também é visto como o diabo, pois chegou a ser escravizado pelos próprios orixás. Até nos dias atuais, em casas mais tradicionais, Exu é considerado apenas um falangeiro e não um Orixá, por isso, sua presença nos congás é quase nula, ficando reservada a ele a proteção da porta e o bom andamento das giras, porém de um quartinho do lado de fora do terreiro.

O maniqueísmo, próprio das grandes religiões monoteístas, não se aplica a Exu, que tem por base de suas ações o bom caráter, ou seja, o que é bom para você nesse momento. A cultura africana desconhece oposições, em especial a oposição entre bem e mal;

sabe-se aqui que o bem de um pode perfeitamente ser o mal de outro, portanto, cada um deve dar o melhor de si para obter tudo de bom na sua vida, sempre cultuando, agradando e agradecendo a Exu, para ele ser, no seu cotidiano, a manifestação do amor, da sorte, da riqueza e da prosperidade.

Exu é o orixá que entende como ninguém o princípio da reciprocidade. Exu é a figura mais importante da cultura iorubá. Sem ele o mundo não faria sentido, pois só por Exu é que se chega aos demais Orixás. Exu fala todas as línguas e permite a comunicação entre o orum (morada dos Orixás) e o aiye (terra).

Exu é o dono do mercado, o seu guardião, por isso todo comerciante e aqueles que lidam com venda devem agradar a Exu. É importante ressaltar que Exu não tem amigos nem inimigos. Exu protege sempre aqueles que o agradam e sabem retribuir os seus favores.

Guardião dos templos, encruzilhadas, passagens, casas, cidades e das pessoas, mensageiro divino dos oráculos, seu dia é segunda-feira e suas cores preto e vermelho.

- **Saudação:** Êxù mo djúbà (Èsù eu respeito, Èsù eu venero)



ORIXÁ IROKO

É um Orixá muito antigo. Iroko foi à primeira árvore plantada e pela qual os restantes Orixás desceram à Terra. Ele é a própria representação da dimensão Tempo, o comandante de todas as árvores sagradas, o vanguardeiro, ele é a árvore do Senhor do Céu.

Em todas as reuniões dos Orixás está sempre presente Iroko, calado num canto, anotando todas as decisões que implicam diretamente na sua ação eterna. É um Orixá pouco conhecido dos seres vivos ou mortos, nascidos ou por nascer. Toda a criação está nos seus desígnios.

É o Orixá Iroko, implacável e inexorável, que governa o Tempo e o Espaço, que acompanha, e cobra, o cumprimento do Karma de cada um de nós, determinando o início e o fim de tudo.

No Brasil, diz-se que Iroko habita a gameleira-branca, Ficus gomelleira ou Ficus doliaria (também chamada figueira-branca, guapoí, ibapoí, figueira-brava e gameleira-branca-de-purga). Nos terreiros, costuma-se manter uma dessas árvores como morada de Iroko, assinalada por um “ojá” (laço de pano branco) ao seu redor.

Iroko representa a ancestralidade, os nossos antepassados, pais, avós, bisavós, etc., representa também o seio da natureza, a morada dos Orixás.

Desrespeitar Iroko (a grande e suntuosa árvore) é o mesmo que desrespeitar a sua dinastia, os seus avós, o seu sangue. Iroko representa a história do Ilê (casa), assim como do seu povo, protegendo-o sempre das tempestades.

Ao contrário da maioria dos orixás, este não costuma “baixar” nas festas de santo. É reverenciado por oferendas à árvore que o representa.

- **Saudação: Irôko Issó! Eró! (Salve o grande Iroko)**



ORIXÁ IBEJI

É o Orixá-Criança, em realidade, duas divindades gêmeas infantis, ligadas a todos os orixás e seres humanos. Por serem gêmeos, são associados ao princípio da dualidade; por serem crianças, são ligados a tudo que se inicia e nasce: a nascente de um rio, o nascimento dos seres humanos, o germinar das plantas, etc.



Ibeji está presente em todos os rituais numa casa de Umbanda, pois assim como Exú, se não for bem cuidado pode atrapalhar os trabalhos com as suas brincadeiras infantis. É o Orixá que rege a alegria, a inocência, a ingenuidade da criança. A sua determinação é tomar conta do bebê até à adolescência, independentemente do Orixá que a criança carrega.

Ibeji é tudo o que existe de bom, belo e puro; uma criança pode-nos mostrar o seu sorriso, na natureza, a beleza do canto dos pássaros, nas evoluções durante o voo das aves, na beleza e perfume das flores.

- **Saudação: Oni Ibeji (Ele é dois)**



ORIXÁ EWÁ

O Orixá Ewá ou Iyewá, é uma bela virgem por quem Xangô se apaixonou, porém não conseguiu conquistá-la. Ewá fugiu de Xangô sendo acolhida por Obaluaê. Ewá mora nas matas inalcançáveis, ligada a Iroko e Oxóssi, tornou-se uma guerreira valente e caçadora habilidosa. Ewá é casta, a Senhora das possibilidades.



Euá

Tudo que é inexplorado conta com a proteção de Ewá: a mata virgem, as moças virgens, rios e lagos onde não se pode nadar ou navegar. Ela domina a vidência, atributo que o deus de todos os oráculos, Orunmilá lhe concedeu.

Em África, o rio Yewá é a morada desta deusa, mas a sua origem gera polêmica. Há quem diga que, tal como Oxumaré, Nanã, Omulú e Iroko, Ewá era cultuada inicialmente entre os Mahi, foi assimilada pelos Iorubas e inserida no seu panteão. Havia um Orixá feminino oriundo das correntes do Daomé chamado Dan. A força desse Orixá estava concentrada numa cobra que engolia a própria cauda, o que denota um sentido de perpétua continuidade da vida, pois o círculo nunca termina.

Ewá teria o mesmo significado de Dan ou uma das suas metades – A outra seria Oxumaré. Existem no entanto, os que defendem que Ewá já pertencia à mitologia Nagô, sendo originária na cidade de Abeokutá.

Seu dia da semana é sábado, suas cores: vermelho vivo, rosa, coral e amarelo.

- **Saudação: Ri Ro Ewa (Doce, Branda Ewá!)**



ORIXÁ OSSAIM

Kó si ewé, kó sí Òrìsà, ou seja, sem folhas não há orixá, elas são imprescindíveis aos rituais da Umbanda. Cada orixá possui suas próprias folhas, mas só Ossaim (Òsanyìn) conhece todos seus segredos, só ele sabe as palavras que despertam o seu poder, a sua força.

Ossaim é o grande sacerdote das folhas, grande feiticeiro, que por meio das folhas pode realizar curas e milagres, pode trazer progresso e riqueza. São nas folhas que à cura para todas as doenças, do corpo ou do espírito.



Ossaim

A floresta é a casa de Ossaim, que divide com outros orixás do mato, como Ogum e Oxóssi. Seu território por excelência, onde as folhas crescem em seu estado puro, selvagem, sem a interfe-

rência do homem; é também o reino do desconhecido. Para entrar na floresta é preciso ter respeito pelas forças vivas da natureza, que não permitem pessoas impuras ou mal-intencionadas penetrar em sua morada. Se nela entrarem, talvez jamais encontrem o caminho de volta.

Ossaim teria um auxiliar que se responsabilizaria por causar o terror em pessoas que entram na floresta sem a devida permissão. Aroni seria um misterioso anão-zinho pernetá que fuma cachimbo (figura bastante próxima ao Saci-Pererê), possui um olho pequeno e o outro grande (vê com o menor) e tem uma orelha pequena e a outra grande (ouve com a menor). Muitas vezes Aroni é confundido com o próprio Ossaim.

Ossaim é orixá de grande fundamento, que possui uma só perna porque a árvore, base de todas as folhas possuem um só tronco.

Uma confusão latente refere-se ao sexo de Ossaim; é preciso esclarecer que se trata de um orixá do sexo masculino.

Seu dia da semana é quinta-feira e suas cores verde e branco.

- **Saudação:** Ewé Ó (Oh! As folhas)



Legenda: ilustração das iabás (as mães orixás)

Existem alguns Orixás menos conhecidos e que normalmente não se manifestam como pais e mães de coroa. Isso ocorre porque grande parte dos conhecimentos referente ao seu culto foram perdidos no período da diáspora africana. Entretanto, é importante conhecer a sua presença dentro do panteão yorubá, ainda assim, deixemos esse tema para um estudo mais profundo.



ORIXÁ IKU

Ikú, a Morte é um orixá, designado por Olodumare para uma função derradeira. Entretanto, durante toda a minha trajetória nas religiões de matriz africana, não conheci ninguém que cultue ou que seja de tal orixá.

Oyekú Mejí é primeiro caminho à terra, quando o Odú Oyekú Mejí chegou à Terra, a morte ainda não existia. Orixá Ikú (morte) nasce nesse caminho para cumprir sua função na Terra, Opirá. (fim).

Ikú vem buscar a pessoa no dia derradeiro e esteja nas condições que estiver, para levá-la de volta ao interior da terra, ao ventre de Nanã.

Ikú cumpre rigorosamente sua função. Através do Imolê Exú se faz oferendas a Ikú, estabelecendo pactos e acordos com Ikú para adiar e afastar a morte, aliado aos bons ebós. Mas foram os Ibejis que engaram Iku a pedido de Iemanjá.

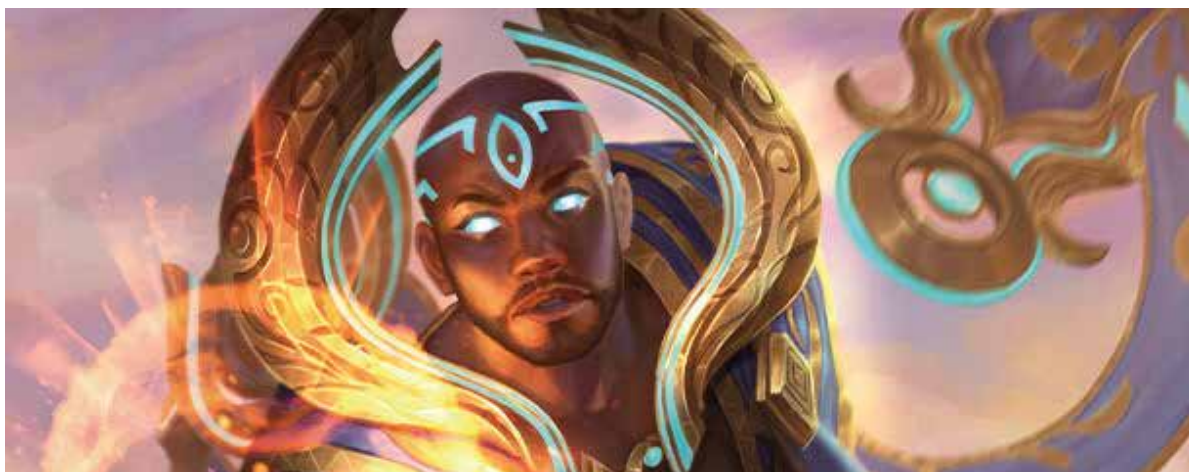
Entretanto, as trocas não são eternas, chegará o dia que Ikú terá que cumprir sua função e ainda exigirá oferendas, para garantir que só levará apenas um. Com Ikú não se brinca.



ORIXÁ OLORUM/ZAMBI

Segundo Barros (2018) Divindade suprema do povo iorubá que tem em si o simbolismo do início dos tempos. É reconhecido na religião como o criador do Universo e como aquele que deu origem a si próprio. Seu nome é traduzido como “senhor do espaço celeste sagrado”. Entendido como o princípio supremo que promove e garante a existência, a ordem e os valores morais do ser humano, é o ser infinito e perfeito que idealizou tudo que está no Universo, seja físico ou abstrato.

Olorun é quem dá o bom ou o mau destino às pessoas. Mas ele deu a Orumilá o saber e o poder de ajudar o homem a ratificar, consertar ou remediar seu destino, sempre conforme as determinações de Olorum.





ORIXÁ IFÁ/ ORUMILÁ

Segundo Barros (2018) Ifá é o guardião e patrono do oráculo, o porta-voz de Orumilá, quem adivinha e refere os sistemas adivinhatórios da cultura iorubana. Não é Orixá, mas sim um intermediário entre os homens e as divindades, tendo, porém, uma posição muito importante na corte suprema do Orum.

Responsável por qualquer consulta oracular, responde através de vários elementos, como os búzios, os iquins, obis, orobês, cebola, quiabo, etc.

Orumilá é uma divindade oriunda da cidade de Ilê Ifé, também chamado Orúla, está diretamente ligado ao destino dos homens. Seu nome pode ser traduzido como “aquele que chega ao Orum”.



Orumilá tem ligação direta e imediata com Olorum, o supremo. Somente ele e Exu tem liberdade para transitar livremente na presença deste.



ORIXÁS NO BRASIL

As histórias e explicações sobre os orixás abordam uma visão humanizada, porém Orixá é energia. As lendas, assim como as qualidades e características, são compreensões interpretativas para a absorção do conhecimento necessário sobre o tema. Sabendo-se que tudo o que compõe o Universo, inclusive os Espíritos, constituem diferentes modalidades de energias, o conceito africano de divindade (Orixás, sua humanização e lendas) foi bem assimilado e aceito. Acontece que assim como uma única palavra pode carregar inúmeros significados, o mesmo aconteceu com a palavra Orixá, que ganhou interpretações por vezes distantes de sua verdadeira essência.

Segundo Penteado (2016) para os umbandistas, os Orixás não tiveram encarnação, pois são partes vivas de uma energia geradora. O autor esclarece que tudo em nosso planeta possui energia e que tais vibrações são regidas por forças universais e cósmicas, que acabam sendo associadas aos elementos da natureza e que são essas energias que chamamos Orixás. Por sua vez, são estes seres divinos que mantêm o equilíbrio para que a força vital do planeta flua harmonicamente.

Ainda que sejam energias de forças brutas, os Orixás não são uma força irracional ou dotada apenas de instinto. A verdade é que essa divindade representa a força da natureza em sua totalidade, com consciência e inteligência.

Por compor o panteão de religiões irmãs (Umbanda e Candomblé) e por todo o contexto histórico e social que envolve o advento e crescimento de tais crenças,

é comum que cada adepto destas religiões traga a sua visão de Orixá cheia de particularidades. Porém, que fique claro, que o Orixá é uma divindade, portanto, não tem placas ou nações, apenas a consciência de que estas diferenças são rituais praticados e elaborados em sua homenagem.

No caso das Umbandas mais tradicionais, o **sincretismo dificulta o entendimento dos Orixás**, pois o dualismo entre santo e orixá obriga o uso de reinterpretações de muitas características e lendas que envolvem essas divindades.

No que tange a visão do Orixá na Casa de Mãe Iemanjá, na apostila: A Umbanda e seus mistérios encontra-se a seguinte descrição: **Entende-se por Orixás as manifestações energéticas provenientes da energia geradora e mantedora (Deus, Olorum, Zambi) que atuam na Terra através das forças da natureza. Em nossa casa não praticamos o sincretismo, pois acreditamos**



Legenda: manifestação de Iemanjá Sessu.

que cada cultura tenha a sua compreensão do divino. Entendemos que ao abraçarmos os Orixás, para compreendê-los e sentir a essência de sua energia, é preciso abraçar também a cultura da qual eles se originaram, evitando, na medida do possível, a reinterpretação de suas qualidades.



O QUE É GUIA OU ENTIDADE?

Não é segredo que a Umbanda adotou em suas práticas muitos saberes provenientes da cultura africana e entre esses tantos conhecimentos a religiosidade Banto é um dos maiores influenciadores nas ritualísticas, idiomas e até crenças que cercam a Umbanda.

Segundo Ligério (2013) no que tange a concepção Banto da manifestação de espíritos durante os rituais religiosos, é correto afirmar que ocorre a partir de dois elementos: a matéria e a energia; essa energia deve ser compreendida como uma parte individualizada da energia viva eterna, o todo. Quando alguém

morre, seu corpo torna-se parte da Terra, enquanto sua energia (alma), ou a divina presença da energia viva individualizada, deixa o corpo para juntar-se ao todo universal da energia vida, agregando assim ao todo suas vivências e emoções. Dessa forma, nossos ancestrais, como energia viva, também estão vivos em nós, assim como suas vivências e sabedoria, sendo possível acessar tal energia de forma interna ou externa. Quando se fala em acessar a ancestralidade de forma externa, falamos em guias/ entidades.

Dentro da Umbanda as entidades/guias são a autoridade máxima no terreiro. É através dos saberes sobrenaturais trazidos por estes espíritos que cada terreiro deveria estabelecer os seus fundamentos, rituais, dogmas e doutrinas.

Segundo Silva (2005) os espíritos como caboclos e os pretos-velhos embora tenham nomes próprios (caboclo Sete Flechas, Rompe Mato, Preto Velho Pai João) e sejam espíritos de indivíduos - como na concepção kardecista -, remetem muito mais aos segmentos formadores da sociedade brasileira.

Esse respeito a diversidade característica dos terreiros de Umbanda, se iniciam em suas linhas de trabalho e nos espíritos que nela militam. Podemos dizer que a Umbanda é a religião dos excluídos, mas também da evolução, pois ela extrai a sabedoria esquecida nas esquinas e classes mais baixas da sociedade. Livre de qualquer dogma, acolhe aquele que dela precisa, evoluindo com a sua comuni-



Legenda: malandra Morena da Beira da Praia.

dade e alcançando novos saberes para, a partir deles, compreender a realidade diária dos consulentes e umbandistas que a procuram.

Segundo Bairrão (2003), a umbanda é uma espécie de “caixa de ressonância” social que mobiliza um monumental painel da história do país. Corrige deturpações ou ofensas da percepção de outros e da ancestralidade, elabora processos traumáticos coletivos, bem como se constitui num dispositivo de reflexão social. Em síntese, transforma a realidade social em símbolos psicológicos, através dos rituais de transe e dos atendimentos com as entidades espirituais. Ou seja, espíritos correspondentes a grupos histórica ou socialmente subalternos têm superlativo prestígio e são alocados no topo da hierarquia espiritual, por exemplo, caboclos (índigenas) e pretos velhos (africanos escravizados), respectivamente símbolos de valentia e de sabedoria.



Na Umbanda cada linha de espíritos possui relevância única e tem um significado próprio, ilustrando alternativas para encruzilhadas existenciais das pessoas que foram buscar socorro espiritual, cujas consequências, em última instância, se codificam pelas narrativas das entidades que falam de suas 'vidas' e pelos episódios subseqüentes às suas 'passagens em terra'.

A umbanda conta a história de muitos brasileiros, os espíritos e parentes distantes ou próximos confundem-se nos rituais; mistura-se a entidade com o tipo social (Bairrão, 2005). As suas categorias espirituais compreendem os tipos sociais de pessoas que trazemos em nossa construção identitária; unem traços característicos do povo brasileiro, recompondo peças de ancestralidades 'esquecidas'. Ainda que o panteão umbandista seja um contínuo dinâmico, que admite segmentações, recomposições e sobreposições.

Ao representarem as várias contradições da sociedade brasileira, as entidades "brasileiras" da umbanda acabam também por funcionarem como referências por meio do qual poderão ser discutidos, no campo do imaginário, inúmeros outros temas sociais da realidade mais ampla, tais como as relações raciais, o racismo, a escravidão, o preconceito, a homossexualidade, as minorias, as relações entre ética e moral, a cidadania, etc.

Segundo Peixoto (2017) a Umbanda, por ser uma religião de inclusão, adapta-se às diversas regiões geográficas do Brasil, aproximando-se melhor da realidade de cada estado/ cidade e seus moradores. Essa compreensão é importante, pois, somente através da real vivência é possível reconhecer as necessidades do seu semelhante e o enxergar como um igual. O amor e a caridade pregados pela Umbanda e praticados pelos guias/entidades durante as consultas só existem através da empatia. Sendo assim, é preciso reconhecer-se na realidade do outro para que a prática da caridade ocorra.



Legenda: baiano Martim Pescador em atendimento e marinheiro João do Mar atrás.

Esse processo de compreensão da vivência do outro e aceitação das diferenças como pluralidade e não segregação se inicia com o relacionamento do médium com o guia, é nesta experiência que reavaliamos a linha pré-definida de bom e mau, certo e errado. Afinal, chamamos de pai e aceitamos conselhos das mais diversas personas, sem nos apegar as suas particularidades negativas, mas aceitando a sua visão de mundo pelas vivências.

De onde vem essa relação com os nossos guias?

Não existe um tipo de sorteio ou uma ligação causal entre os guias que trabalham na Umbanda e seus médiuns, pelo contrário, trata-se de laços profundos que são a base para a íntima relação que se estabelece durante a incorporação.



Da mesma forma quando um parente vai morar no exterior e sua família quer saber como ele está, se tem alguma dificuldade e o que pode ser feito para ajudar. Assim, nossos Guias espirituais são nossa família, nossa família espiritual eterna, muitas vezes com laços mais fortes que nossa família carnal. Nossos Guias de Umbanda mais próximos são aqueles que têm a autorização de nos acompanhar, independente de qual religião ou filosofia estamos seguindo. Estão juntos de nós por amor. (UMBANDA EU CURTO, 2022)



Legenda: cabocla em atendimento de cura.

As entidades na Umbanda compõem um tema complexo que não poderá ser abordado por completo nesse momento, pois envolve questões históricas, sociais, religiosas e culturais que exigem um estudo próprio de tão longo. Porém, afirmo sem medo que certamente é essa faixa vibratória específica, composta por tais espíritos, que permitem a nossa religião caminhar em acordo com a diversidade e a evolução.

Segundo Barros (2013) na Umbanda, as “entidades” situam-se a meio caminho entre a concepção dos Orixás e os espíritos dos mortos dos kardecistas. O transe na Umbanda não é nem estritamente individual (como no kardecismo) nem propriamente representação mítica (como no caso do candomblé), mas atualizações de fragmentos de uma história mais recente através de personagens tais como foram conservados na memória popular brasileira. Sua língua ritual é o português falado no Brasil.

Suas “entidades” espirituais cultuadas são espíritos de mortos que constituem categorias mais genéricas, onde a referência à vida pessoal é substituída por um estereótipo. Isto é, não é a evocação deste ou daquele indivíduo em particular, mas a representação de modelos sociais expressos em seus médiuns que realizam a passagem destas “entidades” de seu mundo sagrado para o mundo profano dos homens.

Cada “guia” representa, para o campo e temática de trabalho umbandista, um tipo de sabedoria que deve ser desenvolvida pelo ser humano (corrente e assistido) a fim de que este possa chegar a graus superiores de evolução espiritual.

Um ponto de grande controvérsia, mas muito importante, é que um guia não pode ser doutrinado. As doutrinas que ocorrem durante o desenvolvimento mediúnico são evolutivas do médium ou ainda parte do processo de harmonização das energias médium x entidade. Sobre este tema, segundo Silva (2016) como é natural, os próprios protetores individuais desses médiuns possuem qualidades correspondentes, estão aproximadamente em igualdade de condições (entre si), cada qual para comprimir o seu propósito e auxiliar na evolução mútua. Por se tratar de guia, a orientação parte da esfera espiritual, para então aprendermos com ela”

Sendo assim, apesar da imensa dificuldade de definir generalizadamente tais personalidades, segue algumas das linhas de trabalho na Umbanda e seus respectivos guias/entidades:



Legenda: chegada do boiadeiro das 3 mães da Casa de Mãe Iemanjá



CABOCLOS

Os caboclos são geralmente considerados, pelos umbandistas, como espíritos das primeiras civilizações que viveram durante o Brasil pré-colonial e período de colonização e escravocrata.

Antes mesmo do “descobrimento do Brasil” os índios (ou caboclos) viviam numa sociedade totalmente organizada, na qual tudo era feito por eles, desde o plantio e colheita dos alimentos até suas moradias. Por sua vivência em terras brasileiras, eles conhecem tudo o que se relaciona com a terra. Apresentam-se como caçadores, guerreiros e profundos conhecedores da mata. São considerados pelos umbandistas como “entidades” fortes e cheias de vigor físico. Durante a “incorporação” soltam “brados” fortes que funcionam como verdadeiros “códigos” que fazem parte de uma linguagem comum entre eles, que se cumprimentam e se despedem por meio destes sons.

Para Peixoto (2017) os caboclos, de maneira geral, são espíritos que dispõem de conhecimento milenar do uso de ervas para banhos de limpeza e chá para o auxílio à cura das doenças. São entidades simples, diretas, por vezes altivas, como velhos índios guerreiros. Exímios nas limpezas das carregas auras humanas e experientes nas desobsessões.

Os caboclos são uma das linhas mais antigas da Umbanda, sendo o Caboclo das Sete das Encruzilhadas o porta-voz oficial do advento dessa religião no ano de 1908, através do médium Zélio de Moraes.

Compreendendo que, por sermos filhos desta pátria chamada Brasil, somos herdeiros genéticos e espirituais (energéticos) dos seus verdadeiros donos, os índios, torna-se claro que, bem como em algumas culturas africanas, a Banto, por exemplo, que também teremos acesso aos nossos antepassados, pois sua energia se desprende do corpo e volta ao todo universal e aos seus descendentes.

Na Umbanda ao trabalhar com tais linhas espirituais, não só acessamos nossos verdadeiros antepassados, como honramos as raízes de nossa terra, nos harmonizando assim, com a energia vibratória do Brasil.

Os caboclos são, a meu ver, uma forma de reunir e harmonizar almas que um dia estiveram em lados opostos. Ouvir seus conhecimentos é uma forma de honrar e reconhecer o nosso



fluxo energético e nossa verdadeira descendência.

Uma das principais diferenças entre a Umbanda e o Candomblé é o fato de que na Umbanda é livre a manifestação de espíritos (considerados eguns no Candomblé). Porém, quando se trata de caboclo, aqui há uma exceção a regra.

Das três principais etnias: Nagô (ou Kétu), Fon (ou Jeje) e Angola (ou Bantu) que deram forma ao Candomblé no Brasil, os Bantus foram os que mais se aproximaram aos nativos brasileiros. Com isso, no final do século XVIII surgiram no Recôncavo Baiano os primeiros Candomblés de Caboclo.

Os dirigentes desses Terreiros cultuavam no mesmo terreno, mas em espaços separados, divindades africanas e espíritos de nativos brasileiros denominados de "Índios ou Caboclos". Esses espíritos, quando se manifestavam nestes Terreiros, eram classificados como Caboclos de Pena ou Caboclos de Couro.

Os Caboclos de Pena eram os índios das tribos que viviam da caça, pesca e que se adornavam com penachos, cocares e colares artesanais. Os Caboclos de Couro eram os espíritos dos vaqueiros ou boiadeiros tratadores de gado que usavam indumentárias e chapéus de couro. Todos esses Caboclos tinham como finalidade o aconselhamento aos aflitos, lhes indicando banhos, defumadores, oferendas e tudo que pudesse ajudá-los na resolução dos problemas.

Os nomes usados pelas entidades espirituais, seja nos Candomblés de Caboclo ou na Umbanda, podem ser nomes indígenas de pessoas, por exemplo: Cabocla Jurema ou podem ser referências a tribos ou troncos linguísticos, como Tupinambá. Podem ainda referir-se a nomes simbólicos, usados na Umbanda, como: Caboclo do Sol.



Nomes mais comuns de caboclos: Águia Branca, Águia Dourada, Águia Solitária, Águia Prateada, Cuera, Humaitá, Itambé, Peito de Aço, Rompe-Aço, Rompe-Ferro, Rompe-Fogo, Rompe-folha, Rompe-mato, Rompe-nuvem, Rompe-Serra, Sete Caminhos, Sete Léguas, Tibiriçá, Ubirajara, Ubiratã, Anajê, Cachoeirinha, Caramuru, Caboclo do Sol, Cobra Coral, Cubatão, Caboclo da Pedreira, Caboclo do Lajedo, Guaçu, Girassol, Gira-Mundo, Grajaú, Guará, Itaimbé, Mangueira, Mirim, Laje Forte, Lajedo Grande, Serra Azul, Sete Montanhas, Sete Pedras, Sete Pedreiras, Sete Serras, Sete Trovões, **Treme-Terra**, Caboclo do Trovão, Tupaíba, Tupi, Aimoré, Akuan, Arruda, Asema, Caçador, Caité, Cipó, Itapoã, Jaçanã, Javari, Junco Verde, Kaluanã,



Mata Virgem, Pena Branca, Pena Dourada, Pena Verde, Pena Azul, Pena Vermelha, Pena Amarela, Rei da Mata, Guarani, Flecheiro, Flecha Dourada, Folha Verde, Pantera Negra, Samambaia, Sete Flechas, Sete Matas, Taiguara, Tupinambá, Tapuia, Sete Encruzilhadas, Acuré, Alho-d'água, Anhanguera, Araúna, Arranca-Toco, Aimbirê, Barauna, Bugre, Caboclo Rôxo, Jaguaruna, Jupuri, Pedra Preta, Pedra Rôxa, Piatã, Roxo, Grajaúna, Serra Azul, Serra Verde, Serra Negra, Tira-teima, Tomba Morro, Seta-Águias, Xapangueiro, Yucatan, Araribóia, Areté, Caboclo da Lua, Caboclo Cainana, Cobra D'água, Cobra Dourada, Ererê, Guaraná, Jibóia, Sucuri, Ubá, Ubatuba, Guiné, Caboclo Lírio Branco, Guaratinguetá, Amanajé, Matinata, Mauá, Pedra Branca, Pemba, Seta branca, Tamandaré, Tamandaqué, Tupiara, Urubatão da Guia, Yacamim, Apuana, Bacuí, Caboclo dos Raios, Caboclo do Trovão, Gira-Mundo, Jaguar, Jaguaruna, Laçador, Pantera, Piraí, Ventania, Vento, Vira-Mundo, Zebu, Beira- Mar, Caiçaras, Sete Ondas , Sete Estrelas, Beira Rio, Caboclo da Lua, Cachoeiras, Iara, Icaraí, Itapoã, Jandaia, Lua Nova, Tabajara, Goitacaz, Sete Luas, Sete Cachoeiras, Sultão das Matas, Uirá, Acamim, Acauã, Caboclo da Mata, Cajá, Cambaí, Ciuê, Caboclo da Mata, Flor da Mata, Folha Seca, Jaguaré, Jupará, Peri, Sete Matas, Tapuia e Lança Dourada.

Nomes mais comuns de caboclas: Amana, Amanacy, Amanaiara, Aracê, Arani, Cabocla Sete Flechas, Bartira, Cabocla da Pedreira, Cabocla dos Raios, Cabocla do Vento, Guaraciaba, Iacina, Inaiara, Irani, Ivotice, Jussara, Jurema, Japotira, **Jupira**, Maíra, Moara, Palina, Raio de Luar, Raio de Luz, Potira, Raio de Luz, Raio de Sol, Sete Raios, Sumaré , Suri, Valquíria, Aci, Açucena, Airumã, Cabocla da Praia, Cabocla das Ondas, Cabocla do Mar, Estrela, Estrela d'Alva, Estrela do Mar, Guaraciaba, **Janaína**, Jaci, Jaciaba, Jacira, Jandira, Sete Estrelas, Sete Ondas, Siloé, Sol Nascente, **Jurema Flecheira**, Apoié, Araguaia, Cabocla Menina, Cabocla da Cachoeira, Cabocla da Lua, Cabocla dos Lírios, Estrela da Manhã, Estrela Dourada, Guaíra, Imaiá, Ináira, Iracema, Iraci, Iraí, Jaceguaia, Jaci, Jaciara, Jandaia, Luana, Moema, Paraguassu. Poti, Potiara, Potira, Yara e **Jupira**.

Saudação: Okê caboclo!

Regente principal: Oxóssi, Ossanha, Logunedé e Xangô.





PRETO VELHO

Os pretos velhos são as “entidades” mais carismáticas que povoam os terreiros de umbanda, são reconhecidos nacionalmente como espíritos de escravos e ex-escravos africanos. A mística do preto-velho é fruto de condições e circunstâncias únicas em terras brasileiras. O tempo de vida dos escravos trazidos da África, em função de suas condições de diárias, somado aos maus tratos a que eram submetidos, era em média sete anos no máximo após a sua chegada ao Brasil.

Segundo Peixoto (2017) os pretos-velhos são símbolo de sabedoria e humildade, verdadeiros psicólogos do profundo conhecimento dos sofrimentos e das aflições humanas. Usam de ervas em suas mandingas e mirongas. Suas rezas e invocações são poderosas. Com suas cachimbadas e fala matreira, equilibram as energias que cercam o assistido.

Os pretos-velhos demonstram que não é o conhecimento intelectual ou a forma racial que vale no atendimento caridoso, mas a manifestação amorosa e sábia.

Se a Umbanda nasceu, oficialmente, através da fala de um caboclo, foi na sabedoria e mansidão dos pretos-velhos que ela se firmou em sua primeira ordem: prática do amor e da caridade.

Pai Antônio conseguiu o impossível, com apenas um ponto cantado e parte da sua história, ele consegue fazer com que o **humanismo sobressaia em relação ao racismo**: “meu cachimbo está no toco, manda muleque buscar. No alto da derrubada, meu cachimbo ficou lá”. O ano era 1908 e muitos naquela sala ainda conheciam a pele como sinônimo e escravidão. Ainda assim, na gira seguinte, os tantos brancos que estava presentes naquela reunião, trouxeram um cachimbo para o preto que falava através de Zélio. Socialmente falando, creio ser esta a primeira grande vitória da Umbanda.

Ainda que isso também faça parte do mito fundados e não haja para alguns estudiosos espaço para uma interpretação tão romantizada da nossa sociedade, é fato, que a Umbanda com o passar dos anos ganhou o seu espaço social, sendo um dos muitos caminhos que transformou, ou ao menos auxiliou no processo, a relação entre brancos e negros.

Desde então essa é a missão dos pretos-velhos na Umbanda, serem ferramentas para despertar ao amor. É fato que para ser um



preto-velho não é preciso ser preto ou velho, é preciso compreender a humanidade de tal forma que a sua dor se torne ensinamento e força para revolucionar ao seu entorno de forma grandiosa.

O velho arqueado, de voz humilde, não se engane. Ele não tem limitação alguma, ele apenas se mostra de forma a reconhecermos sua sabedoria e nos desarmarmos dos preconceitos já tão presentes em nossa educação. Ao entender a presença do preto-velho na Umbanda, refere-se é parte do nosso passado, são certamente ancestrais em nossa família astral e que acolhidos, ainda que da pior forma, em nossa terra, para podermos compartilhar um caminho evolutivo baseado no perdão e no amor.

Nomes mais comuns de preto-velhos: Pai Anacleto, **Pai Antônio**, Vovô Agripino, **Pai Benedito**, Pai Benguela, Pai Caetano, **Pai Cipriano**, Pai Congo, Pai Dindó, Pai Fabrício das Almas, Pai Firmino D'Angola, Pai Francisco, Pai Gregório, Pai Guiné, Vovô Gumercindo, Pai Jacó, Vovô Jeremias, Pai Jerônimo, Pai João, **Pai João Baiano**, **Pai Joaquim**, Pai Jobá, Pai Jobim, Pai José D'Angola, Pai Julião, Vovô Juran-dir, Pai Malaquias, Pai Mané, Pai Miguel D'Arruda, Pai Roberto, Pai Serafim, Pai Serapião, Pai Severino, Pai Tomaz, Pai Tomé e Pai Zé.

Nomes mais comuns de preta-velhas: Vovó Acácia, Vovó Ana, Vovó Anastácia, **Vovó Cambinda (ou Cambina)**, Vovó Filó, Vovó Carolina, Tia Chica, Vó Ditinha, Vovó Barbina, Mãe Benedita, Mãe Cassiana, Vovó Francisca, Vovó Luíza, Vovó **Maria Conga**, Mãe Maria D'Aguiene, Vovó Manuela, Vovó Chica, Vovó Ana, Tia Joana, Vovó Maria, Vovó Maria Redonda, Vovó Catarina, Vovó Luiza, Vovó Rita, Vovó Gabriela, Vovó Quitéria, Vovó Mariana, Vovó Maria da Serra, Vovó Maria de Minas, Vovó Rosa da Bahia, **Vovó Maria do Rosário**, Vovó Benedita, Mãe Terezinha D'Angola e Tia Zefinha.

Saudação: Adorei as almas!

Regente principal: Omolu, Oxalá, Iroko e Nanã.



CRIANÇAS / ERÊS

Brincadeiras e diversão é o significado da palavra Erê em yorubá e traduz muito bem o espírito de uma criança. Estas entidades se apresentam como personagens infantis alegres e brincalhões, sempre denotando infantilidade em suas ações. Costumam usar chupetas, comer bolos, balas, doces e choco-

lates brancos, bebem bastante refrigerantes, normalmente guaraná ou outra variedade de refrigerantes claros e gostam também de tomar água misturada com açúcar.

Os erês aparecem no terreiro para equilibrar a energia do local e transmitir a mensagem do Orixá regente (da casa ou do médium). Por isso, de forma muito pura, eles podem falar a verdade sem rodeios e fazer perguntas inapropriadas, típico de uma criança inocente.

Não existe mentira ou má conduta que fique escondida quando um erê chega em terra.

Segundo Peixoto (2017) as crianças, aparentemente frágeis, tem muita força na magia e atuam em qualquer tipo de trabalho. Essa faixa vibratória serve para elevar a autoestima do corpo mediúnico, após atendimentos em que foram transmutados muita tristeza, mágoa e sofrimento.

Dentro da Umbanda não existe um único padrão de rituais ou comportamentos, considerando que a autoridade maior dentro do terreiro é a espiritualidade e que cada linha tem comportamentos diferentes entre si e que cada espírito traz a sua verdade e vivência, é impossível determinar o certo e o errado dentro de um terreiro, portanto devemos respeitar as diferenças entendendo que são formas de praticar a fé.

Todas as linhas apresentam diferenças entre si, quando comparamos duas ou mais casas de axé, mas quando se trata dos erês, as diferenças são bem grandes. Por exemplo, tem casas que os erês trabalham como adultos: cozinham, fazem o serviço de limpeza do terreiro e temos também casas que os erês são crianças que vêm somente nos dias de festas para comer e brincar, podendo ser somente para limpeza equilíbrio de um médico.

A forma de trabalhar dos erês também está relacionada à como ele é visto dentro do terreiro. Sendo assim, temos casas aonde eles vêm para trabalhar da consulta como linha de atendimento e passe e outras que limitam as ações dessa linha as festas de Cosme e Damião. De forma geral, podemos dizer que essa forma diversificada de trabalho depende da Escola Mediúnica na qual estamos inseridos.

Muitas pessoas se enganam ao associar os erês a doces e guaraná, pois não há maldade que um erê não consiga quebrar e não há trabalho que um erê não possa desfazer, pela energia de pura que essa linha apresenta.

Ao explicarmos quem são os erês, concluímos 3 linhas de atuação:





1°. Encantados
A força que despende do Orixá.

É pureza/energia que existe dentro de nós e que através da manifestação do nosso Orixá é desprendida.



2°. Crianças
Morreram quando crianças.

Estes têm suas histórias contadas como viveram e como morreram. Apesar da forma infantil, entendemos que assumem essa postura não por falta de evolução, mas com o propósito de auxiliar no desencarne de outras crianças.



3°. Escolha:
Escolha de trabalho por afinidade.

Um espírito que por afinidade a linha ao desencarnar escolhe essa linha de trabalho.



Assim como ocorre em outras linhas, é possível, e nem um pouco raro, que o médium tenha mais do que um erê em seu eledá (conjunto que compõe a espiritualidade de cada médium) e por isso, pode apresentar espíritos que atuam em subdivisões diferentes dessa falange.

Um ponto que ainda não conseguimos definir é se o erê pode atuar simultaneamente em duas ou mais subdivisões de sua falange, pois neste ponto do estudo, a prática e a teoria se desenrolam em mais questionamentos e que, por si, ainda não apresentaram respostas conclusivas.

Aqui cabe a divisão entre razão e fé, afinal o sobrenatural não pode ser por completo explicado pela racional, senão não seria místico. Quando o estudo ainda não é o suficiente, a fé é o único recurso daquele que se permite tocar pelo sobrenatural, pois nem sempre estamos prontos para absorver a sabedoria trazida pela espiritualidade.

Então, cabe lembrar que mediunidade é responsabilidade e que o “eu quero” nunca é o motivo para essas manifestações ou explicações de lacunas, que, na maior parte das vezes, ainda não está em tempo de serem preenchidas.

Sendo assim, de forma geral, podemos resumir que: o erê é um ser iluminado e encantado que trabalha como um intermediário do Orixá, expressando sua vontade.

O nome dos erês podem ser dos mais diversos possíveis, inclu-

sive em algumas casas (especialmente na cultura do Candomblé) essas entidades podem ser batizadas. De forma geral, o erê assume comportamentos e nomes que representam o Orixá para se conectar com as pessoas. Em outras palavras, eles simbolizam a ponte que une o inconsciente do Orixá e consciência humana.

Nomes mais comuns de erês: Escudinho de Prata, Ferrinho, Soldadinho, **Joãozinho**, Espadinha, Carazinho, Azulão, Ferreirinho, Galhinho, Rosinha da Mata, Flechinha Dourada, Setinha de Ouro, Índiozinho; Ofá de Prata, Arquinho Verde, Taína, Jupirinha, Chaguinha, Palhinha, João Palhinha, Pipoquinha, Xaxará, Deburú, Mariazinha das Palhas, Faisquinha, Mariazinha Tempestade, Ventinho, Raiozinho de Fogo, **Brasinha**, Rosinha dos Ventos, Prainha, Sereiazinha, **Mariazinha da Praia**, Conchinha de Prata; Estrelinha de Prata, Marezinha, Estrelinha do Mar, Bruminha; Olhinhos de Águia, Brizinha, Garoa, Neblininha, **Trovãozinho**, Machadinho de Ouro, Rochinha de Ouro, Faisquinha; Pinguinho de Fogo, Tochinha, Mariazinha da Pedreira, Juquinha Trovão, Mariazinha do Pântano, Manguinho, Lagoinha, Orvalinho, Buruquezinho, Rosinha do Mangue, Peixinho de Ouro, Pássaro Dourado, Flechinha de Ouro, Arquinho Dourado, Espelinho de Ouro, Pepita, Pepitinha de Ouro, Melzinha, Favinho de Mel, Chuvisquinho de Ouro; Pedrinha da Cachoeira, Gotinha Dourada, Espelinho de Ouro, Gotinha de Ouro, Pedrinha Dourada, Florzinha de Ouro, Folhinha Verde, Cabacinha, Cachimbinho, Aroini, Cambotinha, Mariazinha das Folhas, Folhinha Branca, Folhinha de Prata, Cobrinha Dourada, Guizo de Ouro, Cobrinha de Vidro, Cobrinha Verde, Ipomeia, Guerreirinha, Terrinha, Julinha, Algodãozinho, Canjiquinha, Pilãozinho, Erê Canjica, Pombinho de Prata, Cravinho Branco ou de Prata, **Pedrinho**, **Caboclinho**, **Rosinha**, **Margarida**, **Joaninha**, **Tempestade**.

Saudação: Oni Ibejada!

Regente principal: Ibeji



MARINHEIROS

Segundo Peixoto (2017) a linha dos marinheiros está ligada ao mar e as descargas energéticas. São grandes psicólogos que conhecem e trabalham diretamente com a hipocrisia humana, portando-se de forma eclética e versátil. Uma das principais lições dessa linha de trabalho é a necessidade de sermos mais flexíveis e de enfrentarmos as dificuldades com jogo de cintura.

Por trabalharem com as vibrações mais densas, os marinheiros são diversas vezes associados aos exus, sendo considerados por muitos sacerdotes como guias cruzados (espíritos que são capazes de trabalhar na direita e na esquerda conforme necessidade energética) ou até os exus da direita.

Apesar de marinheiros e exus não serem da mesma linha de trabalho, não se pode negar que as semelhanças entre estes trabalhadores astrais são muitas, afinal o bom humor, a irreverência e até a ousadia nas falas e conselhos são comuns nas duas falanges de Umbanda. São exímios destruidores de feitiços.

Além disso, é comum aos atendimentos de marinheiros um cuidado especial com a cura do amor próprio e autoestima. O que algumas mentes maliciosas podem entender como cantadas, na verdade, são caminhos encontrados pelos marinheiros para surpreender o consulente e conseguir trazer o olhar dessa pessoa para as suas feridas internas através da valorização do ser.

Seja para o bem ou para o mal, é bastante comum a essa linha a cura através do reconhecimento daquilo que se é.

A linha de marinheiros traz muita da pluralidade comum a prática umbandista, pois dentre os espíritos que nela atuam têm a representação das muitas raças que formaram o povo brasileiro. Além disso, é preciso recordar que foi atrás dos mares que o crescimento e desenvolvimento das terras brasileiras ocorreram (não questionamos aqui os fatos danosos que tal ação promoveu, mas sim o fato histórico que proporcionou a formação de uma sociedade como hoje conhecemos), por isso é justamente o oceano o grande ventre do Brasil e tem grande relevância para nossa construção social.

Por se tratar de uma profissão historicamente masculina, pouco de ouve falar de marinheiras, ficando esta linha destinada mais aos Juremeiros, onde encontramos as princesas e rainhas. Mas em alguns terreiros, de acordo com suas tradições e origens existem também a presença das marinheiras, na Casa de Mãe Iemanjá não temos nenhuma ressalva sobre esta questão.



Nomes mais comuns de marinheiros: **Martin Pescador**, Martin Negreiro, Marinheiro das Sete Praias, Marinheiro Mercador, Manoel Marujo, Manoel da Praia, **João de Mar**, João da Praia, João do Rio, João do Farol, João Marujo, Zé do Mar, Zé da Jangada, Zé do Bote, **Thiago**, Zé do Cais, Zé Pescador, Zé da Proa, Seu Atenor, Seu Sete Ondas, Seu Sete Cais, **Crispim**.

Nomes mais comuns de marinheiras: Dona Sete Praias,



Luzia dos Sete Mares, Luzia do Cais, Maria do Farol, Maria das Ondinas, Luíza Ondina, Luíza do Cais, Marina Pescadora, Marina das Sete Ondas, Janaína da Jangada, Janaína Mercadora, Tina do Cais, Tina do Porto

Saudação: Salve a Marujada!

Regente principal: Iemanjá e Oxum



BOIADEIROS

Segundo Peixoto (2017) os boiadeiros representam a natureza desbravadora, romântica, simples e persistente do homem do sertão. Representa o mestiço brasileiro, filho de branco com índio, índio com negro.

Assim como as demais linhas de Umbanda, quando em vida, os boiadeiros assumiram um papel social que lhe foi imposto pelo preconceito de um país em formação e cheio de desigualdades sociais.

Geralmente era designado aos mestiços (filhos inter raciais) trabalhos secundários, como cuidar do gado, capturar negros fujões e até cuidar dos escravos e das tarefas da fazenda, eram estes indivíduos, de forma geral, trabalhadores sem reconhecimento social e por vezes contratados como uma forma de reparo social perante das barbáries que foram cometidas no período colonial e de primeiro república no Brasil.

Ser mestiço em terras brasileiras durante esse primeiro período de nossa história pode ser comparado a ser um homem sem pátria, considerando que até os casamentos inter-raciais chegaram a ser proibidos por aqui.

Outro fato que persegue aos mestiços é que historicamente muitas crianças do período colonial foram concebidas por de crimes sexuais, que na maior parte das vezes ocorria entre brancos e as raças escravizadas (negros e índios). Essa era uma marca muito profunda social, pessoal e emocionalmente para esses indivíduos, já que representavam, em grande maioria das vezes, a vergonha da vítima, a indecência do abusador e falta de estrutura e legislação de um país.

Por tudo isso é compreensível que esta linha de trabalho tenha como principal característica a seriedade e o jeito mais direto em suas posições e falas, são por vezes brutos e não perdem tempo com rodeios durante a consulta. Se nos atentarmos um pouco mais, reconheceremos que se tratam de posturas característi-



cas daqueles que amadureceram cedo demais.

Apesar do jeito bruto, **não há conselheiro melhor quando é preciso encarar a realidade e eliminar a autopiedade.**

A ligação entre os caboclos e os boiadeiros é de raiz, lembrando que para alguns candomblés a linha de caboclos-boiadeiros está intimamente ligada a manifestação da ancestralidade. Além disso, dentro deste conceito cabe aos caboclos de pena a correspondência a linha de caboclos na umbanda o aos **caboclos de couro a correspondência aos boiadeiros.**

Ainda fruto de um preconceito social generalizado, **são poucas as manifestações de boiadeiras nos terreiros de Umbanda,** isto porque, tal tipo de profissão era designada aos homens e ainda te associa a linha ao seu gênero de dominância, como ocorre com os marinheiros, por exemplo. Mas é preciso abrir a mente e entender que essa força está atuando em nosso eledá, seja através da incorporação ou não.

Essa linha trabalha com a condução de espíritos sofredores. Representam a humildade, a força de vontade, a liberdade e a determinação.



Nomes mais comuns de boiadeiros: Zé da Figueira, Chico da Porteira, Zé do Laço, Zé da Campina, Zé Mineiro, João da Serra, Boiadeiro Navizala, Laço Nervoso, Carro de Boi, Zé do Trilho, **João Boiadeiro**, Boiadeiro do Lajedo, Boiadeiro da Jurema, Zé do Gibão, **João do Laço**, Boiadeiro Rei, Boiadeiro Menino, Boiadeiro do Sertão, Boiadeiro da Campina, Boiadeiro da Senzala, Boiadeiro Sete Laços, Boiadeiro Riachão, Boiadeiro João Mineiro, Boiadeiro Laçador, Boiadeiro Zé Mineiro, Boiadeiro Chapéu de Couro, Boiadeiro Chapéu de Palha, Boiadeiro do Ingá, Boiadeiro do Rio, Boiadeiro da Estrada, Boiadeiro das Sete Encruzilhadas, Boiadeiro Capineiro, Boiadeiro Chapadão, Boiadeiro da Serra, Boiadeiro Venâncio, Boiadeiro das Almas.

Nomes mais comuns de boiadeiras: Jussara e Zeferina.

Saudação: Xetruá sr. Boiadeiro!

Regente principal: Iansã e Oxóssi



BAIANOS

A linha de baianos atuante na Umbanda é composta por espíritos ligados ao Nordeste do país, que viveram ou passaram

parte de sua vida em Estados dessa região.

Segundo Peixoto (2017) são espíritos alegres e um tanto irreverentes. Possuem grande capacidade de ouvir e de aconselhamento, conversam com calma e nunca se apressam, são fraternais e passam segurança aos assistidos. São responsáveis pela “esperteza” do homem em sua jornada terrena, que veio para cidade e venceu todas as adversidades.

Os baianos atuam descomprimindo o psíquico pesado dos assistidos, tornando a realidade e os problemas mais leves.

Muitos desses espíritos foram descendentes de escravos que trabalharam nos canaviais e no engenho, por isso, foram iniciados por dentro das religiões de matriz africana, tendo um conhecimento muito grande das ervas e da magia. São habilidosos nos desmanchos de feitiçarias diversas.

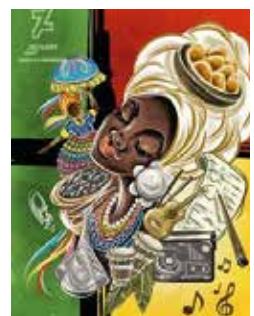
Em diversas casas de Umbanda a linha de baianos está associada a linha de preto-velhos, sendo também parte da chamada linha das almas, sendo essa com toda certeza uma das linhas que mais trabalha a pluralidade característica da Umbanda, pois se manifesta de forma distinta, de acordo com a casa, a religiosidade e o local.

Em meus anos de vivência eu já vi baianos associados a grandes mestres como Doutor Zé Pilintra, ou aos Malandros. Existem baianos que trabalham na linha da quimbanda (por quimbanda entendam-se trabalhos em envolvem uma magia africanista) e outros que são puro sorriso e alegria.

Mas indiferente da forma de trabalho que os espíritos que esta falange assuma, o pertencimento a linha das almas e a semelhança com a linha de preto-velho faz muito sentido, pois como já citamos, muitos espíritos que fazem parte da linha dos baianos também foram escravos, além disso, são exímios quebradores de demandas, benzedeiros, curadores, conhecedores de grandes mistérios das ervas e rezas fortes, além de precisos conselheiros.

A linha de baianos é característica do estado de São Paulo, sendo rara a sua manifestação em outras regiões do Brasil. Mas isso não quer dizer que esses espíritos se manifestem apenas aqui, pelo contrário. Ao observarmos mais atentamente algumas linhas de trabalho regionais, encontramos espíritos de grande semelhança com os nossos amados baianos trabalhando sob uma falange diferente. Para alguns estudiosos, por exemplo, a falange dos baianos está associada a linha de malandros, quando falamos do estado do Rio de Janeiro.

Há alguns anos, durante as entrevistas para a elaboração do




livro “A Umbanda que a gente toca lá em casa”, tive o conhecimento de uma linha de trabalho característica de alguns terreiros de Salvador-Bahia chamada Quilombos. Segundo o pai Julian de Oxalá, ele presenciou uma gira da falange dos Quilombos e nela se manifestavam negros quilombolas, fortes guerreiros e dominadores dos mistérios da quimbanda. Sem medo de parecer arrogante, posso dizer que o Martim Pescador, baiano que atua como patrono de nosso terreiro atende a todas estas características.



Outro ponto interessante é o fato de que Pai Julian hoje toca em sua casa giras que trabalham com a Linha dos Quilombos e os médiuns que participam destes encontros também manifestam espíritos quilombolas. Por si, este fato demonstra como a Umbanda tem a premissa de receber todos aqueles que a ela procuram e se adaptar de acordo com a cultura, crença e ritualística tanto da espiritualidade a ela pertencente, quanto ao sacerdote e sociedade que a ela entregam sua fé.



 **Nomes mais comuns de baianos:** Baiano dos Sete Cocos, **Chico Baiano**, Januário, Joaquim Baiano, João Baiano, João do Coqueiro, Juvenal, Juvêncio, Mané Baiano, Serafim, Severino da Bahia, Simão do Bonfim, **Zeca do Côco**, Zé Baiano, Zé Pereira, Zé Pretinho, Zé Tenório, Zé da Estrada, Zé da Lua, Zé do Berimbau, Zé do Ouro, Zé do Prado, Zé dos Trilhos, Zézinho Baiano, **Zé do Cangaço**.



Nomes mais comuns de baianas: Baiana Rosalva, Baiana da Estrada, Baiana da Palmeira, Baiana da Praia, Baiana dos Cocos, Baiana dos Sete Nós, Chica Baiana, Jacinta, Juvência, **Maria do Farrapo**, Maria do Rosário, Maria Baiana, Maria Fulô, Januária, Maria Mulata, Maria da Cruz, Maria das Candeias, **Maria do Balaio**, Maria dos Anjos, Maria dos Remédios, Quitéria, Raimunda, **Maria Rosa**, Rosa Baiana, **Maria Bonita**.



Saudação: Salve a Bahia! É da Bahia meu pai.

Regente principal: Oxum

 **EXUS**

Os exus devem ser vistos como a “polícia de choque” da Umbanda, isto é, são eles os responsáveis por “cobrar o que tem que ser cobrado”, não havendo nenhuma ligação dos exus com a figura do demônio.

Estas entidades também são vistas como a própria representa-



ção daqueles que já padeceram dos mesmos sofrimentos pelos quais todos nós já passamos ou ainda passaremos. Talvez daí venha a sua grande “força” e popularidade. Estas entidades são reconhecidamente mais próximas dos encarnados, são identificados como as “entidades” mais “humanas”.

É verdade que Exu guarda as passagens, as encruzilhadas, portas e porteiras, mas sua atuação está muito além daquela comparada a um porteiro. Exu atua como o próprio anjo da guarda de seu médium, zelando pelo caminho espiritual e até material desse filho.

Os exus são entidades que fazem parte da mitologia Banto e tem similaridade com os Orixás, porém os espíritos que trabalham nesta linha, não carregam as mesmas funções ou características energéticas designadas aos orixás que recebem este mesmo nome.

Apesar de ser uma linha comum a maior parte dos terreiros, os exus tiveram que galgar o seu posto de guardião dentro da Umbanda, sendo ainda hoje, erroneamente associado a vinganças, maldades e espíritos de baixa vibração.

Já aprendemos anteriormente que é difícil definir o surgimento da Umbanda, ainda assim, o que temos por base é o ano de 1908 como um período em que essa religião passou da informalidade para a legitimidade perante a sociedade brasileira, entretanto, não é preciso uma pesquisa muito profunda para concluir que apesar de nomes distintos, outros tantos cultos de matriz africana já tocam as suas “macumbas” no fundo do quintal de casa. Esses rituais, normalmente presididos por negros, mulatos e toda classe marginalizada da sociedade brasileira já produzia certo frenesi entre a elite, hora por medo e hora pelas soluções místicas propostas pelos espíritos que ali militavam.

Uma característica desse tipo de atendimento está pautada nos pedidos nada cristãos que muitos católicos, políticos, madames levavam para os então temidos pais de santo e seus espíritos sombrios, bebedores de cachaça e comedores de farofa!

Esse período trouxe grande fama para tais entidades e terreiros, pois assim como tudo num consultório médico remete a profissão e a capacidade médica do doutor que alia tua, dentro dos quintinhos de fundo de quintal tudo remetia ao poder do pai de santo e a sua capacidade de gerar temor em seus clientes.

É como dizem, a primeira impressão é a que fica e no caso ficou mesmo! Por muitos anos Exu não poderia se manifestar em outro lugar que não nos quartos obscuros de fundo de quintal, afinal, a



quem estes cristãos sem Cristo poderiam culpar pelos seus desejos sombrios, que não fosse ao demônio que tomava o corpo dos negros?

Alimentar esse medo também era interessante aos negros recém libertos, isso mantinha uma certa barreira entre os brancos e eles e fazia das sessões espíritas um trabalho informal, mas que mantinha a comida na mesa.

Compreendida as raízes dessa história, é claro que Exu, ao menos num primeiro momento, não poderia estar associado a Umbanda e nem mesmo as pessoas que a legitimaram. A Tenda Nossa Senhora da Piedade (primeiro terreiro oficial do Brasil) era um ambiente totalmente sincretizado e **como sincretizar um santo que faz o que lhe pedem sem exigir que seu pedido seja bom, sem impor uma linha moral?** Como justificar todos os preconceitos associados a Exu?

Por ser uma figura controversa, Exu acabou ganhando chifres e rabo em suas imagens e como bom brincalhão que é, conhecedor de suas verdades e essência, Exu permitiu que o imaginário brasileiro o visse como bem entendia.

Nas casas de Umbanda Exu está associado, na maioria das vezes, ao orixá Omolu. Isso ocorre porque o campo e atuação de muitos Exus é o cemitério, local este que também está associado ao imaginário folclórico do brasileiro, pois essa entidade muitas vezes é vista com grande apego a sua matéria.

Ainda assim, não existe um único campo de atuação para os Exus, afinal ele é o vento e o vento está em todos os lugares.

Para compreendermos melhor é preciso entender que inicialmente essa associação se deu justamente pelo fato de Exu estar associado as mortes e aos desejos da carne, se pensarmos bem, **muitas vezes essa entidade é vista como um obsessor ou demônio bonzinho, que atende as nossas vontades por um copo de cachaça. Pura arrogância humana!**

A verdade é que muitos exus podem atuar no cemitério, afinal, são de fato conhecedores dos desejos humanos e por isso **capazes de argumentar e até orientar os irmãos recém desencarnados**, mas também atuam em todos os lugares que quiserem, sem limitações! Exu é o movimento, é a comunicação, é guardião!

Quanto a associação com o orixá Omolu, ela surge de mais um engano, afinal, algumas casas entendem que Omolu é o senhor do cemitério, porém ao estudarmos mais profundamente, entendemos que este orixá é o senhor da terra e não da calun-



ga. Sendo assim, o cemitério é um dos muitos campos de atuação dele apenas pela vasta existência desse elemento. Entretanto, cabe aqui um questionamento interessante: hoje poucos são os cemitérios que trabalham com campas, pela quantidade de pessoas o método adotado são gavetas, o que extingue o uso da terra, sendo assim, será que este ainda é um reino de Omolu?

A associação da falange de Exu com Omolu também está relacionada a ausência, na maior parte das casas, do Orixá Exu dentro do panteão cultuado na Umbanda. Entretanto, na Casa de Mãe Iemanjá praticamos o culto ao Orixá Exu e por isso as falanges de Exu, Pombogira, Exu Mirim e Pombogira Mirim respondem à energia desse orixá.

O papel de Exu na Umbanda é bastante plural, pois sua atuação é interpretada de acordo com a escola seguida pelo terreiro, sendo considerado guardião, comunicador e até escravo por muitas casas.

Quando o tema é Exu, tudo cuidado é pouco, pois existem grandes diferenças entre seus falangeiros (espíritos que atuam nesta linha após o desencarne) e o Orixá, o grande comunicador que leva as mensagens do Orun ao Ayê.

O ritual do Ipadê, por exemplo, que é realizado antes das giras, já mostra essa diferença, pois no começo saudamos o orixá Exu com a prece e também com a cantiga em yorubá, para depois pedirmos a proteção dos falangeiros para que fechem as portas e guardem o terreiro das demandas.

De forma geral podemos definir que os exus são mensageiros e aplicadores da lei maior, sua presença no terreiro deve estar sempre associada a um trabalho a ser realizado (como os demais guias), por isso, quando ocorrer algo diferente, fique atento! O despreendimento de energia para uma incorporação é gigantesco, por isso, seu Exu jamais virá em terra apenas para ter comportamentos inadequados que são fruto de uma visão preconceituosa que habita no imaginário popular e às vezes até no seu.

Outra dificuldade no que tange a falange de Exu são os muitos espíritos que se manifestam como obsessores e que se auto denominam Exu. Nesse ponto o primeiro esclarecimento é: só porque eu me proclamo presidente, eu posso comandar o país? A resposta é não! E o mesmo acontece com esses espíritos.

A fim de auxiliar na compreensão dessa falange tão extensa e complexa, alguns autores fizeram uma divisão entre os muitos tipos de Exus e seus campos de atuação. Apesar de não concordar completamente com a forma como foi organizada essa divisão,



creio que trará certa luz para os médiuns em processo de desenvolvimento ou aos novos umbandistas e as lacunas ainda presentes, estou certa de que o tempo irá completar.



Exu Catiço

É um exu escravo, aquele que faz o que é mandado. Em verdade se trata de um espírito obsessor ou até perdido que se une a um grupo de espíritos negativos e atua diretamente em trabalhos fora da lei de Umbanda. Esse tipo de entidade também é chamada de Exu pagão, pois não respeita o livre arbítrio ou os desígnios da luz maior, a lei de Umbanda.



Exu Batizado

É aquele que trabalha dentro da Umbanda sob a ordem de um Exu Maioral (chefe de falage), responsável por aplicar a lei, fazer as consultas, orientar aos médiuns e normalmente trabalha através da incorporação.



Exu Guardião:

É o Exu que guarda o médium, nem sempre trabalha incorporado ou até incorpora muito pouco, é aquele que é responsável pela segurança do terreiro, pelas desobsessões e pelo bom andamento da gira.



Essas definições podem ajudar para uma compreensão mais superficial e generalizada, mas não definem, de forma alguma, toda a atuação que estas entidades tem sobre as nossas vidas.



Nomes mais comuns de exus: Exu Arranca Toco, Exu Asa Negra, Exu Bará, **Exu Belzebu**, Exu Brasa, Exu Brasinha, Exu Calunga, Exu Calunguinha, Exu Capa Preta, Exu Capa Preta da Encruzilhada, Exu Capa Preta das Almas, **Exu Capa Preta das 7 Encruzilhadas**, Exu Capoeira, Exu Carranca, **Exu Carangola**, Exu Cascavel, Exu Catacumba, Exu Caveira, Exu do Cemitério, Exu Corta-corta, **Exu Cobra**, Exu Corcunda, Exu Corrente, Exu Curador, Exu Desmancha Tudo, Exu Desmancha Rua, Exu Duas Cabeças, Exu do Fogo, Exu Mangueira, Exu Maré, Exu Facada, Exu Ganga, Exu Gargalhada, **Exu Gato Preto**, Exu Gira Mundo, **Exu João Caveira**, Exu da Campina, **Exu da Morte**, **Exu do Lodo**, Exu do Tronco, Exu Lalu,



Exu Lorde da Morte, Exu Lúcifer, Exu Malê, Exu Mangueira, Exu Marabá, **Exu Marabô**, Exu Marabô Toquinho, Exu Maré, Exu Matança, Exu das Matas, Exu Meia Noite, **Exu Morcego**, Exu Mulambo, Exu Pagão, Exu Pedra Preta, Exu Pemba, Exu Pimenta, **Exu Pinga-fogo**, Exu Pirata do Mar, Exu Poeira, Exu Ponto Maioral, Exu Porteira, Exu Quebra-barranco, Exu Quebra Galho, Exu Quirombô, Exu Rei, Exu Rei das 7 Encruzilhadas, Exu Rei das Trevas, Exu do Rio, Exu Serapião, Exu Sete Brasas, Exu Sete Buracos, Exu Sete Caminhos, Exu Sete Campas, **Exu Sete Catacumbas**, Exu Sete Caveiras, Exu Sete Corvas, Exu Sete Cruzes, **Exu Sete Encruzilhadas**, Exu Sete Estradas, Exu Sete Facadas, Exu Sete Garfos, Exu Sete da Lira, Exu Sete Montanhas, Exu Sete Pedras, Exu Sete Poeiras, Exu Sete Portas, Exu Sete Porteiras, Exu Sete Queimadas, Exu Sete Sombras, **Exu Tatá Caveira**, Exu Tiriri, Exu Tira-teima, Exu Toco-preto, Exu Toquinho, Exu Tranca-gira, Exu Tranca-rua, **Exu Tranca-rua das Almas**, Exu Tranca-rua de Embaré, Exu Tranca-rua das 7 Encruzilhadas, Exu Tranca-rua da Encruzilhada, Exu Tranca-rua das Matas, Exu Tranca-rua do Mar, Exu Tranca Tudo, Exu Tronqueira, Exu Veludinho, **Exu Veludo**, Exu Veludo da Encruzilhada, Exu Veludo da Mata, Exu Veludo das Almas, Exu Veludo das Sete Encruzilhadas, Exu dos Ventos, Exu Ventania, Exu Vira-mundo.

Saudação: Laroyê Exu! Exu Mojuba!

Regente principal: Exus



POMBOGIRAS

As pombas-giras carregam consigo toda a ideia de ambiguidade. São mulheres fortes que fugiram do padrão pré-estabelecido pela sociedade para as mulheres. Essas entidades normalmente trabalham com a energia de relacionamentos e principalmente cuidado para que os assistidos encontrem o maior amor em si.

A origem do nome Pombogira já gerou muita divergência entre diversos escritores, mas como uma fonte confiável é tudo na hora de definir uma linha de pensamento, trago aqui a visão do tema segundo Reginal Prandi (1996).

O autor defende na sua obra “Herdeiras do Axé” que no idioma quimbundo, a língua ritual dos candomblés angola (tradução bantu), o nome de Exu é Bongbogirá e que certamente Pombogira (Pomba Gira) é uma corruptela desta palavra.

Por isso, é correto afirmar que a Pombagira cultuada nos candomblés e umbandas, tem seu culto constituído a partir de entrecruzamentos de tradições africanas e européias. De maneira geral ela é considerada um Exu feminino para os candomblés ou o oposto energético da Entidade Exu na Umbanda.

Já em outra linha de estudo, a autora Augras, entende que Pombogira, também uma simplificação de Bombojira, teria sua aparição em terreiros de Umbanda (a macumba, originariamente) do Rio de Janeiro em torno da década de 30 do século XX, daí disseminando-se para outros terreiros do país, inclusive nas casas de candomblé. Portanto, seria uma divindade originalmente de Umbanda que adentrou o candomblé graças a sua popularidade, e não o oposto. A literatura religiosa, também na maioria das vezes, alude ao fato de ser Pombogira uma entidade cujo surgimento teria se dado na Umbanda, sendo posteriormente cultuada no Candomblé.

Considerando a base do candomblé paulista e carioca, no qual espírito é egum, exu é escravo e pombogira dá consulta, a segunda visão é mais apropriada no que tange a realidade. Entretanto, considerando os candomblés de caboblo do nordeste, a primeira visão também é possível, deixando no ar a questão: qual a resposta? Não Importa!

A Pombagira é uma mulher desafiadora para a sociedade até hoje e por isso tem um lugar muito especial nas religiões afro-brasileiras. Além disso, ela pode também ser encontrada nos espaços não religiosos da cultura brasileira: nas novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia-a-dia.

Assim como ocorreu com Exu, que teve a sua moral questionada pelo cristianismo desde o primeiro momento manifesto na Umbanda, pela influência kardecista na umbanda, a Pombagira foi, e em muitos terreiros ainda, é o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres. Tudo isso simplesmente para justificar uma postura na qual o amor próprio e a liberdade de opinião são combatidas como amorais.

A Umbanda em seu princípio, para se afirmar socialmente e ser aceita enquanto religião de brancos, mais ocidentalizada e “evoluída”, provocou o distanciamento no culto das representações mais africanizadas, como, por exemplo, o culto às deusas, cujos mitos revelam grande vigor e sexualidade. Nesse processo de transformações doutrinárias, tudo o que se rela-



cionava a uma sexualidade ativa e fora da moral vigente, a umbanda relegou para o lado obscuro e oculto, da esquerda, domínio dos “deuses da desordem”, domínio de Exu, onde todo mal pode ser praticado sem consequência.

Visão primitiva e errônea que ainda é alimentada por grande parte dos religiosos a fim de consolidar o poder através do medo.


Segundo estudiosos, durante a década de 60, os médiuns que trabalhavam na Umbanda passaram a receber personificações de mulheres sedutoras, com uma vibração próxima aos Exus. Esse evento coincidiu com o fato de que as mulheres no mesmo período ganharam força dentro das casas religiosas, principalmente das religiões de matriz-africana.

A força social trazida pelas Pombogiras, é até hoje, pauta de diversos movimentos na busca pelo reconhecimento da força feminina. Assim como nas demais linhas, os espíritos que atuam na falange das Pombogiras trazem sua individualidade, sendo assim, é impossível resumir seu modo de trabalho ou sua história de maneira generalizada.

Por seu modo sensual, a falange das Pombogiras foi associada às prostitutas. É fato de que muitos espíritos que militam nesta linha tiveram essa experiência em vida, mas a sensualidade trazida por essas entidades está muito mais relacionada a uma resistência, uma provocação social, na qual se expõe aquilo que tentou ser calado socialmente.

Nas casas de Umbanda mais tradicionais (e me perdoem a generalização e liberdade, porém tenho que considerar, casa mais machistas de forma geral), existe uma lenda de que os homens não podem manifestar (incorporar) as Pombogiras ou até qualquer tipo de espírito feminino, pois, ao fazer tal coisa, sua sexualidade será atingida e ele se tornará mais feminino. Na Casa de Mãe Iemanjá entendemos que não mantemos em nossos corpos trações da personalidade dos espíritos que manifestamos, ou seríamos todos, portadores de múltiplas personalidades.

A verdade é que assim como na época da inquisição o sagrado feminino assustava e ameaçava a soberania masculina, a Pombogira ainda assusta, encanta e a ameaça aos machismo social.

 Nomes mais comuns de pombogiras: Pombagira Cacurucaia, Pombagira Cigana (Nome da Cigana), Pombagira da Calunga, Pombagira da Figueira, Pombagira da Lira, Pombagira da Meia-Noite, Pombagira da Praia, **Pombagira Dama da Noite**, Pombagira Dama das Sete Capas, Pombagira das



Sete Liras, Pombagira das Almas, Pombagira das Lagoas, Pombagira das Rosas, Pombagira das Sete Encruzilhadas, Pombagira do Cruzeiro, Pombagira do Lodo, Pombagira do Mangue, Pombagira do Reino da Lira, Pombagira dos Ventos, Pombagira Figueira do Inferno, Pombagira Ganga, Pombagira Giramundo, Pombagira Madalena Sofia, Pombagira Maria Alagoana, Pombagira Maria Baiana, Pombagira Maria Bonita, Pombagira Maria Caveira, Pombagira Maria Cigana, Pombagira Maria da Estrada, Pombagira Maria da Praia, Pombagira Maria das Almas, Pombagira Maria das Sete Catacumbas, Pombagira Maria de Minas, Pombagira Maria do Cabaré, Pombagira Maria do Caís, Pombagira Maria Dolores, Pombagira Maria Eulália, **Pombagira Maria Farrapo**, Pombagira Maria Morena, **Pombagira Maria Mulambo**, Pombagira Maria Navalha ou Maria Navalhada, **Pombagira Maria Padilha**, **Pombagira Maria Quitéria**, Pombagira Maria Rita, Pombagira Maria Rosa, Pombagira Maria Sete Covas, Pombagira Maria Sete Encruzilhadas, Pombagira Maria Sete Navalhas, Pombagira Maria Sete Ondas, Pombagira Maria Sete Punhais, Pombagira Maria Sete Rosas, Pombagira Maria Sete Saias, Pombagira Maria Sete Véus, **Pombagira Menina**, Pombagira Mirongueira, Pombagira Rainha, Pombagira Rainha das Rainhas, Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas, Pombagira Rainha do Cemitério, Pombagira Rainha Sete Saias, Pombagira Rosa Caveira, Pombagira Rosa da Calunga, Pombagira Rosa da Encruzilhada, Pombagira Rosa da Madrugada, Pombagira Rosa da Noite, Pombagira Rosa das Almas, Pombagira Rosa do Cabaré, Pombagira Rosa do Lodo, **Pombagira Rosa dos Ventos**, Pombagira Rosa Maria, Pombagira Rosa Menina, Pombagira Rosa Morena, **Pombagira Rosa Negra**, Pombagira Rosa Vermelha, Pombagira Sete Calungas, Pombagira Sete Canoas, Pombagira Sete Capas, Pombagira Sete Catacumbas, Pombagira Sete Chaves, Pombagira Sete Coroas, Pombagira Sete Cruzes, Pombagira Sete Encruzilhadas, Pombagira Sete Estrelas, Pombagira Sete Luas, Pombagira Sete Mares, Pombagira Sete Navalhas, Pombagira Sete Ondas, Pombagira Sete Pombas, Pombagira Sete Porteiras, Pombagira Sete Punhais, Pombagira Sete Rosas, Pombagira Sete Saias, Pombagira Sete Tridentes, Pombagira Sete Ventanias, Pombagira Sete Véus, Pombagira Veludo.

Saudação: Laroyê Pombogira!

Regente principal: Exus





EXUS MIRINS

Acredita-se que estes espíritos infantis conviveram nas ruas, afastaram-se das relações familiares já em idade tenra e foram **expostos às mais perversas formas de discriminação social**, além dos riscos de violência das grandes cidades. Geralmente referem-se a espíritos de crianças que viveram nas ruas. Apesar de serem espíritos infantis, são considerados espíritos de muita força.

Apesar de entender que a Umbanda é uma religião nova e ainda cercada de mistérios e lacunas **no que tange suas linhas de trabalho (que também acredito ainda estarem em formação e expansão)**, o advento da Umbanda Sagrada, nos anos de 1990, escola esta fundada pelo autor e sacerdote Rubens Saraceni, gerou muita confusão quando o tema é Orixás e falangeiros, mas nada se compara ao caos gerado por essa vertente de estudo umbandista quando o tema é Exu-Mirim, Pombogira-Mirim, Exu e Pombogira.

Segundo Saraceni em sua obra: Lendas da criação: a saga dos orixás (2000), **exu-mirim assumiu a função de fazer regredir todos os espíritos que atentam contra os princípios da vida, contra a paz e harmonia dos seres**. Além disso, em suas obras o autor cria “uma nova divindade”, ou melhor, algumas: Exu-mirim, Pombogira e Pombogira-mirim que assumem, segundo ele, o papel de Orixás.

Nessa visão da Umbanda Sagrada das linhas de Umbanda, Exu-Mirim e Pombogira-Mirim tem a sua condição de espírito alterada tornando-os, segundo Saraceni: **seres encantados da natureza, provenientes da sétima dimensão à esquerda da que vivemos**.

Tal descrição, pelo menos a mim, parece digna de um ser de grandes poderes e sabedoria, mas durante a literatura vasta sobre o tema, segundo a Umbanda Sagrada, a palavra doutrina aparece repetitivamente no descritivo dessas entidades quando o autor fala sobre a sua atuação nos terreiros de Umbanda.

Também está associada a essa descrição a palavra misticismo, a fim de justificar que as entidades que já haviam se manifestado anteriormente, na verdade, carregavam um determinado tipo de comportamento, sem jamais se colocaram em condição de ser encantado da natureza, pois o médium estava mal preparado e carregado de sua arrogância, forçando um comportamento inapropriado para libertar seus desejos e de força preconceituosa marginalizar tais manifestações. Em resumo, posso afirmar que seguindo tal linha de pensamento, não exis-



tia então, durante os anos de 1908 a 1990, sequer uma pessoa que de fato tenha incorporado algum Exu-Mirim.

Me dando ao direito de ser crítica sobre o tema e tentando manter minha opinião fundamentada entre fatos e argumentos, entendo que a confusão gerada pela criação de uma nova divindade não justifica as “verdades reveladas” sobre o pesado julgo do misticismo sobre toda uma geração de umbandistas. Tais verdades reveladas através da escola Umbanda Sagrada sobre os exus-mirins, apenas aumentam as lacunas sobre este mistério.

Este ponto do nosso estudo pode até parecer um ataque direto a esta escola, mas não é, pelo contrário, em muitos pontos da Umbanda que tocamos aqui em casa nos assemelhamos com as ideias deste grupo, mas neste ponto em especial, cabe uma grande diferença e o cuidado quanto a verdade e a ilusão.

A máxima de que "basta repetir uma mentira para que ela se torne verdade" é uma das regras básicas da propaganda política, constantemente atribuída ao nazista Joseph Goebbels e também objeto de estudo da psicanálise de Freud no que tange as situações sociais e religiosas. Pode parecer um tanto parcial, mas se desde 1990 com a aquisição e crescimento da Editora Madras e também com o advento do Colégio Pai Benedito, pouco nos restou de outras fontes para entender sobre esse tema, que até então mal era questionado pelos autores e sacerdotes, será que as afirmações hoje disponíveis, não acabam se tornando verdades por serem as únicas, destruindo nosso senso crítico e plantando uma doutrina na Umbanda de forma absoluta? Por isso, cabe a observação e o olhar atento para reconhecermos as lacunas e alimentarmos nosso espírito contestador.

Na Casa de Mãe Iemanjá compreendemos que os exus-mirins são entidades (espíritos) que trabalham sob a regência do Orixá Exu. Estes espíritos são crianças e jovens (até seus 12 anos mais ou menos) que viveram numa realidade bem distante da maior parte dos acadêmicos e até sacerdotes da Umbanda atual.

Claro que para compreender a atuação destes espíritos e sua realidade social seria preciso se despir da hipocrisia e compreender a realidade privilegiada que vivemos, sem medo de assumir nosso papel social.

Qual seria essa realidade?

No entorno da sua residência, provavelmente na sua vizinhança, uma criança seja espancada enquanto você almoça, um garotinho viva num lar abusivo, sentindo-se em perigo... porém um pouco mais distante da sua casa, também existem



crianças que sentem fome, que foram abandonadas, abusadas, obrigadas a fazer coisas que elas precisam crer ser normal para seguir os seus dias.

Falamos de crianças obrigadas a se prostituir, a roubar, a vender e usar drogas; crianças com um coração endurecido, que desconhecem o amor. Negar a existência dos Exus e Pombogiras-mirim é fechar os olhos para essa parcela da sociedade e afastar a Umbanda de um dos seus princípios: **dar voz e valor aos marginalizados!** Pois quando você se incomoda com o fato de uma criança ser mal educada, beber, falar palavrões, a ponto de não ouvi-la, você não se permite aprender com a experiência trazida por essa entidade, mas ainda existe um ponto mais importante: **você permite que seu preconceito velado seja mais forte do que a sua fé.**

Seja na condição de vivo ou espírito, só podemos dar aquilo que temos e mesmo que seja distante dos nossos olhares elitizados, existe uma gama enorme de crianças e jovens que vivem e morrem sob condições horríveis, que não seriam sequer imaginadas pela sua visão parcial da realidade.

Estes jovens e crianças, através da espiritualidade, tornam o seu sofrimento, a sua vivência, um caminho evolutivo para olhos e ouvidos atentos as suas lições. Além disso, as desigualdades, a violência, o preconceito e todos os horrores que cercam nossa sociedade não se encerraram com o passar dos anos, pelo contrário, pioraram.

Quantos são os jovens e crianças vivendo em tamanha violência ou abandono que apenas um igual conseguiria compreender sua verdadeira essência? Nos desprendendo de um falso moralismo, percebemos que a idade e a inocência se desligam em tempos diferentes para realidades diferentes.

Sendo assim, apesar dos mistérios e lacunas característicos da falange dos exus-mirins, acredito que pelos argumentos apresentados até aqui é possível concluir que:

- **1. Se tratam de espíritos em processo de evolução após o seu desencarne;**
- **2. Eles encontraram na Umbanda um caminho evolutivo no qual a sua voz e conhecimento tem valor.**

Analise você também, não seria exatamente isso que a Umbanda fez com todas as demais linhas que nela militam hoje? **Deu voz aos excluídos para que fôssemos capazes de ouvir nossas raízes, nossa brasilidade.**



E assim como em qualquer caso, se houverem lacunas (e sempre haverão) busque na espiritualidade a base para responder as dúvidas:

Relatos de Exu-Mirim coletados por Sullivan Charles Barros:



“Eu sou exu-mirim, de criança que rouba e mata. Nós exu-mirim somos crianças com maldade no coração (...) Porque o mundo levou a gente assim. A gente roubava coisinha, aí prende, né?, Aí vem polícia, aí é triste, batia na gente. E a gente não roubava muita coisa não, a gente roubava coisinha, só pra comer. Eu sofri muito. Polícia me bateu com aquelas coisas, fazia assim na minha bunda. Dormi na rua. Eu não comia, eu não comia porque eu não tinha comida. Eu tinha que roubar carteira. Eu falava assim: Tio, tio me dá um dinheirim” e falava “Vai trabalhar vagabundo”. Aí eu roubava. Eu dormia no relento. Quer saber como eu morri? Morri de facadas, que um bandido veio e me matou (Exu-mirim C. P. [Menino], “incorporado”, em entrevista, Brasília/DF, mar/2003 [Médium M. R., feminino]).”

“A gente ajuda muito as crianças que mexem com drogas, crianças que vivem na rua como nós viveu. Problemas de filhos revoltados, tá entendendo?(Exu-mirim, C. P. [Menino], “incorporado”, em entrevista, Brasília/DF, mar/2003 [Médium M. R., feminino]).”

Segundo Sullivan Charles Barros em seu artigo publicado na Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010: “o sentimento de exclusão, de desamparo é latente. Roubar e até mesmo matar, não se aprende da noite para o dia, mas com o sofrimento, pela necessidade da sobrevivência o demonstrando que estes meninos de rua refletem um grande problema social.”



Nomes mais comuns de exus-mirim: Toquinho da Calunga, Calunguinha, Porteirinha, Corisco, Quebra-Toco, Poeirinha, Covinha, Joãozinho Navalha, **Brasinha**, **Foguinho**, Zezinho da Encruzilhada, Pedrinho do Cemitério, João Caveirinha.

Saudação: Laroyê Exu-Mirim!

Regente principal: Exus





POMBOGIRA MIRIM

Confesso que esta linha trabalho é uma enorme lacuna na minha vivência umbandista e que nesse momento me coloco mais na condição de aprendiz do que na condição de mestre.

Até recentemente, nos diversos terreiros de São Paulo que tive o prazer de conhecer não presenciei a manifestação da falange de Pombogira-mirim, por outro lado, confesso que nunca me atentei para descobrir se alguma menina se manifestava como Exu-mirim nestas casas, mas hoje através de pesquisas acadêmicas realizadas para a confecção desta apostila, vejo que sim, existiam exus-mirim que eram na verdade meninas trabalhando nesta falange.

No artigo: Sublimidade do Mal e Sublimação da Crueldade: criança, sagrado e rua, segundo pesquisa José Francisco Miguel Henriques Bairrão, em publicação para a revista Psicologia: Reflexão e Crítica (Universidade de São Paulo), no ano de 2004, é possível transcrever o seguinte relato sobre o tema: “É muito rara a aparição de meninas, até porque, por definição, exu é homem. No terreiro do Toquinho contam nos que a antiga mãe de santo, falecida há mais de dez anos, comentava ter conhecido um médium que recebia uma menina que vinha nesta linha. É o único caso de que tiveram notícia ao longo de todo esse tempo, embora Manezinho Tição, do bando desse centro, nos alerte que com eles vem uma menina, que ainda não baixa porque não tem cavalo.”

Aprendi, pelos lugares que passei que a Pombogira Menina seria a mais nova dentre as moças que trabalham nessa vibração, porém ela não seria uma criança, apenas mais jovem do que as demais mulheres. Até porque o conceito de criança muda muito com os anos e locais. Existem meninas de 13 anos que se casam conforme sua cultura e para isso, elas não podem ser consideradas crianças.

Aliás, segundo a revista Observatório do Terceiro Setor, em matéria publicada no dia 14 de abril de 2020, o Brasil é o 4º país no mundo no que tange a casamentos infantis. Segundo a jornalista Isabela Alves, responsável pela matéria em questão, apesar do casamento infantil ser tratado como um tema distante da realidade brasileira, os números afirmam o oposto: de acordo com um relatório produzido pelo Banco Mundial, essa realidade atinge mais de 554 mil meninas de 10 a 17 anos no Brasil, sendo que mais de 65 mil delas se casam entre 10 e 14 anos de idade.

Pensando bem, faz muito sentido a suposição de que por



muitos anos as Pombogiras-mirim estavam escondidas, incorporando junto aos exus-mirim, afinal aprendemos ser “moralmente errado”, associar a imagem de uma criança ao sexo e essa moralidade nos cegou para o fato de que não existem apenas meninos com afinidade energética junto a esquerda.

Por que afirmo isso? Simples, enquanto os Exus são vistos como transgressores das normas sociais (meninos levados), as Pombogiras são a sedução e a prostituição (promíscuas). Quando falamos de um Exu-mirim, falamos de uma criança com comportamentos próximos a um Exu, quando falamos de uma Pombogira-mirim, tendemos a fazer a mesma ligação quanto aos comportamentos.

É ultrapassada a associação de Pombogira e prostituta, mas como tudo o que envolve o preconceito, vai levar um tempo até as coisas não serem mais assim e creio ser esse um dos principais motivos para a total ignorância sobre a linha das Pombogiras-mirim.

Basta observarmos as imagens que encontrei para a representação das Pombogiras-mirim, em todas temos uma menina precocemente sexuada, quase como uma Pombogira adulta, mas como resto mais infantilizado.

Bem, indiferente da forma como o nosso imaginário consegue lidar com a linha das Pombogiras-mirim, vocês se lembram que a Umbanda é a religião que nasceu para dar voz aos marginalizados? Seguindo a esta linha de pensamento, sei que provavelmente os dados a seguir podem parecer um tanto assombrosos, mas sim, nossas meninas muitas vezes têm desafios sociais precoces e bem maiores do que muitos meninos, e o pior, nossas meninas aprendem a sofrer em silêncio pois em muitos casos são ensinadas que culpa é da vítima.

A matéria publicada pela BBC no dia 13 de janeiro de 2020: Abuso sexual de crianças: onde o Brasil e o mundo estão acertando e no que têm que melhorar, informa que segundo relatório o Brasil está em 11º lugar no ranking mundial no que tange a abusos infantis e violências sexuais. Parece bom? Talvez até seja. Entretanto, apesar da colocação, o Brasil está abaixo da média quando o tema é: compromisso e capacidade dos governos na mesma pesquisa. Esse item, por sua vez, avalia investimentos, equipamentos e capacitação mobilizados pelo governo para evitar e tratar os casos de abusos sexuais infantis.

Então, resta a dúvida: se o governo é o órgão legitimador dos dados e não está apto a lidar com o tema, podemos considerar o 11º lugar uma informação confiável ou apenas fruto da falta de preparo e estrutura social do profissional?



Deixo a dúvida e retomo ao tema com outra matéria, desta vez do laboratório de demografia e estudos populacionais, publicada dia 03 de novembro de 2009, e nela encontramos a seguinte afirmação: **seja para comprar comida ou fumar crack, o fato é que milhares de crianças e adolescentes estão espalhados pelas rodovias federais brasileiras oferecendo os corpos por até R\$2.** No Brasil, há um ponto vulnerável à exploração sexual infantil a cada 26,7 quilômetros - isso considerando apenas os locais em que a Polícia Rodoviária Federal (PRF) já flagrou ou recebeu denúncia de menores de 18 anos submetidos a prostituição.



Creio com os dados até aqui apresentados entendemos que:

- >> **Não existir uma entidade feminina correspondente a linha de Exu-mirim seria algo discrepante em relação à todas as demais linhas.**
- >> **Talvez a ausência das Pombogiras-mirins seja fruto do preconceito velado e da falta de conhecimento histórico-social do Brasil.**
- >> **A inocência é algo muito relativo e acaba se perdendo entre uma realidade social e outra.**



Estes fatos por si justificam socialmente a necessidade da existência desta linha e sua representação social. Afinal bem como as demais linhas de Umbanda essa é uma parcela social que, seja por ignorância ou preconceito, preferimos não enxergar.



Espiritualmente falando, aprendi com o Baiano Zé dos Cocos que só podemos auxiliar o próximo quando sentimos na carne, quando deixamos de imaginar para passar a compreender a dor do outro e assim, passamos a compartilhar essa dor, essa é a verdadeira caridade.



Os anos passaram e a realidade de abusos e miséria ainda assola nosso povo e tais linhas, como as Pombogiras-mirins são as únicas a compreender, justamente por já terem sentido na pele, a dor do próximo e por ser assim, são as únicas capazes de ajudar esses irmãos.



- **Nomes mais comuns de pombogira-mirim:** Rosinha do Cemitério, Rosa Caveirinha, Pimentinha, Figueirinha, Ventania, Foguinho, Flor de Fogo.
- **Saudação:** Laroyê Pomnogira-Mirim!
- **Regente principal:** Exus



EXUS E SEUS CAMINHOS

Segundo Peixoto (2017) a vibração da linha de trabalho Esquerda (compreende Exu, Pombogira e Exu Mirim) atua numa faixa de retificação evolutiva, fazendo com que, muitas vezes, a sua atuação seja confundida com o mal, o que não é verdadeiro.

Essa linha de trabalho é composta por espíritos experientes para trabalhar com a psicologia da vida, sem sentimentalismos na hora de aplicar a lei Cármica. A ideia de ação e reação é justamente o que rege a energia da esquerda, ficando claro que não há injustiças quando as situações vividas pelos homens, apenas consequências.

Por conhecerem de forma profunda os desejos humanos e suas falhas e virtudes, são comparados a amigos leais, prontos a dividir todas as situações da vida com aqueles que protegem.

Nenhum espírito militante da Lei de Umbanda faz mal a ninguém, pelo contrário. Em seus trabalhos desafazem demandas e feitiçarias.

Segundo Mariana Leal de Barros (2013) no artigo: “Magia é veneno e remédio”: A “esquerda” umbandista em articulação com a segunda teoria pulsional freudiana, publicado no Boletim formação em psicanálise: em geral, na Umbanda, o “mal” não é percebido como um ponto de ataque, mas muito mais como ponto de atenção, ou seja, é importante conhecê-lo para dele se proteger. Assim, bem e mal são apreendidos como forças primordiais e necessárias, mas a manipulação de ambas depende de cada terreiro.

Parece não haver um recalçamento imediato de facetas escondidas do ser humano e, bem ao contrário, a violência, a traição, a inveja, a sexualidade e os desejos são tratados e percebidos como próprios da condição humana. Neste ambiente de acolhimento, a umbanda se mostra como um espaço de inclusão desde sua constituição até suas práticas de cura e escuta, promovendo uma diversidade de aspectos do profano no sagrado.



Legenda: atendimento Pombogira Maria Padilha Sete Encruzilhadas

Exus e pombagiras, maiores representantes da “esquerda” umbandista, são bons exemplos de como esta religião é capaz de incluir toda e qualquer característica humana no sagrado. Possuindo a capacidade de transitar entre o que é bom e mau, o Exu pode ser um aliado audaz ou inimigo perigoso, cada posição depende também de como se coloca o sujeito que com ele se relaciona. A todo momento, o que se ouve quando se investiga Exus ou pombagiras é “Exu não é mau nem bom, ele faz o que você pedir” (Joana, mãe-de-santo, terreiro Tenda de Umbanda Pai Benedito).

Não concordo quanto sacerdote com a ideia de que Exu seja neutro ou burro a ponto de não entender o bem e mal, ainda que distante da visão cristã. Mas compreendo que por serem forças contrárias e que, ao mesmo tempo se equilibram, toda boa ação virá, acompanhada de uma reação ou uma segunda ação que atuará de forma contrária. Por exemplo: para que eu tenha um emprego, alguém precisou ou ser demitido, ou ser desclassificado durante a seleção.



MALANDROS

Segundo Rodrigo de Souza da Silva, em seu artigo: Zé Pilintra: concepções sobre a Umbanda e o Malandro: a Umbanda recebe influência de outras religiões, por exemplo, do catolicismo e do Candomblé. Porém, mesmo possuindo esses elementos, ela ainda possui sua individualidade. Algumas entidades, por exemplo, Zé Pelintra, faz presente também em outras religiões além da Umbanda. Ou seja, ele aparece também na Jurema Sagrada e no Catimbó carioca.

No Catimbó ele era entendido por meio dos mitos e lendas sobre sua suposta vida (suposta porque não há provas evidentes de que ele realmente tenha existido nesse plano).

Na Jurema ele atua como mestre, no entanto, na Umbanda ele pode baixar (se manifestar) em várias linhas, entre elas: do Malandro, Exú e até mesmo do Preto Velho.

No Catimbó ou na Jurema Sagrada, Zé usa chapéu de palha e cachimbo de angico, é um homem forte, robusto e joga capoeira como ninguém.

Assim como todas as Marias do Brasil tem entre si poucas semelhanças e muitas diferenças, o mesmo acontece com os Pilintras que se manifestam dentro e fora da Umbanda. Estes espíritos trazem muitas diferenças regionais, culturais, carregando consigo boa parte da sua personalidade.

Essas diferenças que já acontecem de um terreiro para o outro, se tornam, em grande parte das vezes, mais marcante quando se observa de uma religião para outra. Gerando, em diversos momentos, uma discussão sobre qual seria o verdadeiro Zé Pilintra.



Por favor, reflitam! Em que momento a diferença é sinônimo de falsidade quando se trata da essência humana. Os guias abandonam seus nomes e não sua personalidade, é a sua formação e experiência que o capacita a ser uma entidade e atuar em determinada linha.

Segundo Rodrigo de Souza da Silva é importante ressaltar que, mesmo existindo várias histórias relacionadas a origem da entidade Zé Pelintra, não significa que alguma seja falsa, mas, sim, que cada ser sagrado (pertencente a falange) possui em sua memória uma vida que associa ser a de sua origem.

Estas “entidades” quando manifestadas nos corpos de seus médiuns, possuem as características típicas do malandro brasileiro, aqueles que viveram em início do século XX, nos bairros pobres e nas favelas. São considerados, no imaginário umbandista, como amantes da noite, das mulheres, da bebida, dos vícios, dos jogos, do samba e das brigas. Os malandros são comumente vinculados à ideia de vadiagem e se referem aos tipos sociais que se entregaram ao ócio, voltando às costas para o trabalho: “sempre descansando”, “perambulando na rua”, “não querendo procurar o que fazer”. Por outro lado, são também vistos como sujeitos espertos, “descolados”, que conseguem se sair bem em qualquer situação.

Essa associação do negro a vadiagem é fruto do contexto histórico que permeou o início do século XX, quando a população que ocupou os morros cariocas precisava buscar uma maneira subversiva de vida, já que o preconceito com os negros era muito mais forte e presente nesse período.

A imagem do malandro que cerca a entidade é compreendida de forma diferente entre as elites. E isso levanta algumas indagações “no projeto civilizador das elites brasileiras, o malandro - negro, mal vestido, violento, capoeira de fala fina e navalha no bolso - era objeto de repressão e discriminação”. Sendo assim, a entidade traz a tona e simboliza o que o dito progresso queria negar/esquecer.

Segundo Assunção (2010) Zé Pelintra é visto como o malandro que representa a astúcia, o livre trânsito pela brecha e pelo proibido, o uso dos meios não-sancionados pelas normas morais”. Nessa perspectiva, a ação do malandro seria na resolutiva de problemas utilizando métodos além dos convencionais, ou seja, através de trabalhos espirituais.

Segundo Peixoto (2017) os espíritos da linha de malandros são oriundos dos grandes centros urbanos, notadamente o Rio de



Janeiro. São cordiais, alegres, foram músicos, compositores, poetas, escritores, boêmios, dança gingando ensinando-nos que sobretudo o jogo de cintura é necessário para driblar os desafios das grandes metrópoles.

São espíritos que podem caminhar entre a direita e a esquerda, podendo inclusive aparecer nas giras de Exu e Pombogira. **Tem facilidade em reconhecer o caráter daqueles com quem estabelecem uma conversa, desmascarando mentiras sem a menor cerimônia.**

Trabalham principalmente desmanchando feitiços relacionados ao amor, ou dando conselhos sobre o coração. Outra linha por eles atendida são aqueles que vivem nas ruas e precisam da sua proteção.

Zé Pelintra aparece no Terreiro – assim como todo Malandro – para tirar energias negativas, expulsar ações malignas geradas pelo preconceito, trazer purificação para a alma dos que necessitam, cura para todos os setores e abertura de caminhos para todo tipo de assunto.

Os malandros são entidades muito justas e que jamais toleram mentiras. Se alguém os tenta enganar, pode se preparar para ser desmascarado à frente de todos.

São muitas as lições trazidas pelos malandros, mas uma frase que foi bem marcante dos atendimentos realizados pelos malandros é do Zé da Madrugada: A diferença entre o malandro e o otário é que o otário sempre acha que é malandro.



Nomes mais comuns de malandros: Zé Pilintra, Malandro, Zé da Madrugada, Maria Navalha, Navalha, Sete Navalhas, Morena, Rosa da Madrugada, Morena da Praia e outros mais.

Saudação: Salve a Malandragem.

Regente principal: Ogum, Exu e Iemanjá



CIGANOS

Para falarmos dos ciganos, primeiro é preciso compreender quem são eles e porque surgiram para trabalhar nas linhas de Umbanda.

Segundo a Definição da Organização das Nações Unidas, “Os ciganos são um povo de origem única, dispersos por vontade própria entre as nações”. Padecem do estereótipo de serem eternos estrangeiros e andarilhos por onde passam ou se instalam, o que os torna mais vulneráveis socialmente. Muitos deles vivem



no país em uma condição de miséria, marginalizados e esquecidos no plano social, econômico, político e cultural. Até o ano de 2021 eram doze milhões espalhados no mundo. No Brasil, durante o mesmo período, encontravam-se cerca de 800 mil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estão espalhados em 290 cidades e se concentram, principalmente, no litoral dos Estados do Sul, Sudeste e Nordeste. Assim como outros povos subalternizados, foram escravizados, em especial na Europa Oriental (por 400 anos, na Romênia).

Atualmente é reconhecido que os povos ciganos constituem um grupo heterogêneo. No Brasil subdividem-se em etnias distintas, sendo as principais os rom, os calon e os sinti. Cada grupo traz elementos culturais únicos.

Estão presentes no país desde o início da colonização, já no século XVI. Chegaram em maior número com a vinda da família real. A primeira menção a ciganos no Brasil foi em 1574, quando Portugal deportou a família do cigano João Torres por circular livremente no reino, mediante uma lei que proibia o ir e vir de ciganos.

Apesar da perseguição, o Brasil foi o espaço sonhado por muitos deles. Com terras inexploradas, os ciganos adaptaram-se bem ao novo continente, circulando bastante no país. Em 1808, os ciganos já constituíam comunidades significativas na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

No quadro da política anti-cigana no Brasil, foi proibido o uso da língua romani e por isso muitos ciganos brasileiros, atualmente, não dominam o dialeto. Já no panteão umbandista, em geral, se apresentam linguística e esteticamente de uma forma que evoca a língua castelhana e o flamenco, ou seja, tributária da primazia dos calon na nossa convivência social.

Os ciganos que trabalham na umbanda representam o povo andarilho, que vivia em grupos e, não tinha destino nem caminho certo. São caracterizados nesta crença como espíritos livres, alegres, festeiros, que gostam de danças, músicas e de receberem presentes. Os ciganos ainda são considerados uma linha nova na Umbanda, por isso, nem todas as casas tem o hábito de trabalhar com estes espíritos, sendo diversas vezes a sua atuação confundida ou até associada as linhas de Exu e Pombogiras.

Quando cultuados como uma das falanges de Umbanda, os rituais ciganos nesta crença são conhecidos principalmente pela fartura de bebida e comida. Tendem a atrair um grande público e é perceptível um ar de encantamento e certa euforia. O ambiente fica repleto de cores e sabores. A música envolve o ambiente,



danças e gestos misturam-se na arte de comemorar. Os espíritos ciganos são exigentes em seus rituais e creio que assim devem ser, pois sua vibração é quase como vento, sendo muito mais leve do que outras linhas, lembrando a sua liberdade e pluralidade, pois toda a sua diversidade cultural, religiosa e geográfica também se refletem em suas manifestações.

A linha dos ciganos não faz parte das linhas tradicionais de Umbanda, talvez por isso, nem mesmo suas giras ocorrem em consonância com as demais. A diferenciação dos seus ritos tende a ser bem demarcada a ponto de, por vezes, ser considerado um culto à parte ou em paralelo.

Outra forma de reconhecer o trabalho dos ciganos nas casas de Umbanda é quando dentro do terreiro o sacerdote traz uma linha mais mística, neste caso sua presença é mais marcante fora das “giras” onde “trabalham”, principalmente, na área da cartomancia, quiromancia, astrologia, runas e outras artes divinatórias.

Quando surgem na umbanda, os espíritos ciganos mostram-se aparentemente desobedientes à lógica da religião: a caridade, já que não fazem nada gratuitamente, cobram pelo trabalho. A relação de troca é clara, ajudando quem for merecedor. No entanto, há uma tamanha desproporção entre o custo meramente simbólico das suas consultas e o ganho suposto, que fica claro que se trata muito mais de demarcar a sua independência da lei da umbanda do que propriamente de romper com essa regra da espiritualidade umbandista.

As ciganas aparecem mais do que os ciganos. Estas “entidades” quando “incorporadas” vestem-se com saias rodadas, lenços coloridos, com muitas pulseiras, colares, utilizando pandeiros enfeitados com fitas e castanholas. Os ciganos, por sua vez, se apresentam também com roupas coloridas, argolas na orelha e punhais na cintura.

Na Umbanda, as vítimas de exclusão são incluídas e transformadas em especialistas no contrário do que sofreram. No caso dos ciganos da umbanda, por exemplo, as rígidas regras matrimoniais ciganas, que excluem a escolha pessoal e, portanto, obstariam à liberdade de escolha amorosa, o que no entendimento umbandista ocasionaria infelicidade, promovem por inversão os ciganos espirituais em baluartes da liberdade e conselheiros amorosos.

Estes espíritos tentam trazer ao homem o “cumprir” o destino sem chorar ou olhar para trás, sem aderir a um discurso vitimizante. Outras escolhas sempre hão de surgir nas andanças da vida. Nesse sentido, o povo cigano na umbanda, simbolica-



mente, acima de tudo traz um estado de espírito no qual se aceita quem se é com entusiasmo, sem sujeitar-se à lógica do ressentimento.

Enquanto as (sete) linhas tradicionais carregam características da ancestralidade brasileira, trazem o passado através dos ritos e consultas de diversas categorias de espíritos, como os pretos velhos e caboclos, dentre outras. Os ciganos dão outra orientação aos consulentes, do daqui para a frente. O passado menos importa, o que por si só exclui que se incluam como uma variante das demais linhas. **A linha espiritual cigana na umbanda orienta para o futuro**, sem subordinação a características ancestrais brasileiras. Tipificam uma orientação temporal para diante, para o porvir. Por não comportarem marcas ancestrais do povo brasileiro, revividas pelas demais linhas, não se associam com o penar e os pesares associados à memória coletiva dos grupos subalternos e dramas sociais que se fizeram representar no panteão umbandista.



Nomes mais comuns de ciganos: Rosa, Esmeralda, Carmem, Dolores, Sara, Dalila, Leoni, Jasmim, Ramon, Ramirez, Juan, Vladimir, Sandro, Sandra, Paolo.

Saudação: Ori Ori acampamento cigano! Opacha!

Regente principal: Oxum e Exu



AFRICANOS

Segundo Peixoto (2017) muitas entidades se apresentam como africanas na Umbanda. São falangeiros de Ogum, Xangô, Oxóssi e dos demais Orixás que compõe o panteão cultuado em cada terreiro, que, atuam nesta egrégora dentro dos terreiros para fazer a caridade.

Essa é uma das linhas mais complexas da Umbanda, pois cada terreiro, conforme a sua tradição acaba apresentando características próprias sobre os espíritos que se manifestam como Africanos, em determinadas culturas eles bebem e falam, em outras não, apenas dançam, em alguns terreiros usam capas e em outros vestes próximas as usadas no Candomblé.

O fato é que a proximidade com o conceito de Orixá gera diversas confusões e até certa ansiedade no momento da incorporação, pois a questão é constante no coração dos mais novos: recebo orixá ou falangeiros? E como reconhecer as duas energias?



A verdade é que isso é completamente indiferente, pois um falangeiro carrega consigo a linha vibracional que o Orixá emana em nossas vidas, apenas fazendo uso dela de forma diferente, utilizando-se da incorporação para manifestar esse axé, enquanto o Orixá desperta o divino que há em nós, de dentro para fora.

Uma questão importante quanto a linha dos Africanos é que por se tratar de espíritos que vibram na energia original do Orixás, os famosos “tabus” não cabem nesse conceito, sendo assim, indiferente da coroa do filho ele pode receber todo e qualquer falangeiro, assim como recebe todo e qualquer guia das demais linhas. Sendo uma oportunidade de equilíbrio energético única para a corrente mediúnica.

Devido ao sincretismo e aos Orixás cultuados na Umbanda mais tradicional, ainda é desconhecido a linha de africanos de orixás como: Oxalá, Ewa, Oxumaré, Obá e outros, porém assim como um dia não existia manifestação de um falangeiro de Ogum e hoje existe. Como podemos determinar o amanhã?

De qualquer forma, segue um breve resumo sobre as energias já conhecidas e são trabalhadas na linha dos Africanos:



● **Linha da Fé:** abriga entidades ancestrais de antigas tradições curadoras, são exímios na área da saúde e na ativação da fé. Até o presente momento não houve uma manifestação de falangeiros quanto a esta linha, mas sua energia é regida pelos orixás: Oxalufan e Oxaguian.

● **Linha das Águas:** abriga as falangeiras de Iemanjá e Oxum, tem o poder feminino da gestação e da maternidade. Suas manifestações são suaves, tem influência sobre o emocional, apaziguando os ânimos, levando embora as tristezas, trazendo calma e tranquilidade.

● **Linha da Lei:** abriga principalmente os falangeiros de Ogum e Exu que atuam na luta contra demandas, nas firmezas do terreiro e na abertura de caminhos. Suas manifestações estão ligadas a aplicação da lei do retorno e como essa força atua em nossas vidas.

● **Linha da Justiça:** abriga principalmente os falangeiros de Xangô de incorporação mais pesada, lembrando até uma pedreira. Costumam ser mais para-

dos e atuam no equilíbrio, colocando cada energia em seu lugar e combatendo as injustiças. Sua manifestação se assemelha muito a um grito de liberdade e a sensação de ser protegido.

Linha da Força: abriga as falangeiras de Iansã e Obá, são as verdadeiras guerreiras. Tem o poder feminino da transformação através da guerra. São incorporações agitadas que quebram as energias estagnadas, dando mais movimento a gira e a vida das pessoas.

Linha da Matas: abriga a energia dos Orixás Oxóssi, Logunedé e Ossanha, sendo que até o momento apenas presenciamos a manifestação de falangeiros de Oxóssi. São espíritos ligados a prosperidade e fartura, trabalham diretamente com o conhecimento que se gera solução. São de incorporação agitada e repleta de vida, levantando a vibração do terreiro.

Linha dos Iji: abriga as entidades como Omolu, Nanã, Ewa e Oxumaré. São espíritos ligados a ancestralidade e as raízes culturais e africanizadas da Umbanda. Vibram na transformação energética, resgatando a origem dos problemas que afligem o dia a dia de seus filhos e assistidos. Até o momento não tivemos a manifestação de falangeiros de Ewa.



MESTRES

Para falarmos dos mestres, primeiro precisamos entender o que é a Jurema.

Antes de tudo, a jurema é uma árvore da caatinga e do agreste que tem sua casca utilizada para a fabricação de uma bebida mágica que concede força, sabedoria e contato com seres do mundo espiritual.

A Jurema Sagrada é uma religião de matriz indígena do Nordeste do Brasil. Sua prática já existia em nossas terras antes da chegada dos colonizadores portugueses e dos escravizados africanos no século XVI, entretanto, por falta de documentação histórica pouco se conhece desse período pré-colonial no Brasil e assim, muito se perdeu da origem dessa prática religiosa.

Num país de memórias roubadas, os cânticos sagrados dos terreiros são um dos elementos mais fortes de preservação do “ser da matriz indígena”, na Religião da Jurema. Neles podemos ver a história desse povo cantada sistematicamente, em linhas melódicas que revelam a sua filosofia e imaginário.

Conhecida nas décadas de 1930 a 1970 pelos antropólogos também como Catimbó, esta prática religiosa se manteve viva, mesmo após todo o holocausto indígena que dizimou quase por completo as diversas etnias/civilizações deste país.

A partir da presença dos portugueses em terras brasileiras, desde os primeiros tempos da colonização, vários cronistas e observadores falam sobre o desenvolvi-



mento de rituais ligados à população indígena. Por meio de cantos, danças, infusões, cachimbos e dizeres sagrados, os índios se colocavam em contato com seus antepassados e com outros seres do plano espiritual. Já nesse conjunto de manifestações, a jurema sagrada, jurema nordestina ou catimbó, aparece como uma religião indígena, mas também influenciada por elementos dos cultos cristãos e afro-brasileiros.

Ao longo do tempo, a Jurema incorporou uma série de influências que impedem a formulação de um padrão ritualístico mais extenso. Assim, definimos como praticantes da Jurema todos aqueles que se reúnem em terreiros ou casas para realizar a ingestão da bebida feita a partir da árvore, empregando o uso de tabaco e buscando o contato com um mundo espiritual alcançado através do transe.

Sendo assim, que fique claro a partir deste ponto que na Casa de Mãe Iemanjá não praticamos a Jurema e sim a Umbanda, entretanto, é comum tanto a Jurema quanto a Umbanda a absorção de outras culturas e sendo assim, possível a presença de mestres juremeiros dentro das falanges de trabalho da Umbanda, bem como a manifestação de caboclos e outras linhas espirituais dentro da Jurema, ainda que, cada qual mantenha a sua base ritualística.

Para entender melhor essa relação entre Umbanda e Jurema dentro e fora do terreiro, o livro “O Reino dos Mestres” de Luiz Assunção (2006), é uma excelente fonte de pesquisa, nele encontramos a seguinte definição: a Umbanda é “um processo de reelaboração de elementos simbólicos de várias religiões” que assumem novo significado. Mais do que uma atitude unilateral, a umbanda tanto absorve os cultos regionais quanto é assimilada por diferentes religiosidades. Segundo sua pesquisa, a Umbanda se expande para o sertão nordestino na década de 1960 e encontra lá o terreno de uma forte religiosidade mística. Assim, ao se mesclar com a prática do catimbó sertanejo, a Umbanda ofereceu uma explicação doutrinária e cosmológica acompanhada de certa padronização nos ritos e transes mediúnicos.

De qualquer forma, a presença de alguns traços ligados a Jurema, assim como a necessidade de sua presença dentro da Casa de Mãe Iemanjá e a forma como essa linha tem se construído aos poucos é inquestionável, entretanto, aqui encontramos mais uma lacuna a ser preenchida e aprendida com a espiritualidade: “Eu era, eu era, eu era um pescador; mas eu pesquei uma ciência que sereia me contou”.



Legenda: firmeza de Jurema Sagrada



MAGOS

A linha de Magos na Umbanda é muito nova na Casa de Mãe Iemanjá e em nada se associa com os magos já cultuados em algumas casas de Umbanda Sagrada (escola criada pelo sacerdote Rubens Saraceni).

A crença na realidade dos poderes mágicos do ser humano é um fator comum a todas as culturas. Não há povo, tribo ou civilização, desde os primórdios da história até os nossos dias, que não traga o relato de **pessoas especiais ou possuidoras de segredos e técnicas que os tornam capazes de operar efeitos surpreendentes ou mesmo aparentemente impossíveis.**

A Magia, de modo geral, nada mais é do que a arte de causar efeitos visíveis a partir de causas invisíveis. O Mago, a bruxa ou o pajé são, portanto, "colegas" de ofício, já que as leis mágicas pouco diferem entre si, apesar das diferenças culturais.

O uso concentrado e determinado do pensamento, da emoção e da vontade constitui o material básico que permite ao Mago atingir os efeitos que procura. No entanto, para que esses conteúdos interiores tornem-se mais efetivos, são apoiados em sinais físicos, concretos, surgindo assim uma infinidade de símbolos, ritos e métodos específicos.

Outro conceito importante é o da unidade de todas as coisas em outro plano, mais sutil, no qual trabalham os Místicos e os Magos. Esse campo, conhecido por alguns como plano astral, corresponde, em linhas gerais, a um conceito moderno de inconsciente coletivo.

Apesar de ainda estarmos aprendendo sobre esta nova linha, de forma geral podemos definir é que: **utilizam dos elementos da natureza para seus trabalhos, trabalham em grupos e estes espíritos se aproximam por afinidade do seu líder, utilizam de energias densas para suas magias, transmutando tais energias durante seus ritos e limpando o ambiente.**



AS FALANGES DE UMBANDA E SEUS CAMINHOS

Uma questão de extrema importância nas descrições e definições acima citadas é que **apesar de representarem uma linha de trabalho e um estereótipo, os guias**



apresentam personalidades diferentes, isso quer dizer que existem preto-velhos muito calmos e outros que são exímios quimbandeiros, capazes de promover as maiores mandingas.

Infelizmente, uma das grandes interferências do sincretismo na Umbanda foi a romantização dos estereótipos representados pelas linhas de trabalho de desta crença, transformando, em algumas, casas a flecha de Oxóssi em amada e não mais numa arma, por conta de uma moral cristã ou de uma aceitação social.

Quanto menos sincrético o terreiro, maior será a liberdade de trabalho de algumas linhas. Isso pode acontecer por diversos motivos, mas de forma geral, tratam-se de espíritos que por experiências anteriores não trabalham com um conceito de bem e mal cristão, mas sim com a compreensão de que ninguém é de todo bem ou todo mal e que o equilíbrio entre as duas coisas existe dentro de cada um. Essa visão permite que o caboclo seja um guerreiro, que os falangeiros de Ogum empunhem espadas, que os pretos-velhos sejam capoeiristas que alcançaram a sua liberdade através da luta e que os malandros se orgulhem de seus golpes, navalhas e da vida que os tornaram uma das linhas que trabalham na Umbanda. Doutrinar esses espíritos em prol de uma moral sufocadora de sua essência é, apagar a brasilidade de tais manifestações astrais, é anular os princípios de aprender com a vivência do espírito e entender que se foi concedido a esse guia a presença na Umbanda é porque sua voz é preciosa, seu conhecimento é profundo para o nosso evolutivo e não deve ser calado.



Legenda: Entidade riscando ponto durante a gira

Sendo assim, é correto afirmar que as linhas de trabalho da Umbanda apresentam muitos mistérios e desvendá-los será uma missão para anos a fio, ou talvez algo que jamais ocorrerá. Portanto, a padronização desta manifestação espiritual é fruto de uma doutrinação mental dos médiuns e sacerdotes e não de uma necessidade para que ocorram os atendimentos nas giras de Umbanda.

Para compreender, sem jamais delimitar, as entidades que se manifestam sobre a Lei de Umbanda é **preciso livrar-se da ideia de homogeneidade**, pois as linhas de trabalho da Umbanda são compostas de diversos espíritos e apesar de representarem uma brasilidade (índios, militares, errantes, boêmios) e por consequência um determinado estereótipo brasileiro, essas entidades ainda carregam uma personalidade individualizada que reflete as vivências e histórias que compõe a sua vida espiritual.

As particularidades vividas por cada um desses espíritos são justamente a medida exata que faz com que o atendimento ao consulente seja preciso, pois é **na história vivida pela entidade que há a ligação**, a empatia para a manifestação da cura através das energias e das palavras.

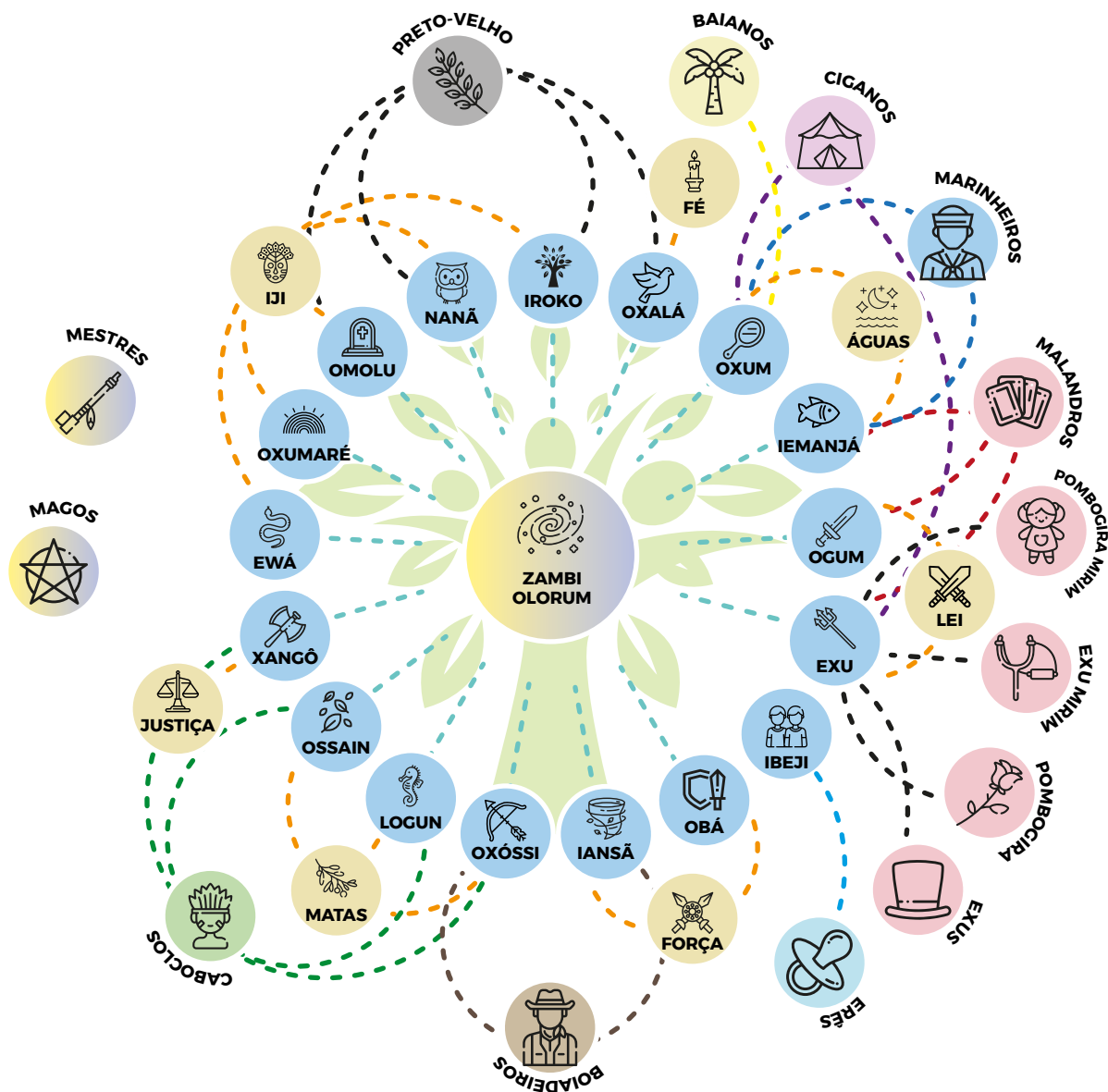
Outro ponto a ser abordado é que o espírito pode se plasmar na forma que bem entender, isso quer dizer que o **passo calmo de um preto-velho ou as dificuldades de fala de um caboclo são parte do estereótipo ali representado e não a falta de opção do espírito**. Ou seja, não podem indicar de forma alguma uma ausência de evolução ou luz. Nem todo preto velho é preto ou velho, mas sim esse é o caminho evolutivo que melhor se adequou a sua missão.

Sendo assim, podemos concluir que as **Linhas de Trabalho na Umbanda são agrupamento de espíritos que trabalham sob a regência (vibração energética) de um ou mais Orixás**, manifestando um conjunto de forças que compõe o seu axé. Portanto, elas se formam por conta das afinidades espirituais de cada grupo, representando assim um dos muitos grupos sociais que formam o povo brasileiro.

De forma bastante simplória e generalizada, apenas para uma compreensão superficial, pode-se dizer que um espírito desencarnado, poderá escolher em qual grupo (linha de trabalho) deseja trabalhar, considerando sua afinidade e crenças pessoais adquiridas durante as suas encarnações e, assim, também determinará os Orixás que irão vibrar sobre a sua essência durante o tempo em que atuar sob essa linha.



Legenda: incorporação de Martim Pescador, patrono da Casa de Mãe Iemanjá

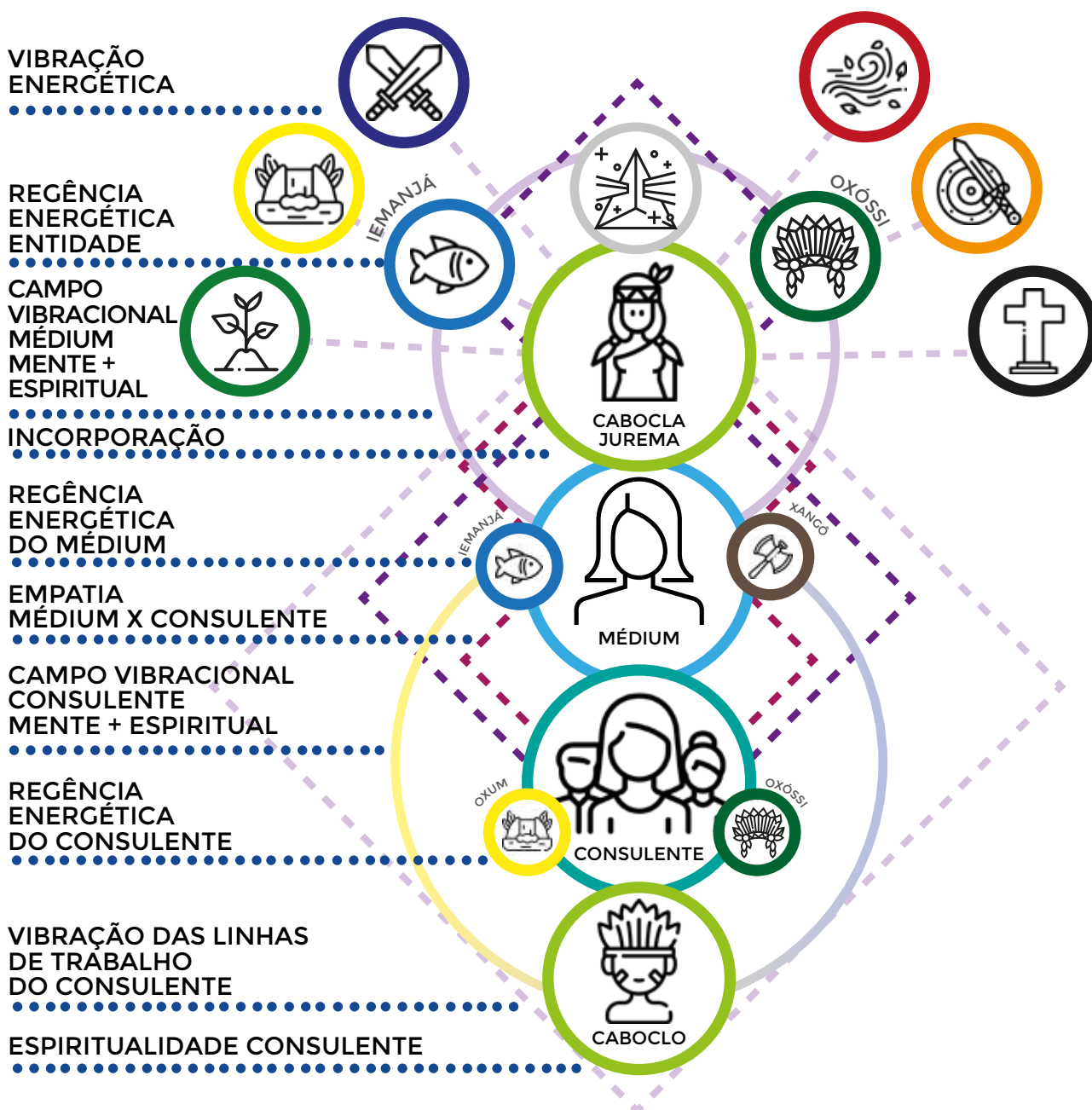


Legenda: Distribuição energética e formação das linhas de trabalho na Umbanda segundo estudos e prática na Casa de Mãe Iemanjá.

Apesar de não ter grandes influências para o desenvolvimento mediúnico (pelo menos num primeiro momento), reconhecer as vibrações que compõe cada linha de trabalho é de grande valia para compreender as sensações corporais e as atuações de cada entidade/guia, bem como o seu ponto riscado, sua forma de trabalho e demais características que serão de grande valia para o médium e para a corrente mediúnica durante os atendimentos com passes e consultas espirituais.

Para compreender bem o tema, é preciso assimilar que toda entidade/guia, de forma geral, carrega consigo a regência principal (de ao menos um dos regentes da linha de trabalho) e um segundo Orixá que irá vibrar sobre a sua forma de trabalho. Esse equilíbrio energético vale como uma identificação (seja no ponto

riscado, na forma de trabalhar, nos elementos usados por esse espírito, ou até na sua história). Neste contexto é possível traçar um comparativo com os Orixás que regem a coroa de uma pessoa (1º e 2º Orixás), afinal, são a partir da harmonia destas energias que espiritualmente temos o equilíbrio para as ações e a formação de nossas personalidades e forma de ver o mundo.



Legenda: gráfico indicativo de energia da Entidade em comunhão com a energia do consulente durante os atendimentos em giras de Umbanda.

Como demonstrei no gráfico anterior, o processo de incorporação e atendimento não envolve apenas um elemento e sim uma série de situações que reverberam entre si, gerando simultaneamente a energia que envolverá todos os indivíduos e até mesmo ambiente, ou seja, desde a preparação do terreiro, até a vibração e/ou intenção do assistido são elementos que irão influenciar no comportamento e no tipo de energia utilizada pela entidade para sua manifestação.

Sendo assim é complexo e até o momento, ao menos para mim quanto sacerdotisa, determinar exatamente os mistérios que envolvem as incorporações e/ou manifestações nas linhas de trabalho na Umbanda, ficando claro apenas:



Regência energética da entidade:

Quais são os orixás que irradiam e vibram sobre a entidade que realizará o atendimento. Isso nos ajuda a definir o tipo de atendimento que será feito (saúde, amor, prosperidade) e quais as irradiações com que aquele espírito atua com mais facilidade.



Incorporação:

O equilíbrio energético entre o médium e a entidade e a qualidade da incorporação é o que garante um bom atendimento. Por isso o desenvolvimento mediúnico é tão importante, na grande maioria das vezes é esse processo que garante a harmonia para que o indivíduo se torne um bom médium.



Regência energética do médium:

Aqui falamos dos orixás que regem o médium que realiza a consulta. Como um canal de comunicação sempre haverá traços do médium e sua energia na interlocução, isso não é misticismo e sim um fato, pois sendo a mediunidade uma escola evolutiva, ao menos parte do mental do médium precisa estar desperto para absorver as lições. Sendo assim, sua energia também estará presente nos atendimentos.



Regência do consulente:

Entendemos que a regência de nossa coroa influencia na nossa personalidade, sendo assim, a forma como o consulente receberá as informações também passará pela sua regência de ori (coroa) ou seja, essa energia terá grande influência no momento do passe e da consulta.



Presença da espiritualidade do consulente:

É justamente a espiritualidade do consulente que irá orientar aos guias quais as verdadeiras necessidades desse consulente. Servindo como uma apoio, um orientador durante os trabalhos.

Aliás, esse é o momento ideal para desmistificar sobre o atendimento e as provas



de incorporação e de identidade do espírito. Por se tratar de um espírito que traz uma missão junto ao médium com o qual trabalha, **nenhum guia tem a onisciência, onipresença ou onipotência**. Ou seja, ele não pode prometer o impossível e nem ver tudo o que a pessoa viveu. Essa história de: “sabe aquela pessoa lá?”, “me fala sobre aquele dia?” ou “o que você sabe do meu vizinho?” é uma grande prova moral para o médium, pois num trabalho sério, as respostas podem ser surpreendentes e muitas vezes se resumem a uma palavra: “não”.

Os espíritos que compõem as linhas de trabalho da Umbanda são muito próximos a nós e por isso suas lições são tão atuais e certas. A verdade é que são apenas duas coisas que nos diferenciam do guia: o fato de estarem desencarnados e por isso terem uma visão mais holística do ambiente e das pessoas que nele habitam e a quantidade de experiências que o espírito acumula em suas vidas, transformando isso em sabedoria.

Sendo assim, as informações que os guias recebem para o atendimento (principalmente quando o consulente testa a incorporação do médium) são fruto da espiritualidade do consulente, ou seja, **as entidades que acompanham aquele indivíduo também participa do atendimento e orientam quais são as necessidades do consulente**. E, algumas vezes, a necessidade é aprender a respeitar a espiritualidade e por isso, **no lugar de respostas há o silêncio**. Em nenhum momento saber da vida do consulente é prova de incorporação, portanto, não deve ser um comportamento incentivado durante o desenvolvimento mediúnico. Muito pelo contrário, **se arriscar nesse campo pode ser uma grande prova de vaidade** e só deve acontecer quando o for necessário para que o consulente aceite a ajuda proposta pela sua espiritualidade.

A espiritualidade não precisa mais se colocar em situação de ser provada, por isso o conhecimento é algo primordial para que quanto médiuns não cometamos certos erros que irão ocasionar marcas e traumas em nossa caminhada.

Voltando a regência energética das entidades, uma das formas de compreender

os orixás que regem uma determinada entidade está relacionado ao nome que carrega esse guia/entidade carrega, por exemplo:

• **Cabocla da Praia:** trabalha sobre a regência de Oxóssi com a influência de Mãe Iemanjá.

• **Caboclo Folhas Verdes:** trabalha sobre a regência de Oxóssi ou Ossanha com a influência de Oxóssi ou Ossanha.

• **Caboclo Pedra Preta:** trabalha sobre a regência de Oxóssi ou Xangô com a influência de Oxóssi ou Xangô.

Assim como existe dualidade sobre a energia principal que irá reger uma coroa, podendo ser alterada de acordo com a necessidade de harmonização do médium, também é possível ocorrer alterações da vibração que será usada do guia/entidade durante os seus trabalhos, mas isso não muda sua essência.

Outro ponto importante é que entidades com o mesmo nome podem ter regências diferentes, de acordo com a escola praticada pelo terreiro, sua vibração energética, ou outros pontos que ainda são lacunas para o nosso entendimento, mas posso afirmar que percebo isso o exu Marabô, por exemplo:



ESCOLA	ENTIDADE	REGENCIA
Umbanda Sagrada	Exu Marabô	Exu da linha de Oxóssi
W.W. Da Matta	Exu Marabô	Exu da linha de Iemanjá
Casa de Mãe Iemanjá	Exu Marabô	Indefinido

O Exu Marabô das Almas que trabalha na Casa de Mãe Iemanjá, já relatou que era um gajo⁶ tendo uma forte ligação com parte da cultura cigana, trabalhando muito com o lado comercial, amoroso e emocional. Quando perguntado sobre a sua regência, mesmo eu, a médium tendo noção que a resposta certa seria, na minha opinião Iemanjá, ele respondeu que sua regência é Oxum.



NOTAS:

6. Gajo: 'O termo português gajo, através da forma gajão (ou talvez gájão, não atestado), tem origem no chamado caló dos ciganos, de acordo com o Dicionário Houaiss: «cigano esp. gachó, "camponês, homem adulto"; na Espanha, gachó e gachí (fem.) referem-se a pessoas não ciganas.» Já o japonês gaijin não tem relação nem com o caló cigano nem com o português, também tendo em conta a etimologia proposta pelo Dicionário Houaiss: «[gaijin] jap. gaijin, de gai-, "externo, estrangeiro" + -jin.



OS FIOS DE CONTA NA UMBANDA

Segundo Silva (2016) a guia, espécie de colar de uso na Umbanda, é um objeto no qual os guias e protetores imantam determinadas forças para servirem de instrumentos de trabalho durante as consultas, limpezas ou passes, tendo várias finalidades, ora como armas de defesa, ora como baterias.

Guias são objetos sagrados, que constituem um elo entre o filho de fé, os Orixás e suas entidades. Por isso, devem ser tratadas com respeito e devoção.

A guia não é um simples colar. É um objeto de proteção que para surtir o efeito desejado deve ser consagrado por uma Entidade, ou através de rituais de consagração, quando o filho de fé passa por um processo de iniciação.

Existem guias feitas de semente, madeira, osso, miçanga, porcelana, pedras, cristais ou plástico. Dentro da Casa de Mãe Iemanjá, as de plástico devem ser evitadas para uso de trabalhos como limpezas, passes e descarregos durante as giras, pois seu material apenas condensa energia, sendo incapaz de descarregá-la.

A rigor as guias são preparadas obedecendo instruções dadas pelas entidades que delas necessitam e não, absolutamente, pela vontade ou sabedoria dos médiuns que as desejam.



A guia só tem efetivamente valor quando é recebida em consequência de uma obrigação, ou quando cruzada por uma entidade incorporada. Quando é dada pelo guia, é uma proteção especial com que a entidade favorece o filho de fé. Quando possível devem ser usadas guias de cristais naturais como o quartzo e a ametista. (LINARES, 2010)

Existem diversos tipos de guias.

Guias de trabalho:

Geralmente são utilizadas pelo filho de fé que já tem a sua quartinha na casa e atua na linha de passe ou consulta. Seu uso ocorre no momento dos trabalhos espirituais e são guias confeccionadas para ampliar a força de uma determinada entidade, sendo assim, elas pertencem ao guia e não ao médium.



Legenda: rosário feito com pedras, sementes e madeira.



Por serem um amplificador e/ou bateria energética, essas guias obedecem à regência energética da entidade, podendo ser manipulada, carregada ou descarregada pelos guias durante os trabalhos.

>> **Elementos que podem ser usados nessas guias:** pedras, corais, ossos, sementes, madeira, metal, dependendo da linha de trabalho em questão.

>> **Cuidados com a guia:** sempre que possível lavar a guia em pontos de força naturais como: cachoeira, mar ou chuva. Quando possível recarregar a guia com a luz do sol ou da lua.

Guias de ritualísticas/consagração:

Na Casa de Mãe Iemanjá temos diversas ritualísticas e cada uma tem o seu significado e importância no caminho do médium dentro da Umbanda, porém uma coisa é comum a todas, elas nos ensinam a ser filhos e irmãos ao mesmo tempo.

O processo de recolhimento envolve um trabalho em grupo extenso e cansativo, momento este em que os irmãos que compõe a corrente se dedicam ao médium recolhido, demonstrando assim o cuidado de uma família para com seu membro querido. Estes cuidados envolvem muitas etapas como: ajudar na busca dos itens para as ritualísticas, a limpeza do local, participação nos rituais, preparo da comida, entre muitos outros.

Para agradecimento sobre o cuidado não apenas ao médium, mas principalmente para o Orixá que rege a coroa deste filho, durante o recolhimento são confeccionadas guias ritualísticas. Estas guias devem ser feitas durante o recolhimento, pois:

>> Devem estar imantadas com a energia da consagração/ritualísticas, afinal esse é

o seu propósito.

>> Devem ser feitas de corpo limpo e num lugar adequado, sem interferências ou conversas que desviem da energia daquele momento.

>> Devem ser feitas apenas pelas pessoas envolvidas no recolhimento, mas principalmente pelo filho recolhido.

>> Devem trazer a energia do ori (orixás que regem o filho).

As guias ritualísticas devem ser confeccionadas com miçangas e cordonê e não precisam atingir a altura do umbigo, uma vez que são um agradecimento e reconhecimento, não uma ferramenta de trabalho.

Normalmente são usadas pelos médiuns ou em suas quartinhas e ibás, esse presente é como um apadrinhamento daquele orixá que recebeu o seu axé no momento mais importante do caminhar espiritual de seu filho.

Apesar de o terreiro ser um lugar de respeito, é impossível confeccionar guias para todos os filhos no período de recolhimento, não devendo essa ser uma preocupação da pessoa recolhida, afinal, se essa é uma benção do orixá, ele irá nos intuir a quem presentear.

>> **Elementos que podem ser usados nessas guias:** cordonê e miçangas.

>> **Cuidados com a guia:** sempre que possível lavar a guia em pontos de força naturais como: cachoeira, mar ou chuva. Quando possível recarregar a guia com a luz do sol ou da lua.

Guias de Hierarquia

Geralmente são guias recebidas durante o processo de consagração de algum cargo na Umbanda e tem a função identificar a hierarquia do filho e seu tempo de religião.

Estas guias são chamadas de brajás e são feitas pelas mães da casa nas cores do orixá presente-



ado ou da coroa do filho.

Essa é uma guia de honra, um presente ao orixá e ao filho por sua dedicação, devendo permanecer na quartinha/ ibá/ sopeira do filho e ser usada apenas em dias especiais, como visitas, festas e consagrações.

>> **Elementos que podem ser usados nessas guias:** São feitas com cordonês, podem ter 3 ou 7 fios de miçanga e divisórias feitas com firmas, além de elementos como búzios e pingentes.

>> **Cuidados com a guia:** sempre que possível lavar a guia em pontos de força naturais como: cachoeira, mar ou chuva. Quando possível recarregar a guia com a luz do sol ou da lua.

Guias de Ori:

As guias de Ori são confeccionadas em pedras e sempre se iniciam por Oxalá, que para a Casa de Mãe Iemanjá é a tradução da fé.

Apesar de não fazer parte do Ori e sim do eledá do filho, a guia de esquerda também entra nessa categoria, sendo feita apenas quando a quartinha do esquerda do filho for feita.

>> **Elementos que podem ser usados nessas guias:** nylon, pedras, corais, pingentes e firma. São compostas de apenas um único fio e a ordem para a confecção de tais guias é: Oxalá, Orixás de Coroa e Esquerda.

>> **Cuidados com a guia:** sempre que possível lavar a guia em pontos de força naturais como: cachoeira, mar ou chuva. Quando possível recarregar a guia com a luz do sol ou da lua.

Todas as guias citadas compõem o grupo de símbolos que caracterizam as ritualísticas da Casa de Mãe Iemanjá e exceto as guias de ritualísticas/consagração tais fios devem ser confeccionados pela Yabasé da casa ou algum filho por ela escolhido e preparado.

Apesar de não fazer parte das guias oficiais da Casa de Mãe Iemanjá alguns filhos se sentem mais confortáveis para usar guias de miçanga no seu dia-a-dia. As guias de proteção são próprias para o uso diário, indicado geralmente o uso da guia branca (Oxalá), ou a do orixá de cabeça do filho de fé. Essa guia pode ser adquirida nos templos, onde são feitas dentro de preceitos ritualísticos para lhes conferir força espiritu-



Legenda: brajã de Xangô com 7 fios.

al, nas lojas de Umbanda ou até feitas pelo filho após aprovação do dirigente espiritual do terreiro.

As guias, como qualquer outra firmeza, servem como baterias e escudos perante as energias que envolvem o médium e por isso precisam ser recarregadas de tempos em tempos (principalmente as guias de proteção que não são feitas com elementos naturais).

Como a guia é um objeto sagrado, não é necessário o uso ininterrupto, principalmente quando for uma guia de trabalho. Já a guia de proteção pode ser usada em tempo integral sem necessidade de que seja exposta. Caso não seja possível utilizá-la no pescoço por razões profissionais ou pessoais, pode-se fazer um saquinho branco pequeno para colocar a guia (como um patuá) e carregá-la na bolsa, carteira ou bolso.



A IMPORTÂNCIA DAS ERVAS NA UMBANDA

Folhas e Ervas são a base de praticamente tudo que nos cerca. Na Umbanda é o sangue vegetal que na forma de banhos nos purifica e consagra.

As ervas possuem vasto uso, nos rituais são muito utilizadas em homenagens, invocando sua proteção para que os atos litúrgicos sejam bem encaminhados. Enfim, seu uso é primordial, pois nada acontece sem folhas.

Um dos grandes mistérios em quase todos os ramos da magia em todo o mundo é a utilização das plantas, raízes e sementes das ervas mais variadas. Foram usadas tanto em forma de defumações para os Deuses quanto para banhos purificadores, protetores e de cura.

Existe uma infinidade de possibilidades no uso ritualístico das ervas. Assim como no preparo de uma receita, o uso conjunto, bem como a proporção e quantidade são fundamentais para a ativação dos recursos sobrenaturais que uma folha contém.



Os seres da natureza quando evocados podem responder na forma de árvores, animais, vibrações perceptíveis aos sentidos até mesmo como parte de um vegetal – raízes, sementes, flores, aromas e sabores, verdadeiro pulsar vivo de Mãe Natureza. [...]

Ao preparar e executar um ritual, tendemos a “imaginar” como ele processa no astral, criando vórtices, campos vibratórios, passagens energéticas em todas as direções; mandalas multicoloridas, enviando seres nessas formas que citamos para que ajam em nosso favor, em nossos corpos astrais e no campo vibratório espiritual de nossas casas, local do ritual ou templo. (CAMARGO, 2015, op. 29)



Não existe axé sem folha, não existe axé sem erva. Em uma casa de axé a magia nasce do verde, portanto, **todo umbandista deve ter o mínimo de conhecimento sobre as folhas e qual a energia que elas trazem.** Manipular esse elemento requer grande sabedoria, pois sem esse entendimento não haverá a presença do Orixá e como nos revela o velho provérbio da fé: **Kó sí ewé, kó sí Orixá!** Sem folha não há Orixá.

De banhos purificadores a bebidas e remédios, a erva correta, alinhada a coroa e a necessidade de cada indivíduo é de grande auxílio estabelecendo equilíbrio,

cura e até inconsciência (no caso dos tranSES mediúnicos).

A energia da erva atua fortalecendo os elos que conduzem ao transe mediúnico, realizando uma ponte entre o sobrenatural e o material.

Segundo Camargo (2015) muitas entidades espirituais na Umbanda, Catimbó, Jurema e outros cultos que têm a natureza na sua composição básica, são guardiões iniciados nesse mistério, portadores de elementos simbólicos e realizadores de funções no astral que ressonam em nosso campo humano.

No caso da Umbanda, mais especificamente da Casa de Mãe Iemanjá, a fonte de todo o conhecimento utilizado para banhos e trabalhos da casa origina-se nos ensinamentos trazidos pelos guias que nela atuam. Deixando as maiores explicações e esclarecimentos para essa esfera espiritual que de fato são os responsáveis pelas ativações energéticas da casa.

Quando tal consulta não é possível, as memórias do que já foi aprendido se unem ao conhecimento adquirido por anos de leitura e claro, a fé. Afinal crer é o que torna gesso em sagrado, chão em terreiro e folha em cura.



A DEFUMAÇÃO E SEUS MISTÉRIOS

Sem meias palavras o significado principal da defumação é purificar nosso espírito e fazer uma “faxina” em nosso corpo espiritual.

A defumação na Umbanda assume a finalidade de dispersar os fluidos negativos que prejudiquem o bom andamento dos trabalhos, além disso, ela proporciona um ambiente mais acolhedor para que as incorporações, passes e até irradiações ocorram.

Ao queimarmos as ervas, liberamos em alguns minutos de defumação todo o poder energético aglutinado em meses ou anos absorvido do solo da Terra, da

energia dos raios de sol, da lua, do ar, além dos próprios elementos constitutivos das ervas. Deste modo, projeta-se uma força capaz de desagregar miasmas astrais que dominam a maioria dos ambientes humanos, produto da baixa qualidade de pensamentos e desejos, como raiva, vingança, inveja, orgulho, mágoa etc.

Existem, para cada objetivo que se tem ao fazer-se uma defumação, diferentes tipos de ervas, que associadas, permitem energizar e harmonizar pessoas e ambientes, pois ao queimá-las, produzem reações agradáveis ou desagradáveis no mundo invisível. Há vegetais cujas auras são agressivas, repulsivas, picantes ou corrosivas, que põem em fuga alguns desencarnados de vibração inferior.

Segundo Arruda (2010) **carregar o turbulo não é para qualquer um**: fica geralmente a cargo de uma das mães da casa ou, na ausência de todas elas, do cambone principal.

Na Casa de Mãe Iemanjá esse é um dos primeiros ritos a ser realizado durante a gira. Quando a corrente vibra em união e a fumaça se potencializa com o axé gerado por essa força, uma energia positiva invade nossos corações e é sentida na atmosfera do ambiente. O bem-estar traduz perfeitamente esse momento.



O BANHO DE ERVAS

Os banhos são recursos encantadores dentro da Umbanda. Seguem o princípio das lavagens de chão, porém para nós, todo trabalhador de Umbanda deve, ao menos, tomar um banho de ervas durante a semana, aquele que nos prepara para a gira. Mas os banhos são muito mais que apenas um recurso para uma boa gira, eles podem ser feitos em vários dias e com vários propósitos.

São rituais que servem para várias finalidades, como: reequilíbrio emocional e dos chacras, limpeza de energias negativas, aumentar a capacidade mediúnica, entre outras.

Para o preparo dos banhos podemos usar tanto as ervas frescas, quanto as secas. Alguns dizem que as ervas secas não têm o poder (axé) necessário, outras já dizem que as secas concentram o poder em maior grau. Veja, na culinária os temperos secos são realmente muito mais potentes que os temperos frescos, sendo utilizado em menor quantidade. Por que nos banhos seriam diferentes?

Para mim, conforme meus guias me explicam, tanto faz. **Dê preferência para a fresca, pela vitalidade ainda ativa da terra, do sol etc. Mas se não tiver, use a seca, basta apenas ativar as propriedades da erva, rezando-a.**

Também existe a questão da quantidade das ervas e do número de ervas. Segundo Adriano Camargo, o erveiro da Jurema, isso tudo é mito. Devemos seguir a nossa intuição a princípio. Novamente seguindo o ensinamento dos guias que participaram da minha caminhada na Umbanda, sempre dou preferência para: 1, 3, 7 ou 9 tipos de ervas no preparo de um banho.

Os banhos ritualísticos de uma maneira geral, são rituais, onde utilizamos deter-

minados elementos da natureza, de maneira ordenada e com conhecimento de causa, com o intuito de troca energética entre o indivíduo e a natureza, a fim de fornecer-lhe equilíbrio energético e mental.

Estes banhos prestam-se para limpar as energias negativas, livrar as pessoas de influências negativas, reequilibrar a pessoa, aumentar a capacidade receptiva do aparelho mediúnico, já que os chacras serão desobstruídos, enfim, tem grande importância na manutenção dos corpos.

Criando o hábito de fazer os mais diversos banhos, semanalmente, cria-se um campo de defesa muito efetivo, pois a energia da natureza ali depositada demora a dissipar-se, conseguindo assim criar uma corrente contínua protetiva. Mas quais o tipo de banhos que podem ser preparados?



Banho para ativar a Mediunidade:

>> **Ervas:** alfazema - capim cidreira - manjerição - alecrim - rosa branca - boldo e erva de Santa Luzia.

>> **Preparo:** firme uma vela branca, peça licença a Ossanhe para manusear as ervas. Se forem ervas frescas o banho deve ser quinado, se forem ervas secas o banho deve ser feito por infusão.

Banho para equilíbrio energético:

>> **Ervas:** alfazema - capim cidreira - manjerição - alecrim - rosa branca - boldo - colônia - canjica e macaça.

>> **Preparo:** firme uma vela branca, peça licença a Ossanhe para manusear as ervas. Esse o banho deve ser feito por infusão.

Banho de descarrego :

>> **Ervas:** arruda, comigo ninguém pode, casca de alho, sal grosso, quebra demanda, espada de são jorge e peregum de Oyá

>> **Preparo:** firme uma vela branca, peça licença a Ossanha para manusear as ervas. Esse o banho deve ser feito por infusão.

>> **Atenção:** este banho deve ser tomado só em casos sérios, nesse caso o dirigente espiritual deve ser consultado. Nunca colocar esse banho na cabeça.

Banho de energização :

>> **Ervas:** macaça, alecrim, rosa amarela, noz moscarda, cravo, canela, semente de girassol e manjeriço.

>> **Preparo:** firme uma vela branca, peça licença a Ossanha para manusear as ervas. Esse o banho deve ser feito por infusão.



AMACI

Um dos rituais mais importantes dentro da Umbanda, é o amaci. Traduzindo a palavra através da etimologia, amaci vem da palavra ‘amaciar’, ‘tornar receptivo’, e é mais do que um simples banho, é um ritual que deve ser realizado ao menos uma vez ao ano dentro do terreiro.

Na grande maioria das casas de Umbanda o amaci é visto como uma espécie de iniciação que todos os médiuns umbandistas, iniciantes ou não, devem passar para abrir o seu ori (mediunidade). Trata-se de uma preparação para o médium para receber as energias de seu eledá com equilíbrio. Ou seja, o amaci “fortalece” a ligação do médium com seu orixá e energias espirituais que atuam ao seu redor.

Na Casa de Mãe Iemanjá não existem grandes diferenças quanto a definição acima. A maior diferença é que em nosso terreiro o amaci não é visto como uma iniciação mediúnica e sim como uma renovação energética. Ou seja, entendemos que o amaci é uma lavagem de coroa (nele molhamos apenas a coroa e não todo o corpo) que tem por finalidade fortalecer a ligação entre todos os membros da corrente, as entidades que atuam na casa e os orixás.

Na Casa de Mãe Iemanjá, no dia do amaci é feita uma lavagem de cabeça (chakra coronário) com um preparado de ervas, flores, frutas e água.

Esse preparo é realizado dentro do terreiro e envolve a todos os filhos da casa (ou o maior número possível). Estes filhos, ao macerarem as ervas, depositam a sua energia no preparo do amaci através dos pontos cantados, das ervas e da manipulação do banho. Desta forma, fortalecemos a ligação do filho com o seu orixá, com o seu eledá, com o seu ori e com o chão que ele faz parte.

Ao iniciar o ritual Ossanhe deve ser saudado e pouco a pouco as ervas devem ser adicionadas as bacias e serem quinadas pelos filhos acomodados em roda. Todos os filhos devem participar de todas as etapas do ritual, pois para que haja equilíbrio na espiritualidade de cada um deles é preciso que sua energia e a energia da casa estejam alinhadas e isso só é possível através da troca forças vivida durante o preparo do amaci.

Quando o preparo estiver pronto, deve ser despejado no quartilhão, permanecendo nele por algum tempo. Então, ainda entoando cantos de firmeza e chamada a mãe da casa se senta a frente dos filhos e um por um ajoelhado a sua frente oferece seu ori para que o mesmo seja banhado com o axé da casa, ou seja, é feita uma lavagem de cabeça (chacra coronário) com um preparado de ervas, frutas e água, tendo como objetivo a vibração de todo o eledá do umbandista, afastando assim energias contrárias a esse estado de vida mais elevado.

Por seu caráter ritualístico, apenas as mães de santo podem lavar a coroa dos filhos com este preparo.

O Amaci 'desperta' no médium o que ainda está adormecido, descarrega e equilibra a sua mente. Ele nos faz entrar em contato direto com o poder do orixá, despertando nossa essência.



Legenda: Preparação de amaci na Casa de Mãe Iemanjá

>> Qual a diferença entre o amaci e o banho de ervas?

O amaci tem o objetivo específico de ajudar na conexão entre o médium e seus guias ou Orixá, sendo feito unicamente para esse fim e seu uso proibido fora dos rituais ou por leigos. Por outro lado, os banhos podem ter objetivos diversos, como proteção, felicidade, cura e outros, sendo muito mais abertos, porém poderosos - por isso devem ser feitos com orientação.

Além disso, a forma de preparo do amaci e do banho de ervas é bem diferente. O amaci deve ser feito somente em um terreiro. Já o banho de folhas pode ser em casa, desde que seguidas as regras de cuidado no preparo e sob a orientação de alguém mais experiente.



ABÔ

O banho de ervas, nominado na língua yorubá como abô, é um processo de purificação e fortalecimento que se utiliza dos elementos da natureza. Essas ervas possuem grande quantidade de Axé (energia sagrada) que agem sobre a áurea eliminando todas as energias negativas do corpo.

Cada casa de axé possui uma combinação única de ervas e folhas que são postas maceradas dentro de um quartilhão (jarro grande geralmente de barro cozido) e misturados à água que originará o banho.

>> Todos podemos tomar banho de abô?

Sim. No banho de abô as ervas que ali estão são ervas que todos podemos nos banhar, não contém ervas muito específicas para determinado corpo ou orí, a não ser que determinado banho seja feito intencionalmente a uma pessoa.

>> Este tipo de banho pertence a alguma divindade?

Não exatamente, mas como sabemos, o orixá responsável pelas folhas e ervas é Ossanha, então este tipo de banho tem muita afinidade com ele e é pra ele a oração e cântico feita enquanto se executa o preparo do mesmo.

>> O Abô serve apenas para o banho?

Não. serve pra lavar contas, lavar imagens de orixás e entidades, molhar o chão do terreiro para resfriar a terra... Quando recém feito esse preparado serve para beber (muitas casas já não fazem mais isso).



O PRECEITO

A Umbanda também faz uso de preceitos específicos e predeterminados. Nesta crença os preceitos são abstenções voluntárias em benefício da positivação de cada um, ou como uma forma de evitar determinadas energias.

Existem muitos conceitos sobre o preceito, mas na Casa de Mãe Iemanjá o seu principal objetivo é o equilíbrio do médium a favor de uma comunicação com a espiritualidade mais harmônica e sem interferências. Sendo assim, deve ser evitado qualquer tipo de abuso.

Quanto sacerdote entendo que determinadas situações impostas pelos preceitos tradicionais podem gerar mais desequilíbrio do que equilíbrio, as proibições são doutrinações que tiram o mérito do médium quanto ao autoconhecimento e promovem um culpado externo para suas ações. **Em nosso terreiro, preceito deve ser sinônimo de bom senso**, ou seja, conhecimento, equilíbrio para que tudo esteja na medida correta, sem abusos, mas respeitando o limite e a fé de cada filho.

Na Casa de Mãe Iemanjá os preceitos e se dividem em 2 grupos distintos:

Primordial:

É o preceito indispensável, ele se dirige a todos os médiuns 24 horas antes das giras e fazem parte dele:

- >> Isenção de sexo, pelo menos 8 horas antes do início dos trabalhos mediúnicos.
- >> Isenção de ingestão de bebidas alcoólicas e outras drogas que possam causar desequilíbrio emocional durante a gira a partir de 24 horas antes do trabalho mediúnico.
- >> Banho de ervas, devido à necessidade de cada um.
- >> Pontualidade ao início da corrente fraterna.
- >> Entregar-se ao trabalho espiritual.
- >> Evitar locais de muita muvuca, mantendo-se em serenidade pelo menos 20h antes da gira.

Ocasional:

É o preceito que, em adendo ao primordial, é determinado pelo Orientador Espiritual ou pelo Sacerdote do terreiro, para determinados médiuns, normalmente são acompanhados de orientações específicas, pois mudam de acordo com o trabalho que será ou foi desenvolvido e que ocasionou a necessidade de tal preceito.



RITUAIS E CONSEGRAÇÕES

Dentro das casas e terreiros de Umbanda, podemos passar por diversas etapas de nosso desenvolvimento mediúnico e pessoal. Geralmente, as mudanças de status e posição são marcadas por rituais. Essas posições não querem forçar uma situação, ou seja, não querem determinar que tal médium, por já ter passado no ritual é melhor do que o outro, mas sim servir de inspiração para os demais para perseguirem a capacitação mediúnica.



Legenda: consagração de ekedi na Casa de Mãe Iemanjá.

Porém, essa capacitação, pode ocorrer de diversas formas, sendo que a mais comum é pelo labor constante dentro da casa ou terreiro. Por meio de dedicação, é permitido pela hierarquia da casa, alcançar novas funções, que virão acompanhadas de novas responsabilidades e muitos deveres.

A Casa de Mãe Iemanjá tem uma hierarquia própria e cada nível desta hierarquia é definido através de rituais e consagrações que carregam grande significado dentro da nossa corrente mediúnica.



BATIZADO

O Batismo é o mais importante sacramento para qualquer religião. É realizado para revestir o espírito e o mental do indivíduo com uma aura protetora semelhante à proteção divina que o espírito recebe ao reencarnar. É a "entrada" do espírito na dimensão religiosa da Umbanda.

Para ser batizado na Umbanda não é preciso ser membro de um terreiro, basta ter ligação com a religião e sentir-se atraído por ela.

Os padrinhos tem papel fundamental no batismo, pois assumem o compromisso de zelar pelo afilhado por toda a sua jornada nessa terra.



QUARTINHA DE OXALÁ / CONSAGRAÇÃO

Após 1 ano de permanência na Casa de Mãe Iemanjá, o médium está apto a participar do primeiro ritual específico para membros da casa, a Quartinha de Oxalá.

A Quartinha de Oxalá dentro da Casa de Mãe Iemanjá e segundo os ensinamentos do Sr. Martim Pescador: é nossa ligação com a espiritualidade, ela representa o Ori (cabeça) do médium gerando uma energia que atua como o receptáculo da comunhão do médium com Oxalá e age como um escudo de proteção para os baques energéticos do dia-a-dia.

Ela pode ser considerada um reflexo no mundo material, daquilo que ocorre internamente no médium (suas emoções e sentimentos), ou de qualquer desequilíbrio que ocorra em nível sobrenatural.

Já a Consagração é uma cerimônia realizada pelo Patrono da Casa “Martim Pescador” e por isso, cada cerimônia é única, não sendo possível descrever de forma padronizada este momento. De qualquer forma, a consagração é a apresentação do médium como um filho de Martim Pescador, nela o médium reafirma sua posição quanto filho da casa e adepto aos ensinamentos de Martim Pescador.



INICIAÇÃO MEDIÚNICA

Após um período indeterminado de desenvolvimento mediúnico, o sr. Martim Pescador ou outro guia da cabeceira da casa começa a solicitar que os guias risquem seu ponto, falem seus nomes e então, sob a supervisão destes guias o médium incorporado recebe a permissão de dar passes durante os atendimentos.

Esse processo ocorre de forma diferente para cada médium e não tem um tempo exato para acontecer. Isso vai do equilíbrio, missão e dedicação de cada um.



COROAÇÃO MEDIÚNICA

Neste momento da trajetória mediúnica o filho está pronto para iniciar o seu atendimento na linha de consulta. Para isso será realizada uma ritualística na qual o chefe de coroa do filho irá se apresentar, contando sua história, riscando seu ponto e trazendo seu ponto cantado.

Além disso, o médium deverá alcançar o nível 3 de estudo dentro da Casa de Mãe Iemanjá e ter passado por entrevista com as mães e o pai da casa.



QUARTINHA DE EXU

Quando o filho entra na linha de passe e/ou consulta se faz necessário ampliar suas firmezas a capacidade de descarregar e carregar as energias ao seu redor, para isso, após conhecer o nome de seus guardiões, será feita uma quarta de Exu e Pombogira, cuja a função é proteger o filho.



Legenda: firmeza de Oxum (ibá de Orixá).



QUARTINHA DE ORIXÁ

Essa quartinha é feita mediante pedido via jogo de Irugbin e tem como função equilibrar a coroa do filho, dando maior sustentação energética a esse filho.



CONSAGRAÇÕES HIERÁRQUICAS

Cada terreiro tem a sua hierarquia própria, utilizando de nomes e graus diferentes para organizar a sua corrente mediúnica. Dentro da Casa de Mãe Iemanjá as consagrações hierárquicas ocorrem por meio de orientação do sr. Martim Pescador e são confirmadas através do jogo de Irugbin.



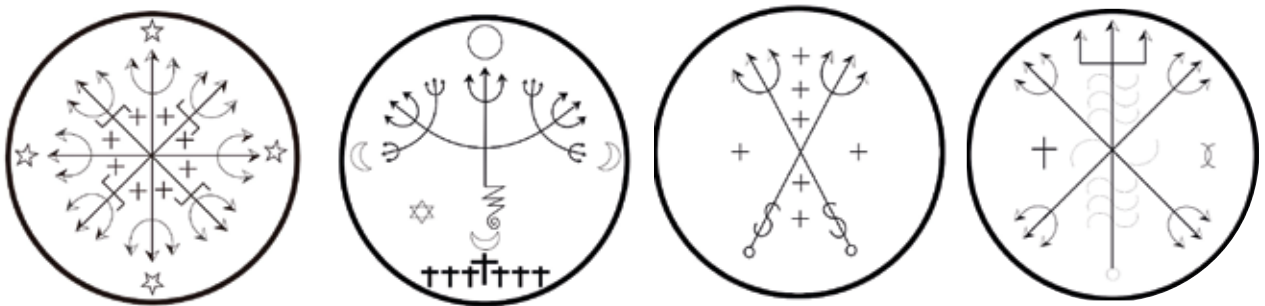
..... O PONTO RISCADO NA UMBANDA

Assim como o homem tem a caneta para firmar documentos e elaborar tratados, codificar leis e expressar cientificamente seu pensamento, os Guias usam da pemba (giz bruto), para a identificação, abertura de portais e imantações energéticas.

A importância do ponto riscado se origina na pemba, esse instrumento é confeccionado com calcário e pode ser usada pilada ou como um giz místico. Seu nome é de origem quimbundo e vem do termo kubembula, significando apartar.

Cada entidade tem o seu ponto riscado característico, além daqueles que estas utilizam para determinados trabalhos. Apesar de uma única entidade poder trazer pontos riscados diferentes, cada um deve ser interpretado e lido pelo sacerdote com coerência entre o trabalho, o guia e a energia que rege essa entidade.

Dentro de uma gira, na chegada de uma Entidade, ao incorporar ela deve riscar o seu ponto, isso faz com que ela seja reconhecida, mas também se abre um campo energético que sustentará os trabalhos ali executados, poupando assim a energia do médium incorporado e muitas vezes prolongando a harmonia entre o médium e o espírito do Guia.



Sem o ponto riscado, não haveria segurança, uma vez que é com a pomba que se tem o poder de fechar, trancar e abrir os terreiros conforme seja a exigência determinada do trabalho que será praticado. É também através do Ponto Riscado que uma determinada Entidade demonstra a sua graduação hierárquica, pois também mostra toda a falange de trabalhadores (linhas de trabalho da Umbanda).

Esses pontos riscados são constituídos de riscos e símbolos gráficos. A leitura de um ponto riscado é muito complexa e tal conhecimento pertence especialmente a espiritualidade e um sacerdote ou médium previamente preparado, envolve sabedoria, intuição e conhecimento. Entretanto, cabe salientar que com o passar dos anos se torna cada vez mais difícil identificar o guia, pois a racionalização da Umbanda acabou desenvolvendo linhas de escritas diferentes, sobrando aos mais atentos identificar num primeiro momento a escola de Umbanda na qual esse médium foi desenvolvido. O que deixa um questionamento, até onde temos interferido no desenrolar espiritual?

Quando em desenvolvimento muitos médiuns têm medo de passar a frente do guia e a escrita dos pontos riscados é uma forma de prova mediúnica que, ao mesmo tempo em que acalenta, assusta esses médiuns, fazendo com que muitos filhos acabem pesquisando sobre o tema, entretanto apesar do vasto campo de pesquisa, um ponto riscado não, necessariamente, será igual ao outro e é a união das informações que trazem veracidade para o ponto riscado, ou seja: nome, linha de trabalho, história, regência vibracional e ponto cantado.

Aqui vale uma ressalva importante, o desenvolvimento mediúnico envolve, necessariamente, o processo de acerto e erro, isso quer dizer que neste momento os erros e testes são necessários para que possamos reconhecer o que fazer e quais os caminhos devemos evitar.

Os pontos riscados não pertencem apenas aos guias, são escritas mágicas que podem definir um terreiro (sua vibração e força, evocar determinadas energias ou bloquear outras vibrações, além de equilibrar e descarregar o ambiente, por isso, para riscar um ponto é preciso conhecimento antes de mais nada. Afinal, ponto riscado não é mandala, não deve ser feito sem a real necessidade e sem o conhecimento de como fechar esse ponto ao término dos trabalhos.



O PONTO CANTADO NA UMBANDA

Os pontos cantados são as orações entoadas nos trabalhos de Umbanda. Com a finalidade de se obter uma harmonia de vibrações com as entidades que se manifestam nos terreiros e com os Orixás. Também podem, ser considerados provas de incorporação, pois cada entidade tem o seu ponto de força dentro dessa magia, ou seja, com o ponto certo o equilíbrio entre médium e espírito se amplifica e fortalece essa conexão.

Nós umbandistas, utilizamos os pontos cantados para entrar em sintonia com as forças do astral. Em outras palavras, através dos pontos cantados, conseguimos buscar as forças espirituais das entidades, para atuarem diretamente sobre os trabalhos que estão sendo realizados.

Para entoar as melodias dos pontos cantados, são formadas as curimbas nos terreiros de Umbanda. A curimba geralmente é composta de: Curimbeiros (somente canto), Atabaqueiros (somente percussão) e Ogãs (canta e toca percussão). Ainda entre os Ogãs existe uma nova sub-divisão que é de acordo com a consagração, responsabilidade e temo de terreiro.

A curimba de um terreiro, exerce uma função de suma importância e, em razão disso, deve desenvolver um trabalho altamente sério e bem-intencionado, pois todo o andamento dos trabalhos (gira), é ligado diretamente a sua vibração e energia.

Vale também lembrar, que a palavra “Ogã”, é de origem Yorubá, que traduzido significa “Senhor da minha casa”. Portanto, a curimba deve ser encarada como responsabilidade, nunca vaidade ou brilhantismo.

É obrigação de todo Ogã, conhecer os diversos ritmos dos pontos e o momento certo de cantá-los. Devem, também, saber o nome de todas as entidades espirituais que trabalham em seu terreiro, saber distinguir rapidamente uma entidade de outra, e saber sempre, na ponta da língua, todas as saudações destinadas aos guias, protetores e orixás, da nossa querida Umbanda.

A curimba é responsável pela preparação do ambiente, tornando-o propício e harmonizado com o plano espiritual. Também é costume dizer que a curimba é responsável pela segurança do terreiro, pois é através da firmeza dos responsáveis pela curimba que a gira transcorre normalmente ou pode virar um verdadeiro caos.



As palmas, também estão incorporadas nos rituais umbandistas, pois também é uma forma de comunicação com o plano astral, pois através delas, podemos expressar nossas emoções e a satisfação em ver uma entidade espiritual em terra.

Os pontos cantados são divididos conforme suas características, pois cada tipo de ponto serve para um determinado fim. Sendo os principais: chamada, abertura, demanda, firmeza e despedida.

Outro tema importante é que existe uma grande diferença entre músicas e pontos cantados, sendo cada qual dotado de uma importância diferente. Ao se compor uma música pensamos na melodia, num refrão diferenciado, que nos ajudará a decorar as palavras, contamos uma história, falamos de sentimento, mas com afinação e preocupação melódica. O ponto canto em primeiro lugar se preocupa com o fundamento, para depois buscar uma boa melodia, ou afinação. Entretanto, com os festivais de curimba surgiram também as músicas/ponto. Cantigas lindas, mas que focam em agradar aos ouvidos do público.

Não há uma negatividade sobre os festivais, pelo contrário, sem eles não cantaríamos: “estão queimando velas, para me derrubar.. Eu já fiquei doente meu pai, sem poder andar...” mas reconhecer a força e a origem dos pontos cantados, nos ajuda a entender o que é um ponto raiz (trazidos pelas entidades no início da Umbanda), como: “todo mundo quer Umbanda, quer quer, mas ninguém sabe o que é Umbanda...” e o que são pontos musicalizados. Até uma MPB (música popular brasileira) é bem-vinda num terreiro, afinal a Umbanda é uma religião que valoriza e propaga a cultura brasileira, mas pontos raízes sempre trarão uma energia diferenciada, pois fazem parte da crença de muitas pessoas.



Legenda: curimba KaôOdomyo

Além dos pontos mais modernos, a Umbanda também está sendo bombardeada por novos pontos, aplicativos como o TikTok tem revelado talentos e tormentos. Se os pontos são a oração durante as giras de Umbanda, eles correspondem ao pai nosso na igreja católica. Ninguém muda o pai nosso, ele é sagrado, mas os pontos tem sofrido alterações profundas em nome dos likes. Pontos como: “dói, dói, dói, dói, dói, um amor faz sofrer, dois amor faz chorar, te dei amor, te dei carinho, te dei a rosa, tirei os espinhos...” virou: dói, dói, dói, dói, dói, um amor faz sofrer, dois amor faz chorar, quem é você pra deitar na minha cama, papagaio come milho e periquito leva a fama...”. A boa curimba não é aquela que faz a assistência sorrir vulgarizando os guias, ou cantando os hits da macumba. A boa curimba é aquela que faz a assistência deixar suas dores ao sentir a alegria e comprometimento da curimba, que faz todos cantarem pela fé e não pela letra.



CARGOS E HIERARQUIA

O terreiro é uma mini sociedade, vivenciando no sue dia a dia os mesmos desafios que são comuns a nossa vida social, por isso a organização e hierarquia dentro do terreiro é fundamental, afinal, para um bom trabalho espiritual é preciso uma boa organização material.

Já no que tange a espiritualidade, os cargos e hierarquias dentro do terreiro são uma maneira constante de nos lembrar da necessidade de sermos humildes e nos vigiarmos quanto as nossas vaidades, afinal, quanto mais alto seu cargo ou posição hierárquica mais responsabilidade você tem perante o evolutivo da sua comunidade, maior será os cuidados desprendidos para com a sua missão.

Na Casa de Mãe Iemanjá temos os seguintes cargos e hierarquias:

>> CONSULENTES: são as pessoas que compõe a nossa assistência, estes indivíduos não têm nenhuma ligação com o terreiro em si e estão em busca de ajuda. Muitos consulentes têm o hábito de visitar muitos terreiros, chegando inclusive a fazer comparativos entre as casas que conhecem.

>> ESTAGIÁRIOS: o primeiro nível hierárquico para os indivíduos que gostariam de fazer parte da Casa de Mãe Iemanjá. Trata-se de um período em que o terreiro e o futuro filho se conhecem. Nesse momento surgem as primeiras responsabilidades com o terreiro como: participar das aulas de desenvolvimento mediúnico, presença nas giras, chegada ao terreiro com pelo menos 15 minutos de antecedência, auxílio na organização do terreiro e demais atividades, entre outras funções.

Esse período consiste em 6 giras convencionais e 6 giras de desenvolvimento. Ao término esse período o estagiário deve passar por uma entrevista com a



cúpula da casa e então agendar a sua prova de admissão, ou as aulas de dúvidas para a prova de admissão.

>> **MEMBRO DA CORRENTE:** são todos os filhos que compõe a nossa corrente, estes indivíduos têm grande responsabilidade dentro da casa, sem eles as giras se tornam impossíveis e por isso é preciso que estejam atentos aos ensinamentos e práticas que irão vivenciar nesse período.

>> **FILHOS DE MARTIM:** são os filhos que tem mais de 1 ano de terreiro, que fizeram a prova e atingiram o nível 2 de conhecimento, fizeram a sua quartinha e também sua consagração.

>> **MÉDIUM DE PASSE:** os filhos que estão em desenvolvimento mediúnico e que já tem uma incorporação equilibrada para dar passe energético.

>> **MÉDIUM DE CONSULTA:** filho consagrado, com quartinha e apto para dar consulta. É preciso ter o nível 3 de conhecimento.

>> **CAMBONE:** como auxiliar das entidades, cabe ao cambone ser o interprete da mensagem entre a entidade e o consulente, além de um defensor da entidade e da integridade física do médium. Cabe a ele cuidar do material da entidade, orientar o que acontece em sua volta e também ajudar o entendimento do consulente, pois a linguagem do espírito nem sempre é entendida, mas ao cambone fica claro já pela sua intimidade com o comportamento do espírito que ele serve.

>> **CHEFE DOS CAMBONES:** tem a responsabilidade de coordenar os cambones, auxiliar na separação dos itens usados durante a gira e organizar tudo no final dos trabalhos.

>> **EKEDI:** a palavra ekedi, ou ekejí, vem do dialeto ewe, falado pelos negros fons ou Jeje. O cargo de ekedi é muito importante, pois será ela a condutora dos Orixás incorporados no terreiro e dela é a responsabilidade de recolhê-los e "desvirá-los", observando as condições físicas daqueles que "desviraram". A Ekedi é aquela que toma conta, que dirige tudo, que toma direção de tudo, então ela tem que ser uma pessoa de extrema confiança.

>> **CURIMBEIROS:** são as pessoas responsáveis pelos pontos cantados, pelo toque e pela vibração da gira.

>> **OGAN:** médium responsável pelo canto e pelo toque - ocupa um cargo de suma importância e de responsabilidade dentro dos rituais de Umbanda

>> **MÃE DO AXÉ (YABASÉ):** é a responsável pelo preparo dos alimentos sagrados no terreiro. Todos os filhos podem auxiliá-la, sendo ela a responsável por qualquer falha eventual. Ela deve estar em todos os eventos do terreiro, já que é ela quem prepara toda a comida sagrada.

Também é sua responsabilidade a manutenção do axé, ou seja, a limpeza e ordem de todos os assentamentos e firmezas, além da confecção das guias,



Legenda: consagração de Ekedí na Casa de Mãe Iemanjá.

sendo que esta segunda função também pode ser dividida com os filhos desde que sob sua supervisão.

>> **MÃE CRIADEIRA (YA OJUBONAN):** é a mãe que cria os filhos, sua responsabilidade é muito profunda já que é responsável pelo bom andamento dos recolhimentos e pela orientação e ordem desde os filhos, estando presente em todos os seu desenvolvimento mediúnico. Tem grande influência espiritual sobre a coroa dos filhos, uma vez que estava ao lado na mãe de santo no momento do nascimento do filho.

Ela é responsável por dormir com o filho na noite de seu recolhimento, pelos banhos e cuidados com o membro da corrente. É a maior autoridade do terreiro durante os recolhimentos.

>> **MÃE PEQUENA (YAKEKERÊ):** é a segunda pessoa mais importante em um terreiro. Na ausência da ialorixá ou do babalorixá, é ela que assume o comando do terreiro. Está sempre presente no terreiro e faz parte de todos os preceitos e obrigações.

>> **MÃE DE SANTO (YALIORIXÁ):** A Mãe de Santo é a alma de um terreiro, e a firmeza da casa depende de sua integridade moral e espiritual. É uma figura de autoridade dentro de uma Casa Espiritual porque é de sua responsabilidade cuidar e orientar seus filhos de santo (também chamados de filhos de cabeça ou filhos de corrente).

Também é sua responsabilidade fazer a firmeza da entrada da casa, definir o calendário e a ordem em que acontecerão as giras, intuir se há algum trabalho que precise ser feito pelo bem coletivo da Casa ou para algum filho específico. Se algum filho precisar de uma assistência em algum momento da vida, a Mãe

de Santo deve disponibilizar um tempo no qual possa atendê-lo. Afinal, um filho mal cuidado trará problemas e, provavelmente, não será um bom médium para a assistência.



A IMPORTÂNCIA DO CAMBONE

Cambone é uma atividade exercida nos terreiros de Umbanda e que merece uma atenção especial dada a sua importância como auxiliar das entidades, dos médiuns e dos dirigentes do Terreiro. Ainda que muitas vezes eles passem despercebidos aos consulentes e assistência durante o trabalho, são os cambones um dos grandes responsáveis pelo bom andamento de uma gira. Pois é, eles são de fato, a viga mestra do trabalho.

Cambones são os médiuns preparados para auxiliar os Guias durante os trabalhos. São médiuns auxiliares, que doam energias o tempo todo – ainda que não percebam. Um trabalho de Umbanda é formado pelo médium, cambone e a entidade espiritual, o triângulo de um trabalho.

Como auxiliar das entidades, cabe ao cambone ser o intérprete da mensagem entre a entidade e o consulente, além de um defensor da entidade e da integridade física do médium. Cabe a ele cuidar do material da entidade, orientar o que acontece em sua volta e ajudar o entendimento do consulente, pois a linguagem do espírito nem sempre é entendida, mas ao cambone fica claro já pela sua intimidade com o comportamento do espírito que ele serve.

Por outro lado, a posição do cambone nem sempre é confortável, pois algumas vezes cabe a ele fiscalizar também o comportamento da entidade que, se por uma razão ou outra, fugir da normalidade deve imediatamente avisar a direção do terreiro. O limite da intimidade do consulente com o espírito ou o médium deve ser fiscalizado pelo cambone para evitar mal-entendidos e desajustes de informações. Finalmente ao cambone é dada uma oportunidade especial de



Legenda: cabocla em atendimento com a presença do cambone.



conhecer mais a Umbanda e a forma das entidades trabalharem porque seu contato é direto. Como o cambone tem como obrigação ouvir o que o espírito ouve e fala, seu conhecimento, em cada consulta, aumenta consideravelmente.

Na Casa de Mãe Iemanjá todos os membros da corrente deverão passar por esta posição dentro do terreiro, nossa casa está pautada no fato de que as orientações e aprendizado partem da espiritualidade e não há escola melhor do que o pé do guia, portanto, um médium que nunca foi cambone está pulando etapas e sentirá o peso dessa decisão num futuro próximo.



MEDIUNIDADE NA UMBANDA

A mediunidade é uma faculdade que é comum a todos, em maior ou menor intensidade, ou melhor, em estado latente ou ativo.

Mediunidade, a meu ver, quanto dirigente, é um dom que nos foi entregue adjunto ao sopro da vida. Pode ser definida como um elo, um cordão umbilical que nos liga, ainda em carne, a uma existência maior, que se funde a todas as nossas existências anteriores e ao mundo espiritual como um todo, ou seja, é algo de impossível compreensão ou dimensão.

Segundo A Apostila Incorporação e Mediunidade (2021) entendemos por mediunidade, a faculdade inerente a determinadas pessoas, cuja organização psíquica assegura possibilidades de percepção hiper física, isto é, o intercâmbio entre o mundo material e o mundo espiritual.

Toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por isso mesmo, **médium, o que quer dizer, intermediário do plano espiritual**. Em quase todas as pessoas encontramos alguns rudimentos de mediunidade. Entretanto, esta qualificação se aplica, especificamente, a todos aqueles cuja faculdade mediúnica é claramente caracterizada, e se traduz por efeitos e uma certa intensidade, o que depende de um organismo mais ou menos sensitivo.

Os rituais e símbolos que compõe uma gira de Umbanda são fundamentais para o desenvolvimento mediúnico, segundo os psicólogos Alexandre Frank Silva Kaitel e Luiz Henrique Lemos Silveira em sua obra “O desenvolvimento mediúnico na Umbanda: uma compreensão junguiana” afirmam: “...o ser humano, no contato com o sagrado, estabelece através do imaginário e do uso dos símbolos uma ponte que permite o religar entre o humano e a transcendência. O imaginário e os símbolos presentes em cada religião permitem também fortalecer as ligações entre seus membros, apontando de forma imagética para fundamentos que caracterizam a cosmovisão daquela religião e seu funcionamento e criando sensações de pertencimento.”

Na Umbanda, se acredita que a aproximação das entidades modifica a energia

dos médiuns. Incorporar uma entidade provoca modificações na personalidade do médium desenvolvente, pois a energia da entidade imanta o médium e provoca modificações em seu agir. Considera-se na Umbanda que os seres humanos possuem um corpo energético, além do corpo físico, e que esses dois corpos funcionam como um todo integrado. No início do processo de incorporação as modificações tendem a aparecer de forma mais brusca, causando estranhamento; e mais restritas temporalmente. Os médiuns mais experientes relatam modificações de personalidade mais constantes, e modificações mais sutis.

Existem muitos tipos de mediunidade e cada uma delas traz características próprias, dando ao médium o suporte necessário para o seu evolutivo e que se se bem trabalhada será de grande valia para o seu crescimento, mas quando usada de forma errada é a primeira coisa a nos afastar da luz.



Legenda: preparação para a gira e para os atendimentos mediúnicos.



..... O USO DO CONTRA-EGUM

O "Contra-Egum" é um traçado de palha da costa trazido ao Brasil pelas religiões afrodescendentes. Serve para proteção contra espíritos desencarnados que atuam em baixo astral, desordem, ou em palavras populares: zombetagem. Esse traçado pode ser posto no braço, no tornozelo e/ou na barriga.

Segundo os mais antigos, ele pertence à família Iji. É de grande significado, pois

com suas rezas e posteriormente com sua imantação através de determinadas ervas e rituais, ele dificulta a ligação energética de determinadas faixas de espíritos.

Há algumas discussões sobre a utilização desta ritualística na Umbanda. O contra-Egun é um procedimento ritualístico vindo dos africanos, praticado nos cultos aos Orixás e usado em iniciados. Dentro desta cultura, a palavra "Egun" significa "Desencarnado", portanto, todo espírito que já esteve em processo de encarnação, após desencarnar se torna um egun, independentemente de seu grau de elevação na espiritualidade.



Já na Umbanda não nos referimos aos nossos guias espirituais como eguns, simplesmente pelo fato de não dizer que o guia é somente um desencarnado, mas sim um espírito elevado e capacitado. Sendo assim, o choque cultural pode ser mal compreendido entre as partes, gerando uma discussão sem propósito.

Apesar da origem do contra-Egun, não é a sua raiz que o torna sagrado e sim as preces e imantações energéticas nele aplicados, então, se um contra-egun for cruzado dentro de um terreiro de Umbanda, por uma Entidade, é certo de que ele exercerá o papel controlador de incorporações desequilibradas.



Daí a pergunta que não cala, se cultuamos desencarnados/Eguns (Guias espirituais), como se usa um contra-egun que afastaria qualquer tipo de desencarnado, não seria um tanto contraditório? A resposta é simples, não! Umbandistas que não se baseiam nos Orixás através da filosofia candomblecistas e sim através do que é realmente o Orixá e historicamente através do povo africano, fazem este procedimento sem problema algum em sua interpretação. (CASA DE SANTO FILHOS DO AXÉ, 2022)

O Orixá perante cada um de nós é a nossa ligação direta com a natureza, com o princípio, é a nossa força natural que através de nossa cabeça (Orí) nos faz nascer e nos mantêm vivos, a tradução da palavra "Orixá" já nos dá esta resposta: "Força da cabeça"! Portanto, para nos manter equilibrados é necessário que nosso orí esteja em harmonia, ou seja, que nós estejamos em harmonia com a nossa natureza, com nosso Orixá. Sendo assim, o contra-egun é uma ferramenta equilibradora quando nós não estamos em harmonia com a nossa essência.

Sempre que formos a algum lugar infestado de energias negativas Ex: cemitérios, hospitais, presídios, ou qualquer lugar que você sinta a necessidade, até mesmo em visitas em outras casas. Não existe restrição você pode usá-lo sempre.



NOSSAS FIRMEZAS

Uma firmeza ou assentamento vibratório é um centro de influência magnética, ou seja, de concentração de axé. Sua principal função é potencializar uma determinada vibração “materializando” no duplo etéreo dos elementos arrumados e dispostos, devidamente consagrados e ritualizados, criando potentes campos de forças que funcionam como verdadeiros portais.

Qualquer tipo de firmeza é uma conexão mental, um ponto de equilíbrio com o plano espiritual. É um ponto focal de direcionamento dos pensamentos, fortalecidos quando os adeptos estão em sintonia com as vibrações das entidades que dão cobertura astral ao terreiro.



CUMEEIRA

A Cumeeira é uma das firmezas principais numa casa de axé e na Casa de Mãe Iemanjá essa é uma verdade. Isso se deve ao fato de a cumeeira é o ponto central de energia do terreiro, cabe a essa firmeza a difícil tarefa de sustentar os baques energéticos causados pelas demandas ou atendimentos e, ao mesmo tempo emanar a energia que irá conduzir os trabalhos da casa.

Assim como todos os tipos de firmezas, a cumeeira nasce através de diversos rituais e do encantamento de elementos materiais que juntos agregam a energia necessária para sustentar a força do orixá que irá responder por ela. Portanto, de tempos em tempos ela precisa ser recarregada, assim como qualquer outra firmeza.

Entre outras particularidades, contam os mais velhos que a cumeeira deve ser oferecida mais resistentes e poderosos, sendo em especial indicado Xangô e Oxóssi.

Na casa de Mãe Iemanjá nossa cumeeira pertence a Ayrá e protege a coroa de todos os filhos, pois está assentada num ponto estratégico para receber e emanar as energias sobre todas as coroas consagradas no terreiro.

Representando o Orum (morada os Orixás) é a cumeeira o ponto de entrada das energias emanadas por tais divindades e por isso deve ser reverenciada e cuidada por todos os filhos.



AXÉ DA CASA

Para falar da firmeza axé da casa, primeiro precisamos entender o que é axé. Segundo Barros (2018) o termo axé descreve um poder invisível que transmite energia divina e intocável que as pessoas só pressentem. É a força que produz o crescimen-

to, sem o axé nada existe, nada se harmoniza nem se interliga, pois ele é quem faz as coisas acontecerem.

Tudo dentro de um terreiro de Umbanda produz axé e sem ele não há comunicação entre os mundos materiais e imateriais. É essa energia que transforma o material em algo sobrenatural.

O Axé da Casa é uma firmeza que alimenta a energia do chão do terreiro, servido de meio de absorção da sobrecarga gerada durante os atendimentos e como alimento e equilíbrio para a sustentação das demais atividades da casa.

O Axé da Casa tem ligação direta com a sacerdotisa do terreiro, respondendo a ela e indicando quais os filhos que precisam de maior cuidado ou quais os pontos de desequilíbrio da casa, também está diretamente relacionado ao processo de incorporação, pois toda e qualquer energia passa pela vibração dessa firmeza e por ela é sustentada.



ATABAQUES

Apesar de não ser uma obrigatoriedade para as ritualísticas praticadas na Umbanda os atabaques dentro da Casa de Mãe Iemanjá tem grande representatividade e é um dos principais pontos de firmeza do terreiro, devendo este ser respeitado como tal.

Para serem destinados à chamada dos Guias e Orixás esses instrumentos são preparados, ou seja, lavados com ervas, recebem oferendas e são entregues aos seus devidos Orixás, sendo eles: Rum (o maior) a Xangô, Rumpi (o médio) a Ogum e Lé (o menor) a Oxóssi.

Assim como todas as firmezas de um terreiro, os atabaques também devem ter suas forças renovadas de tempo em tempo e normalmente “se recolhem” junto com a sacerdotisa da casa, recebendo as mesmas oferendas, banhos e cuidados que a mãe durante o recolhimento.

A formação ideal para os atabaques seria essa, apenas 3 instrumentos devidamente organizados, mas por diversos motivos isso pode ser impossível.

O responsável pelo atabaque é o Ogan, esse filho (normalmente do sexo masculino) dedica a sua mediunidade a auxiliar na comunicação do entre o mundo material e o sobrenatural, por isso, é considerado um pai, pois ensina e cuida de todos durante os trabalhos, doando a sua energia para que a gira ocorra da melhor forma possível.



Na Casa de Mãe Iemanjá o cargo de Ogan, assim como outros, é nomeado pelo patrono da casa Sr. Martim Pescador e para exercê-lo é preciso passar por um processo de consagração.

Segundo a RADIO VINHA DE LUZ (2022) outra curiosidade sobre o atabaque é que as religiões de matrizes africanas há tempos vêm resgatando alguns elementos que porventura ficaram esquecidos dos meados do ano de 1830 há-te o ano atual. Orixá “ÀYÀN”, orixá do tambor, é um desses elementos.

A força espiritual contida no tambor e que o consagra e é chamado de “Ayan” ou “Ayon” O Orixá do tambor. Para que alguém possa ser iniciado para Ayan e tocar o atabaque, deve cumprir rígidos rituais religiosos. No Brasil essa tradição praticamente perdeu-se, mas foi mantida na Nigéria e Benin a Terra Yorubá e em Cuba. O iniciado recebe a força espiritual necessária para tocar os tambores da forma correta, para que estes possam “falar” com os Orixás, chamando-os para as cerimônias a eles dedicadas. Ayan representa a expressão sonora das divindades; e o símbolo do tambor que serve como depositário dos poderes divinos e ele é o veículo que le da voz.

Na Casa de Mãe Iemanjá não existe o culto a Ayan e não temos ainda o conhecimento necessário para nos aprofundarmos em tal conhecimento, porém é sempre importante reconhecermos nossas raízes.



CONGÁ

A palavra “congá” é de origem banto e é utilizada no ritual de umbanda para denominar o “altar sagrado” do terreiro.

O objetivo de se ter um altar num templo religioso é que ele se torna um ponto de força poderosa ao local, funcionando eletricamente como um portal, irradiador de



Legenda: congá da Casa de Mãe Iemanjá

energias positivas e facilitando o contato com esferas espirituais e dimensões paralelas à nossa, o que já é um fundamento. Isso ocorre porque é através de um apelo visual (as imagens e os demais itens que compõe o congá) que nos ligamos mais facilmente a nossa fé e ativamos o divino dentro de nós. Durante uma gira o congá é o espelho que reflete todo o axé produzido nos trabalhos.

As velas colocadas (firmadas) com amor e fé estabelecem um elo maior e abrem o acesso à dimensão divina habitada pelas entidades.

As estátuas ajudam a elevar as vibrações mentais, pois ao olhar para elas começamos a nos lembrar da doutrina salutar e ensinamentos associados, aumentando a conexão da pessoa com tudo o que a estátua representa.

As pedras e conchas são condensadoras de energia e possuem vibração única, podendo trazer a força da natureza e dos sítios, aos quais foram retiradas, para dentro do ambiente e têm ligação com os Orixás que trabalham para a harmonização das vibrações do planeta.

A água é o princípio da vida e da geração. Além disso, é um condutor universal de energia. As flores e as ervas trazem as essências balsâmicas e curadoras que agem tornando o ambiente muito mais “leve” e benéfico. Trazem a ligação com o “espírito coletivo” ao qual fazem parte e se bem tratadas aumentam nosso benefício em sua convivência.



QUARTO DE OXALÁ

O quarto de Oxalá, também chamado em nagô de peji é o local onde ficam guardados os assentamentos de alguns Orixás do axé e as quartinhas dos filhos da casa. É o local mais sagrado do terreiro, onde recebem as principais oferendas e objetos de culto. Deve ser o local de máximo respeito, mas não o único, pois os Orixás estão em toda a parte, em todo o local.

Na Casa de Mãe Iemanjá todas as festas fazemos diversas comidas para os Orixás e para distribuição durante todas as festas. Religião é fartura e quanto mais distribuimos mais recebemos, pois o axé se potencializa, se move e desenvolve. Na religião africana sempre se recebe o que se doa, se doamos doçura recebemos doçura, se distribuimos fartura também receberemos fartura em nossas casas. Doar alegria é receber alegria.

O quarto de Oxalá tem uma função muito



Legenda: quarto de Oxalá.

parecida com o Congá, mas ele absorve e filtra todas as energias recebidas dentro do terreiro, gerando uma barreira energética e protegendo todas as quartinhas, portanto, coroas que estão alocadas nele. Mas também alimenta essas energias sempre que recebe as oferendas nele colocadas.



CASINHA DOS ORIXÁS E GUIAS

A casinha dos Orixás é um ponto de força que vibra exatamente com a energia daquele Orixá e sua linha de trabalho da Umbanda. Esse espaço é essencial para o fortalecimento do terreiro no que tange a trabalhos de limpeza e desobsessão.

Esses assentamentos vibratórios, como os demais, devem estar sempre limpos, com suas devidas oferendas e velas, garantindo que o axé naquele local seja sempre renovado.



QUARTO DE EXU

O quarto de Exu é um portal em que os espíritos enfeixados na irradiação de Exu trabalham, numa outra dimensão, mas com atuação direcionada par ao Plano Físico, de proteção e guarda do terreiro. Esse ponto de força funciona como um para-raios, é um portal que impede as forças hostis se servirem do ambiente religioso de forma deturpada.

Os espíritos que atuam como Exus utilizam-se da volatilização dos elementos dispostos na tronqueira para beneficiar aos trabalhos que são realizados dentro do templo. Assim, anulam as forças negativas que possam atrapalhar o bom caminhar da gira.



O IPADÊ NA CASA DE MÃE IEMANJÁ

O Ipadê é um ritual específico que ocorre no início das giras da Casa de Mãe Iemanjá. Por ter a sua finalidade ligada ao Orixá Exu ele é bastante incomum na maior parte das casas de Umbanda, já que graças ao sincretismo a imagem dessa divindade foi bastante deturpada.



Legenda: preparação do ipadê.

Segundo Barros (2018) trata-se de uma cerimônia que tem por objetivo a reunião e o encontro de poderosas forças divinas. Esta “reunião” é presidida pelo orixá Exu, que exerce seu papel de mensageiro e intermediador do Orum e Aye, garantindo que naquele local todas as divindades e espíritos terão um caminho para se manifestarem e promovendo o equilíbrio necessário para que os trabalhos ocorram de forma harmônica. É um ritual que homenageia todos os representantes das ancestralidades feminina e masculina e orixás específicos como as Yamins Oxorongás (as grandes mães feiticeiras).

No que tange a Casa de Mãe Iemanjá o ritual do Ipadê faz referência também aos Exus protetores da porteira, ou seja, aos guias que trabalham na linha da esquerda e que garantem a segurança espiritual da corrente. Neste ponto, é muito importante compreender que a ligação entre o Orixá e as entidades deve ser respeitada e compreendida desde o primeiro momento.

Para a realização do Ipadê, no centro do terreiro, são colocados uma vela, uma quartinha de barro com água e um alguidar com padê (prato feito com farinha de mandioca), os filhos devem se organizar ao redor desses itens, rodando e cantando as cantigas próprias do ritual. Essas etapas e itens tem a finalidade de abrir um vórtice de energia que permitirá a todas as firmezas do terreiro vibrarem em maior harmonia e alimentarem a energia da gira.

Por se tratar de fé, muitas coisas que ocorrem no terreiro são complicadas de serem explicadas pela razão, o ipadê e a relação com Exu é uma delas, por isso gostaria de compartilhar um conto para a compreensão desse ritual.

>> As portas do Orum

Foi mais uma noite de festa naquele terreiro, todos os filhos atentos aos seus afaze-



res. Enquanto isso no meio da rua Exu passou despercebido pelos olhares dos mais atarefados, mas nada se esconde do seu pensamento.

Sem ao menos se darem conta, corrente ou assistidos, tinham seus corações pesados, não há como mentir para Exu, de Exu nada se esconde!

Essa foi essência daquela reunião, a justiça transparente de Xangô! Para isso, todos tiveram suas verdades reveladas, a fim de compreenderem a sua trajetória e merecimento nesse caminho evolutivo chamado Umbanda.

As rezas começaram. Pouco a pouco um portal se formou dentro da quartinha depositada ao centro do terreiro e enquanto os filhos rodavam ao seu redor, seus corações começaram a vibrar na mesma frequência dos pontos ali cantados.

Neste momento, Exu deixou de ser apenas um observador atento e tomou o seu lugar de direito. Ele se direcionou ao centro da casa de axé e ali avaliou a verdade de cada filho em seu canto, em seu pedido, em sua prece.

Exu tomou a sua decisão, o senhor da comunicação ampliou o portal que se abriu e o fez girar com os filhos ali presentes. Exu dança, tropeça sem seus pés e sorri com alegria. Agora tudo é festa e gargalhadas, agora Exu está trazendo o seu axé.

A energia explodiu e tudo dentro daquela casa vibrou, emitindo cores e luzes que indicavam aos habitantes do plano espiritual que ali seria um lugar de curas emocionais, ali seria um lugar onde todos são bem-vindos e onde habita a fé.

Com a permissão de Exu, o terreiro foi invadido por muitos Guardiões, pelos Exus e Pombogiras da Lei de Umbanda que juraram proteger aquela casa. Estes se colocaram a direita e à esquerda de cada porta.

Na assistência mais Guardiões da luz começaram a limpar toda a sujeira emocional que abalava aos ali presentes. Foi então se que ouviu uma forte gargalhada e um vento varreu os obsessores que ainda persistiam em lutar contra a força dessa luz.

O Ogan gritou: “Maria Padilha, Maria!” E a alegria invadiu aos corações, as mulheres sentiram-se mais vivas e os homens tinham mais brilho no olhar. Eram as Pombogiras e suas chamas astrais que limpavam cada canto do terreiro, eliminando todas as energias que não tinham a permissão de permanecer.

Corações acelerados, mentes e almas ligados, uma corrente se formou. Ouviu-se o canto: “tem ladeira no caminho, esse congá tem segurança” e da rua Exu sorriu, olhou para os filhos daquela casa e com a cabeça acenou que sim, aquele congá tem a sua proteção e, portanto, tem segurança.

Satisfeito, ele abriu as portas do Orum para que os Orixás pudessem dançar com os homens uma noite mais.

Ya Tati de Iemanjá – Casa de Mãe Iemanjá



O JOGO DE IRUGBIN

A Umbanda que a gente toca lá em casa é cheia de mistérios e surpresas. Cada dia ao lado das Entidades que trabalham na Casa de Mãe Iemanjá, novos conhecimentos se achegam e, ao mesmo tempo uma série de preconceitos se quebram.

O patrono deste templo, Martim Pescador, em vida foi um baiano, pescador numa comunidade ribeirinha, pai, capoeirista e, quando adulto, já com certa idade, viveu no Maranhão. Líder nato e bastante carismático, não demorou para que ele se encontrasse na cultura religiosa local e, assim, em seus anos de vida seguintes, ele adquiriu um grande conhecimento sobre costumes e rituais que são mais raros na região paulista.

Talvez seja por isso, ou por tantos outros motivos que são incompreensíveis nesse momento, que dentro do chão a ele pertencente (a Casa de Mãe Iemanjá) acontecem coisas, se aprendem coisas que ensinam a seus filhos a humildade de reconhecerem-se como meros aprendizes, de reconhecerem que a Umbanda é um caminho evolutivo e diversificado, que aceita para si mais do que os próprios umbandistas estão dispostos a aceitar.

Foi assim que Martim Pescador trouxe para a Casa de Mãe Iemanjá o Irugbin, um oráculo pertencente, às filhas de Iemanjá e Oxum, que utiliza das sementes de Guapuruvu (fava-divina) para comunicar-se com os Orixás e as Entidades dentro dos fundamentos da Casa de Mãe Iemanjá.

Por ser um oráculo pertencente ao antigo e extinto culto da Mãe d'Água, realizado no nordeste do Brasil, seu conhecimento em outras regiões é bastante restrito, sendo até mesmo cogitado como um oráculo pertencente a Jurema e seus Mestres.

No que tange a visão trazida pelo Baiano Martim Pescador, entendemos que a visão e interpretação do Irugbin só é concedida as mulheres e filhas de Iemanjá e Oxum, justamente por essas Orixás serem as “sereias” da religiosidade brasileira e, pelo culto a Mãe d'Água estar intimamente ligado a esse personagem do folclore e religiosidade crença popular.

Quanto ao fato da leitura ser realizada pelo Baiano Martim Pescador na Casa de Iemanjá, quando idagado a resposta foi simples: eu sou o mestre que pode trazer esse conhecimento e a ela a filha de Iemanjá que terá que aprender.

Para realizar o jogo primeiro é feito o cálculo de Odu e posteriormente o jogo em si.



Legenda: irugbin

Nele se apresentam os Orixás que regem a coroa e a vida dos filhos, qualidades de Orixás, situações peculiares da vida e possíveis obrigações.



POR QUE BATEMOS PAÓ?

O Paó (pronuncia = paô) é uma sequência ritmada de palmas, muito utilizada nos rituais da Casa de Mãe Iemanjá. Ela é dada numa sequência de 3 palmas seguidas por 7 palmas, sendo repetidas 3 vezes.

É uma palavra em yorubá que significa: “pa” = juntar uma coisa com outra; “o” = para cumprimentar... Essa palavra é uma contração de ipatewó que significa aplauso.

É um gesto que serve como sinal de que se é preciso comunicar alguma coisa, mas não se pode falar. É usado também como saudação para orixá, dentro deste conceito representa o respeito, reverência e submissão do iniciado perante o mistério do Orixá, despertando suas energias e o evocando; uma maneira de dizer “aqui estou para reverenciá-lo, por favor olhe por mim”.

Este gesto milenar remete ao som da chuva caindo sobre o solo e batendo no barro, fazendo com que a natureza dê frutos, germine, fertilize e crie vida.



ACORDAR EXU

O assentamento de Exu é uma das principais firmezas da Casa de Mãe Iemanjá, ele é composto de forças materiais e sobrenaturais, gerando uma união perfeita para garantir o bom andamento das giras e trabalhos. Pessoas selecionadas (por tempo de terreiro e cargos), que participaram da confecção da firmeza tem a capacidade de acordar Exu com o seu hálito através de rezas e do cuspe.





Bibliografia

- BARROS, M.. O candomblé bem explicado: nações bantu, iorubá e Fon. 1ª Ed.: Rio de Janeiro-RJ. Editora Pallas, 2009.
- CARNEIRO, L. J.. Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica. 1ª Ed.: Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 2014.
- COZTA, A.. Umbanda: uma escola evolutiva. 1ª Ed.: São Paulo – SP. Editora Madras, 2017.
- CUMINO, A.. A Umbanda e o umbandista: quem é e o que é?. 3ª Ed.: São Paulo – SP. Editora Madras, 2017.
- CUMINO, A.. Umbanda e o sentido da vida: mediunidade de incorporação como produtor de sentido para a vida na umbanda. 1ª Ed.: São Paulo – SP. Editora Madras, 2018.
- D' ARRUDA, G.. Umbanda gira!. 1ª Ed.: Rio de Janeiro – RJ. Editora Pallas, 2010.
- GOMES, S. B.V.. O ritual de umbanda: fundamentos esotéricos. 1ª Ed.: São Paulo – SP. Editora Tecnoprint S.A., 1989.
- LIGERIO, Z.. Iniciação a Umbanda. 1ª Ed.: Rio de Janeiro - RJ. Editora Pallas, 2018.
- LINARES, R. A... Iniciação a Umbanda. 1ª Ed.: São Paulo – SP. Editora Madras, 2010.
- MARTINS, G.. Umbanda e meio ambiente: ações sustentáveis e novos paradigmas. 1ª Ed.: São Paulo- SP. Editora Ícone, 2014.
- OMULUBÁ. Magia de umbanda: instrução religiosa. 5ª Ed.: São Paulo- SP. Cristális, 2002.
- PEIXOTO, N.. Iniciando na Umbanda: a psicologia dos Orixás e dos cristais. 2ª Ed.: Porto Alegre – RS. Legião Publicações, 2017.
- PEIXOTO, N.. Orixás e os ciclos da vida. 3ª Ed.: Porto Alegre – RS. Legião Publicações, 2017.
- PENTEADO, F.. Povo de Aruanda: manual de orixás e guias espirituais. 1ª Ed.: São Paulo-SP. Nova Senda, 2016.
- SARACENI, R.. Umbanda sagrada: religião, ciência, magia e mistérios. 8ª Ed.: São Paulo - SP. Editora Madras, 2019.
- SARACENI, R.. Orixás: teogonia de Umbanda. 4ª Ed.: São Paulo - SP. Editora Madras, 2012.
- SILVA, V.G.. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. 5ª Ed.: São Paulo - SP. Selo Negro, 2005.
- SILVA, W.W. da M.. Umbanda de todos nós. 17ª Ed.: São Paulo - SP. Editora Ícone, 2016.
- CASA DE MÃE IEMANJÁ. Apostila: as ervas e o axé. 1ª Ed.: São Paulo-SP, 2021.
- CASA DE MÃE IEMANJÁ. Apostila: Tipos de Mediunidade. 1ª Ed.: São Paulo-SP, 2021.
- BARROS, C.S.. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, NATAL - RN 2013: AS ENTIDADES 'BRASILEIRAS' DA UMBANDA E AS FACES INCONFESSAS DO BRASIL. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364315430_AR-QUIVO_AsEntidadesBrasileirasdaUmbandaeasFacesInconfessasdoBrasilSimposioANPUH.pdf. Acessado em 13/02/2022
- UMBANDA EU CURTO. Guias de Umbanda. Disponível em: <https://umbandaeucurto.com/guias-de-umbanda/>. Acessado em 13/02/2022
- RADIO VINHAS DE LUZ. A história de ayon o orixá tambor. Disponível em: <https://radiovinhadeluz.com.br/noticia/29216/a-historia-de-ayon-o-orixa-do-tambor>. Acessado em 13/02/2022
- UMBANDA E SEUS MISTÉRIOS. Importância do congá. Disponível em: <http://tate-umbandaeseusmisterios.blogspot.com/2010/06/importancia-do-conga.html>. Acessado em 13/02/2022
- ILE ORIXÁ. O quarto de santo. Disponível em: <https://ileorixa.com.br/wp/o-quarto-de-santo/>. Acessado em 13/02/2022
- CENTRO ESPIRITUA URUBATAN. Defumação. Disponível em: <http://www.centroespiritaurubatan.com.br/fundamentos/defumacao.html>. Acessado em 13/02/2022
- UMBANDA EAD. Defumação no terreiro de umbanda. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2016/09/20/defumacao-no-terreiro-de-umbanda/>. Acessado em 13/02/2022
- RAQUEL CAIN. Folhas e ervas dos orixás. Disponível em: <https://raquelcain.wordpress.com/folhas-e-ervas-dos-o->



rixas/. Acessado em 13/02/2022

PERDIDO.COM. Magia de umbanda banhos de ervas. Disponível em: <https://perdido.co/2015/10/magia-de-umbanda-banhos-de-ervas/>. Acessado em 13/02/2022

CENTRO ESPÍRITA URUBATAN. Banhos da umbanda. Disponível em: <http://www.centroespiritaurubatan.com.br/fundamentos/banhos-da-umbanda.html>. Acessado em 13/02/2022

PAI MANECO. Cambones. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/filosofia/cambones/>. Acessado em 13/02/2022

SANTUÁRIO DE UMBANDA. Guias de trabalho e proteção. Disponível em: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/2019/06/06/guias-de-trabalho-e-protecao-utilidades-e-cuidados/>. Acessado em 13/02/2022

UMBANDA EAD. Cambone o pilar da umbanda. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2016/10/27/cambone-o-pilar-da-umbanda/>. Acessado em 13/02/2022

UMBANDA EU CURTO. Pontos riscados na Umbanda entendendo o básico. Disponível em: <https://umbandaeurto.com/pontos-riscados-na-umbanda-entendendo-o-basico/>. Acessado em 13/02/2022

CENTRO ESPIRITUAL URUBATAN. Pontos cantados. Disponível em: <http://www.centroespiritaurubatan.com.br/fundamentos/pontos-cantados.html>. Acessado em 13/02/2022

UMBANDA E CANDOMBLÉ. Preceitos. Disponível em: <http://umbanda-candomble.comunidades.net/preceitos>. Acessado em 13/02/2022

CASA DE SANTO FILHOS DO AXÉ. Contra-egum. Disponível em: <https://www.casadesantofilhosdoaxe.com.br/contra-egum/>. Acessado em 13/02/2022

CANDOMBLE PARA LEIGOS. O que é e para o que serve o paó? Disponível em: <http://candombleparaleigos.blogspot.com/2011/08/o-que-e-e-para-que-serve-o-pao.html>. Acesso em 21 /02/2022.

CANDOMBLÉ DA BAHIA. Cumprimentos no axé. Disponível em: [https://candombledabahia.wordpress.com/2012/08/14/cumprimentos-no-axe-pao/#:~:text=O%20Pa%C3%B3%20\(pronuncia%20%3D%20pa%C3%B4\),se%20comunicar%20por%20algum%20motivo](https://candombledabahia.wordpress.com/2012/08/14/cumprimentos-no-axe-pao/#:~:text=O%20Pa%C3%B3%20(pronuncia%20%3D%20pa%C3%B4),se%20comunicar%20por%20algum%20motivo) . Acesso em 21/02/2022.